

Sexta-feira
1 Maio 2009

www.ipsilon.pt

Publinter
P

*Viagem ao universo de Stephenie Meyer,
a autora de "Crepúsculo"*

Morde-me, mas pouco

ípsilon

Alain Buffard Boris Charmatz Melingo Sara Tavares Leila Guerriero

QUANTAS VEZES JÁ VIU
A TERRA SER SALVA DE UM
METEORITO GIGANTE

POR UM FUNCIONÁRIO
PETROLÍFERO?

Série ípsilon.

**Troque o seu filme
de sábado à tarde
por uma série
premiada.**

Não perca, sábado dia
02 de Maio, o DVD
"CALIFORNIA DREAMIN'",
de Cristian Nemescu.

Só ao sábado,
por apenas mais

€1,95
com o Público

P
Público

PREMIADO EM CANNES 2007 - UN CERTAIN REGARD
BRUSSELS EUROPEAN FILM FESTIVAL 2007 - MELHOR FILME
LONDON FILM FESTIVAL 2007 - PRÉMIO SATYAJIT RAY
MOLODIST INTERNATIONAL FILM FESTIVAL 2007 - FIPRESCI PRIZE
E SPECIAL JURY PRIZE
RIVERRUN INTERNATIONAL FILM FESTIVAL 2008 - PRÉMIO DO JÚRI
E PRÉMIO ESPECIAL DO JÚRI



Vai ver se eu estou online!



Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Sumário

Luz e Escuridão 6
O que está por detrás do fenómeno que começou com "Crepúsculo"?

Johnny Cash 12
"Johnny Cash At Folsom Prison", documentário no Índie, recria a cristalização do mito do "Man In Black"

Kenneth Anger 14
Artistas e ensaístas à volta deste "papa" do "underground"; ciclo em Lisboa e Porto

Sara Tavares 16
Cabo Verde à maneira dela

Jeanne Balibar e Boris Charmatz 24
Ela vai ao volante, ele fecha-se na mala em "La Danseuse Malade"

Alain Buffard 25
Dança conosco - e com a memória do cinema musical - até ao fim do amor

Leila Guerriero 26
Um dos expoentes do "boom" da crónica latino americana

Ficha Técnica

Director José Manuel Fernandes
Editores Vasco Câmara, Joana Gorjão Henriques (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Inês Nadais, Oscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Jorge Guimarães, Mariana Soares
E-mail: ipsilon@publico.pt



António Lobo Antunes é descrito como alguém que "permanece obsessivamente local, preocupado com as dores herdadas da história portuguesa e as debilidades culturais do país"



Lou Reed, Edie Sedgwick, Denis Hopper e Jane Holzer nos momentos de "revelação" filmados por Andy Warhol nos anos 1960



Nico, Lou Reed, Edie Sedgwick, Dennis Hopper.. com música

Treze dos "screen tests" que saíram da Factory de Andy Warhol dos anos 1960 - Warhol montava a câmara de 16 mm, a "estrela" ou aspirante a isso sentava-se e aguentava, durante dois minutos e meio, o silêncio, o vazio como podia... - vão ser apresentados em filme concerto. "13 Most Beautiful... Songs for Andy Warhol's Screen Tests", projecto comissariado pelo Andy Warhol Museum e Pittsburgh Cultural Trust, apresenta esses testes de imagem,

momentos de "revelação", onde aparecem Nico, Lou Reed, Edie Sedgwick, Dennis Hopper, Paul America, Jane Holzer, Ingrid Superstar ou Mary Woronov, com música tocada ao vivo pelo duo Dean & Britta: Dean Wareham, que integrou os Galaxie 500, banda indie norte-americana, e Britta Phillips, ex-Luna. Isto vai acontecer no 17º Curtas de Vila do Conde Festival Internacional de Cinema (de 4 a 12 de Julho), na secção REMIXED, que explora as relações do som, música e

imagem em movimento. A mesma onde o festival apresenta ainda filmes-concerto de Paulo Furtado (Legendary Tiger Man) e do brasileiro Vinicius Cantuária, com o músico japonês Takuya Nakamura. O festival encomendou a Furtado, acompanhado por mais três músicos, a interpretação de uma banda sonora original para "Tabu"(1931), de

Murnau. Quanto a Cantuária terá uma dupla apresentação no 17º Curtas: partilhará o palco com Nakamura (uma encomenda do Curtas, que alia a electrónica à banda sonora dos filmes "Ny Ny", 1957, de Francis Thompson e "Manhatta", 1920, de Paul Strand e Charles Sheeler) e apresenta o mais intimista "Filme Imaginário".



Warhol montava a câmara de 16 mm e a estrela aguentava

"New Yorker" publica extenso artigo sobre Lobo Antunes

A revista "New Yorker" publicou ontem, na sua versão on-line, um extenso artigo sobre António Lobo Antunes, assinado por Peter

Conrad, que descreve o romancista português como alguém que "permanece obsessivamente local, preocupado com as dores herdadas da história portuguesa e as debilidades culturais do país". O contrário de Saramago, sugere Conrad, cujas "parábolas seculares, geralmente localizadas em países imaginários, zarpam facilmente para a

universalidade". Lobo Antunes, diz o crítico, "tal como o Stephen Dedalus de Joyce, que queria assumir as dores da Irlanda, almeja ser uma consciência nacional, relembrando aos seus compatriotas untuosamente prosperos o seu vergonhoso passado - uma herança de culpa deixada pela ditadura de Salazar (...) e pela brutalidade do seu

regime colonial em África". Ilustrado com um desenho do cartoonista André Carrilho, que mostra Lobo Antunes num banco público do Terreiro do Paço junto à estátua equestre de D. José, o artigo de Conrad deverá sair no próximo número em papel desta prestigiada revista literária dos Estados Unidos. Lembrando dos vários prémios europeus →

← conquistados pelo escritor, e afirmando que este é igualmente “bem conhecido do leitor americano”, o autor do texto diz, no entanto, que Lobo Antunes é “ofuscado pelo seu colega mais velho, José Saramago, que ganhou o prémio Nobel em 1998”. Mostrando conhecer os bastidores dos meios literários portugueses, Conrad acrescenta que, à semelhança de “partidos políticos rivais ou equipas desportivas”, ambos dispõem de “partidários ruidosos”, e que os de Lobo Antunes afirmam que “o Nobel foi ganho pelo homem errado”. Não é a primeira vez que Peter Conrad, um académico australiano há muito radicado nos Estados Unidos, escreve sobre figuras portuguesas. No jornal inglês “The Observer”, com o qual também colabora regularmente, dedicou, em 2006, um artigo a José Mourinho, então treinador do Chelsea, sugestivamente intitulado “O Grande Ditador”.

Novo festival de músicas do mundo traz Hermeto Pascoal a Portugal

A região de Aveiro começa a definir-se como uma activista na divulgação das músicas do mundo. Ao Sons em Trânsito junta-se agora o Festim, festival que entre Junho e Julho vai trazer a sete municípios - Águeda, Sever do Vouga, Estarreja, Ovar, Oliveira do Bairro, Albergaria-a-Velha e Aveiro - nomes importantes da world music, como Hermeto Pascoal, Manecas Costa ou Le Vent du Nord.

A iniciativa partiu da associação cultural D'Orfeu, que já organizava em Águeda o Festival Temático das Músicas do Mundo. Na verdade, o Festim é o resultado da extensão daquele festival e o “objecto mais visível” de uma parceria entre Águeda, Sever do Vouga, Estarreja e Ovar nos domínios da “formação, criação e programação artísticas”, explica o Ípsilon Luís Fernandes, director da D'Orfeu. Um festival anual intermunicipal e “em rede” tem as suas vantagens: através de “uma programação partilhada conseguem-se mais concertos, sinergias de público e, com um orçamento pequeno, um cartaz apelativo”, diz Luís Fernandes. Na primeira edição do Festim há “meio mundo representado”. A abrir, no Cine-Teatro de Estarreja, a 29 de Maio, vai estar o guineense Manecas Costa, com os ritmos jubilosos da música crioula gumbé. António Rivas vai apresentar em Ovar, dia 5 de Junho, e em Sever do Vouga, dia 6, o vallenato, género musical colombiano que tem o swing exótico do acordeão como denominador principal. Já os holandeses Amsterdam Klezmer Band levam a Estarreja, dia 10 de

Hermeto Pascoal: o multi-instrumentista (e experimentalista) brasileiro vai a Estarreja, Ovar e Sever do Vouga



Junho, a Ovar, dia 12, e a Sever do Vouga, dia 13, o fulgor festivo dos sons gypsies. O artista que se segue é “um amor antigo” da D'Orfeu: o multi-instrumentista (e experimentalista) brasileiro Hermeto Pascoal, com a cantora Aline Moreira, que vai a Estarreja, Ovar e Sever do Vouga, dias 18, 19 e 20 de Junho, respectivamente. Estas duas últimas localidades recebem, a 26 e 27 de Junho, o folk expansivo quebequiano dos Le Vent du Nord, em estreia em Portugal. Em Julho, dia 3 em Estarreja e dia 4 em Sever do Vouga, os Musafir - Gypsies of Rajasthan montam o seu teatro de harmonias típicas da cultura hindu. Dia 9, em Águeda, o espanhol Kera Junkera, que, por meio da trikixixa (concertina basca), trava diálogos com tonalidades sonoras de todo o mundo. O Festim encerra em Aveiro, a 24 de Julho, com os Amsterdam Klezmer Band. Mariana Mesquita Duarte

Elton John, Paul McCartney e Mick Jagger estão um bocadinho mais pobres

A recessão económica já anda a espertear as fortunas das estrelas rock e a provocar danos. Segundo a lista dos músicos mais ricos de 2009 divulgada esta semana pelo “Sunday Times” Elton John, Paul McCartney e Mick Jagger estão um bocadinho mais pobres. As riquezas dos músicos que mais vendem encolheram cerca de dez por cento, o que corresponde à perda de alguns milhões. Elton John é o mais afectado: viu desaparecer dos bolsos cerca de 195 milhões de euros. No entanto, o autor de Rocket Man não se pode queixar muito. Com uma fortuna pessoal nos 262 milhões de euros - igual à de Keith Richards -, não será preciso fazer esforços para

O novo filme de Coppola é um filme semi-autobiográfico



irmãos, filhos de uma família de imigrantes italianos na Argentina. Intérpretes: Vincent Gallo, Aiden Ehrenreich, Carmen Maura e Klaus Maria Brandauer. Coppola explica ao “Hollywood Reporter”: “Apreciei o convite [para a competição], mas este é um filme independente, financiado por mim e por mim distribuído. Sentí que ser convidado para uma projecção de gala não era coerente com a natureza independente e pessoal deste filme.” Na Quinzena, Coppola estará lado a lado com nomes como Alain Guiraudie, Pedro Costa [ver Neón nestas páginas], com a comédia “I Love You Phillip Morris” com Jim Carrey e Ewan McGregor (sem distribuição americana devido a uma sequência de sexo “gay”).

Coppola, “independente”, abre Quinzena dos Realizadores de Cannes

Francis Ford Coppola a abrir a Quinzena dos Realizadores de Cannes, o espaço onde se revelaram e revelam os novos valores? Fará sentido que seja esse o espaço para quem já recebeu uma Palma de Ouro (“Apocalypse Now”) na competição do festival? É que “Tetro”, o novo filme, apresenta-se como afirmação de independência do realizador. Rodado a preto e branco, é um filme semi-autobiográfico, um drama familiar sobre o destino de dois



Elton John, no meio, foi o mais afectado: perdeu 195 milhões de euros. McCartney perdeu cerca de 67 milhões. Mick Jagger ficou no sexto lugar da lista do “Sunday Times”



MICHÈLE SYLVANDER, Droit de Visite, 1999_2001, Ilfochrome sobre alu-Dibon, 120 x 180cm

A.M.LISBOA:

PLATAFORMA TRANSCULTURAL PARA O SÉC. XXI?

GRUPO DE REFLEXÃO | SEMINÁRIOS | MESSAS REDONDAS | CONFERÊNCIAS

Projecto e Coordenação: LUIS SERPA

07_29 Maio '09

www.lisboatranscultural.com

Iniciativa integrada no
Ano Europeu da Criatividade e da Inovação 2009

Parceiros Institucionais
COORDENADOR NACIONAL DA ESTRATÉGIA DE LISBOA e do PLANO TECNOLÓGICO CCR/LVT, Comissão Coordenadora da Região de Lisboa e Vale do Tejo
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA | PARQUE EXPO
ASSOCIAÇÃO TURISMO DE LISBOA | CULTURGEST
COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO
BRITISH COUNCIL | IFP_Institut Franco-Portugais
GOETHE INSTITUT

Parceiros Privados
Patrocínio: UNICER
Agência de Viagens Oficial: BARCELÓ ESCALATUR
Hotel Oficial: RIV LISBOA | Viatura Oficial: OPEL
Agência de Mídia: NOVA EXPRESSÃO
Recursos Humanos: EUROGROUP
Contabilidade: NUCAISE

AGÊNCIA PARA AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS (AMLisboa)
Instituições & Empresas Associadas:
OS CONSULTORES

ESTRATÉGIA DE LISBOA E DO PLANO TECNOLÓGICO
CEDRU - Centro de Estudos e Desenvol. Regional e Urbano
MCKINSEY & Company
PLM ASSOCIADOS - Escritórios de Advogados
DIZIN
N-FITNESS
JOÃO PAIVA_LUIS NOGUEIRA PINTO - Consultores
IVITY Brand Corp
NOVA EXPRESSÃO - Agência de Mídia

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS
Culturgest

Produção: O MUSEU TEMPORÁRIO
Tel. [+351] 213 977 744
museutemporario@mail.telepac.pt

[#1] GRUPO DE REFLEXÃO

07_08_09 Maio '09 [5ª, 6ª e Sábado] > SALA 5

Sessão exclusiva para participantes convidados.

A.M.Lisboa: Plataforma Transcultural Para o Século XXI?

[#2] SEMINÁRIOS

12 Maio '09 [3ª Feira] > SALA 2

Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da(s) Cidade(s) I
Apresentação da Agência Para as Indústrias Criativas [AML]

[#3] MESSAS REDONDAS

21_22 Maio '09 [5ª, 6ª Feira] > SALA 2

As Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da(s) Cidade(s) II

[#4] CONFERÊNCIAS

28_29_Maio '09 [5ª, 6ª Feira] > PEQUENO AUDITÓRIO

As Indústrias Criativas Como Factor de Desenvolvimento Da[s] Cidades[s] III

Entrada Gratuita - Levantamento de senha de acesso 30 min. antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Quem era adolescente ou queria ser em finais dos anos 1980 viu: "The Lost Boys", filme que, em Portugal, acabou conhecido como "Os Rapazes da Noite" mas que deveria ter-se chamado "Os Rapazes Perdidos", incluindo a vertigem da adolescência eterna numa Terra do Nunca ao som do "pós-punk" dos Echo and The Bunnymen. À distância de duas décadas, percebe-se: em finais dos anos 1980 vagarear pela noite ou estar perdido era a mesma coisa. Em finais dos anos 1980, princípio dos anos 1990, a vida para lá do pôr-do-sol era rugosa. Aliás, a vida, em geral, era mais rugosa. Pelo menos à superfície. E as histórias de vampiros, o tipo de história de vampiros que se popularizaram no "mainstream" contemporâneo com "Os Rapazes da Noite" (1987), também.

A rebeldia sem causa, a estética "new wave" e o "punch" de uma violência "rock" à solta, sim, mas também a carnalidade barroca, mais sofisticada, sumptuosa, sofrida e sacrificial de "O Drácula de Bram Stoker" (1992), mais o homoerotismo e a sinuosidade espinhosa e amoral da tangente à pedofilia de "Entrevista com o Vampiro" (1994): o retrato de uma era após décadas de transformação, de "Nosferatu" (1922), de Murnau, e "Drácula" (1932), de Bela Lugosi, de tudo o que saiu da máquina de horror dos Estúdios Hammer, até do "slipstream" de visões como "Por Favor não Me Morda o Pescoço" (1967), de Polanski, "Phantom der Nacht" (1979), de Herzog, ou "Os Viciosos" (1995), de Abel Ferrara.

Da abjeção boçal e do mal puro dos sanguinários do folclore eslavo à figura intrincada e nobre do existencialista de raiz moderna, cativo entre uma erótica do excesso e uma erótica da contenção. Várias vidas para, no século XXI, chegarmos aqui: "Luz e Escuridão", a saga bem-pensante com que uma dona de casa do Arizona, Mórmon, 35 anos, casada e com três filhos - o nome é Stephenie Meyer -, transforma a sombra de vertigem e perda romântica do imaginário da não-morte - que é como quem diz: da não-vida - num voto de castidade pré-matrimonial. Um voto de castidade entre dois adolescentes que hão-de acabar por casar, ter filhos (pelo menos um) e talvez até

viver felizes para sempre (e, sim, aqui o "para sempre" é literal).

"Luz e Escuridão" é isto. Isto é um fenómeno à escala global, com mais de 45 milhões de exemplares vendidos do que, para já, é uma tetralogia: "Crepúsculo", "Lua Nova", "Eclipse" e "Amanhecer". Em Novembro, o primeiro volume, que tinha sido lançado em 2005, deu um filme com o mesmo título, "Crepúsculo", onde Bella, adolescente insuspeita de qualquer excepcionalidade, deixa o sol e a areia quente do Arizona onde vive com a mãe pelas brumas montanhosas das florestas do estado de Washington para viver com o pai. Rapariga conhece rapaz conhece rapariga: Bella apaixonou-se por um colega de liceu, Edward, o semi-inadaptado de olhar dorido, inatingível sob capas fulgurantes de silêncio e mistério. Uma produção de pouco mais de 28 milhões de euros que só nas bilheteiras já teve um retorno cem vezes superior: mais de 280 milhões de euros. Isto nos cinemas. A Portugal, onde o quarto livro da série, "Amanhecer", chega a 9 de Junho, 160 mil cópias dos volumes anteriores já foram vendidas.

Vampiro, o conservador

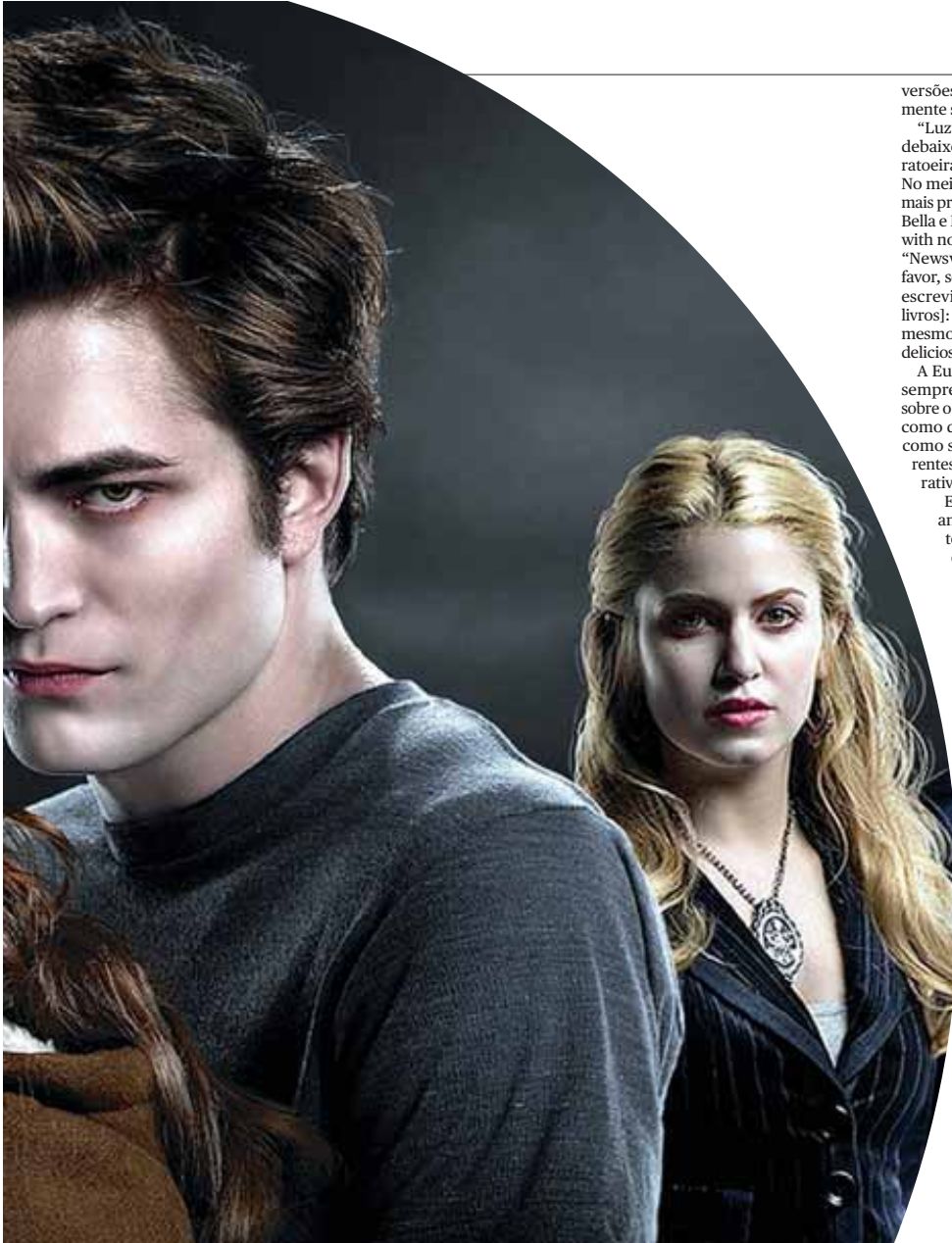
Há quem diga que o sucesso meteórico de Meyer é apenas comparável ao de J. K. Rowling. Precisamente: "Luz e Escuridão" está para os romances de Bram Stoker ou Anne Rice como "Harry Potter" está para "O Senhor dos Anéis" de Tolkien. O maniqueísmo, ainda que matizado, resulta: ao transformar a complexidade de uma tapeçaria moral cheia de vacilações, nuances e paradoxos num mundo a duas cores, a do Bem e a do Mal - porta aberta ao escapismo simplista. E, contudo, as

Capa



Sem casamento

Tudo começou com "Crepúsculo", primeiro volume da série de vampiros. Quatro livros, escritos por Stephenie Meyer, a atrair os adolescentes de todo o mundo. Nesta capa, sem casamento. É uma visão da América do pânico. Tenham medo, tenham muito



versões simplistas do mundo raramente são inócuas.

“Luz e Escuridão”: uma narrativa debaixo de outra, ambas cheias de ratoeiras e alcapões.

No meio do envolvimento cada vez mais próximo “ma non troppo” entre Bella e Edward - é um “fine romance with no kisses” (ou, como titulava a “Newsweek”: “Nada de beijos, por favor, somos vampiros”) -, a “Time” escrevia: “É esse o poder [destes livros]: são limpos à superfície, mas, mesmo abaixo, são absolutamente, deliciosamente obscenos.”

A Europa e a América populares sempre tiveram noções diferentes sobre o que considerar tanto obsceno como deliciosamente obsceno. Tal como sempre tiveram noções diferentes sobre o que temer como narrativa.

Edward - há muito que tem 17 anos - renuncia ao desejo. Em todos os sentidos. Vem de um clã, os Cullen, que adoptou uma forma de vegetarianismo: alimenta-se apenas de animais. E, claro, ele não a beija - apesar de ela pedir - porque a ama demais.

A deliciosa obscenidade de que fala a “Time” virá do frêmito de antecipação e impossibilidade que isso suscita numa adolescente de lábios entumescidos?

Fora do nicho do “gore”, as histórias de vampiros sempre se fizeram disto, de um mundo especular em que os papéis sexuais mais estereotipados se invertem: ele deseja primeiro, mas contém-se, acabando por fazer com que seja ela a procurar a concretização. Os vampiros, tal como fixados por Bram Stoker em 1897, pleno ocaso de uma repressão vitoriana mais repleta

de bordéis que qualquer outra era, são, assim, em parte, sempre femininos. Criaturas poderosas mas “incompletas”, sugere alguma da literatura de análise do género, falando numa espécie de eunucos ou impotentes cujo isolamento satânico se definira também em termos sexuais; o coito substituído por um erotismo centrado na união oral, pelo prazer da penetração dos dentes na carne, o “fellatio” substituído pelo lambe de uma fina corrente de sangue sobre a pele. Talvez. Mas nunca, antes de Stephenie Meyer, os vampiros como porta-estandartes do sexo como experiência reservada ao casamento. Edward impõe e Bella acaba por aceitar o casamento como condição - um vampirismo ultraconservador: é a história da marginalidade quando apropriada pelos discursos centrais, torna-se aparentemente menos letal.

Na eternidade dos vampiros, o amor carnal sempre matou, mas a morte também nunca foi tão apetecível. Em “Luz e Escuridão” o amor carnal talvez não mate (e não mata) →

Estima-se que desde a sua criação, em 1996, o movimento para-religioso The Silver Ring Thing tenha levado dois milhões de jovens a fazer votos de abstinência pré-matrimonial glamorizando o valor da virgindade



Bella e Edward em “Crepúsculo”, adaptação cinematográfica do primeiro livro da saga de Stephenie Meyer

não há dentada

volume de uma saga entre uma humana e um Meyer, um filme (para já) e agora um DVD estão história de vampiros não há sexo antes do pós-sida tornado discurso repressivo. medo. **Vanessa Rato**

4 perguntas a quem é fã

Perguntámos a fãs de “Crepúsculo” o que as atraía no amor entre Bella e Edward, o vampiro

1 Como olha para Bella Swan? Uma rapariga que se apaixonou no liceu por Edward e que se casa aos 18 anos, virgem, sem terminar os estudos. Isto é realista nos nossos dias?

2 Identifica-se com Bella? É uma rapariga que cozinha para o pai, trata da lida de casa, fica contente quando Edward a protege e toma decisões por ela, tem como objectivo de vida casar-se, transformar-se em vampira para viver com ele o resto da sua vida.

3 Vivemos numa sociedade onde o sexo está nas conversas do dia-a-dia na escola, nas séries de televisão (por exemplo “Morangos com Açúcar”) e nos filmes. O que é que atrai nesta história de amor muito casta (sexo só depois do casamento) e com muitas regras?

4 Nos EUA houve raparigas que disseram que os livros levaram a conversas com os pais sobre a sexualidade. Isto aconteceu consigo?



1979 “Phantom der Nacht”



1967 “Por Favor não Me Morda o Pescoço”

« se for dentro do casamento: é a história da América do pânico pós-sida tornado discurso repressivo pelos poderes mais conservadores, tornado semente evangélica na forma de objecto de lazer. Ou, nas palavras de Pedro Vasconcelos, sociólogo, investigador na área da família, género, desigualdade social e sexualidade: “Os espaços culturais com maior capacidade de exportação e afirmação dos seus produtos culturais têm sempre mais capacidade de afirmação dos seus valores.”

É claro, diz, que um adolescente não possui ferramentas para desconstruir os significados ocultos e os esquemas normativos subterráneos. É por isso que não poderá chegar a perguntar-se a quem servem as categorias propostas por um objecto como “Luz e Escuridão”. Porque as categorias servem sempre alguém, alguém que as cria dentro de sistemas de relação com outras categorias, aquelas tidas como centrais, aquelas que em teoria correspondem à visão da plena humanidade, transformando as restantes em desvios, “humanidades menores”.

Categorias: a da mulher, por exemplo, surge como oposição à categorial universal do homem. Maio de 2009: ao andar pelas ruas, dir-se-ia estamos a anos-luz deste tipo de narrativas mais tradicionais. Até mesmo das veiculadas pelo esquema romântico setecentista e oitocentista, fundador da ideia de individualidade e conjugalidade que guardamos até hoje, mas reinventor de uma ideia de subordinação e passividade feminina. Até que realidades como as de “Luz e Escuridão” nos recordam que elas estão sempre a voltar. “Voltam porque têm protagonistas que as produzem, protagonistas que as defendem, esquemas operativos vigentes de desigualdades que circulam e que é difícil transformar, grupos, organizações, estruturas institucionalizadas que as defendem, interessadas em que sejam dominantes porque são o que lhes dá poder” (Pedro Vasconcelos). Ou, como diz João Manuel Oliveira, também sociólogo, investigador em estudos de género e teoria feminista, voltam porque “estamos longe de uma pacificação com a sexualidade”, estamos ainda numa zona de conflito, nós todos mergulhados numa guerra em que tão depressa ganham território as fileiras progressistas como, no momento seguinte, se perdem batalhas às mãos das fileiras conservadoras, fileiras compostas, por exemplo, por grupos religiosos como o Mórmon da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a que Stephenie Meyer pertence e que defende lógicas patriarcais extremas.

O valor da virgindade

O terror clássico, de raiz também oitocentista, pode ser visto sob o prisma da desordem da sexualidade feminina, do vampiro como metáfora da monstruosidade escondida no facto de a mulher procurar a satisfação do seu desejo, ultrapassando a fronteira do admissível - e sujeitando-se às consequências também monstruosas da sua transgressão. Na América do século XXI - e, portanto, no mundo globalizado dos cinemas e das livrarias - só podemos olhar para um pacto de castidade pré-matrimonial imposto por um homem a uma mulher à luz de uma era em que o conservadorismo está a adoptar novas estratégias.

Por exemplo, estima-se que desde a sua criação, em 1996, o movimento para-religioso The Silver Ring Thing, conhecido pela sigla SRT, tenha levado cerca de dois milhões de jovens a fazer votos de abstinência pré-matrimonial, glamorizando - e por isso reforçando - o valor da virgindade. Como? Apropriando-se de linguagens reconhecí-

“É esse o motivo pelo qual ‘Crepúsculo’ é bom: não há sexo”

Filipa Ribeiro, 16 anos, Barreiro

1 Bella Swan é um exemplo a seguir, e talvez seja essa razão pela qual não me parece, de todo, realista. Hoje já não se dá a devida atenção, ou os devidos sacrifícios, ao amor, que é o centro de tudo; e, de facto, é disso que se trata: enfrentar tudo por amor. Ser-se humana ou ser-se vampiro não importa. O que importa é o sentimento. Nada mais.

2 Não é difícil a identificação com Bella, a protagonista mais poderosa de sempre. Ela tem tudo e, de certa forma, todas as raparigas gostam de acreditar que têm tudo; mesmo que, nalguns casos (na verdade, na maioria deles), elas não sejam assim tão parecidas com ela. Todas as raparigas gostam de acreditar que dariam tudo por amor (não só romântico, mas também familiar, como Bella tem com René, a mãe, Charlie, o pai e, mais tarde, com Renesmee, a filha), mas nem todas são capazes de se sacrificarem por amor.

3 Geralmente, os livros e as séries de televisão só cativam o público devido à sexualidade, e é esse o motivo pelo qual “Crepúsculo” é bom: não há sexo, não há quebras de regras. Bella é uma boa rapariga, daquelas que nos dias de hoje são difíceis de encontrar. E Edward, o vampiro centenário pelo qual ela se apaixonou, ainda é “melhor” do que ela. Hum? Vampiros bons? Sim, nesta história há disso. Incrível, não?



4 A minha mãe não leu o livro. De facto, ela já estava farta da história, já não aguentava ouvir-me a falar sobre vampiros e sangue. Porém, tenho amigas cujas mães já leram e que gostaram, embora todas elas tenham perspectivas diferentes, gerando-se controvérsias entre mães e filhas. Já comuniquei com raparigas dos Estados Unidos e com as suas mães. As controvérsias são universais, mas o amor pela história continua a ser o mesmo.

veis pelos jovens: cerimónias promovidas na forma de mega-concertos “pop”, tudo efeitos luminotécnicos e vídeos a alta velocidade - os jovens (o “target” são adolescentes entre os 12 e os 18 anos) fazem os seus votos lá pelo meio (ganham uma aliança de prata).

Objectivos declarados: “Produzir uma mudança na América em que a abstinência volte a tornar-se na norma, em vez da excepção”; “permitir descobrir o que a pureza realmente significa” num “mundo despedaçado” (pela hiper-sexualização, subentende-se). Um dos lemas: “Get it on” - exactamente, menos o “let’s” inicial, como um dos temas mais conhecidos e sensuais de Marvin Gaye, cuja mensagem surge invertida.

Durante a era Bush - um “born-again Christian” - o SRT recebeu muitos dos 176 milhões de dólares investidos pelo governo federal americano em projectos do género numa política de (des)educação sexual apologista da abstinência. Tudo apesar de todos os estudos (o mais recente é de Dezembro, publicado pela Associação Americana de Pediatria que acompanhou dois mil jovens ao longo de cinco anos) indicarem que o incentivo à abstinência leva apenas a comportamentos de risco, como o não uso de preservativo nas relações sexuais que os jovens acabam sempre por ter, esquecendo os votos.

Na Europa: “O nosso contexto é completamente diferente, mesmo no mundo católico praticante”, diz Teresa Toldy, doutora em teologia da Universidade Fernando Pessoa, do Porto. Tende-se a evitar os riscos de invocar o extremismo religioso que está na base da fundação dos EUA, mas ele faz parte da identidade norte-americana, criada a partir das franjas mais radicalizadas do protestantismo e do catolicismo europeu, puritanos - ortodoxos, luteranos, anglicanos, calvinistas, metodistas... - com uma moral estrita. Na Europa esse puritanismo foi-se suavizando. Na América “o tempo de Bush é uma prova de como essa raiz continua a ser importante”, diz esta especialista, sublinhando que as posições se foram polarizando “entre o sector protestante não radical e o catolicismo aberto e um protestantismo radical com um peso político enorme, de direita”.

A polarização possível na terra pro-



1994 “Entrevista com o Vampiro”

“O vampiro é um desses topoi literários que conserva uma enorme força metafórica, e que por isso tem sobrevivido”
Jorge Martins Rosa, investigador

metida de um “God save America” em que o nacionalismo é de cariz messiânico: “Se se diz ‘estamos aqui porque Deus quis’ não há nada a dizer de volta. Deus é o argumento final.”

O negativo do humano

É uma América de confronto entre o racionalismo e o irracionalismo, pois. É desse atrito que emerge também a literatura de terror, indissociável de uma mentalidade moderna que reage ao positivismo, um escape irracionalista à fixação da realidade em modelos sociais sem espaço para a metafísica, o inexplicável e o inquietante. Não podendo dar a ler estas realidades às mentalidades esclarecidas a não ser através do filtro da racionalidade que tenta negar, o terror escolhe sujeitos que possam operar enquanto metáforas: “O vampiro é um desses topoi literários que consegue conservar uma enorme força metafórica, e que



por isso tem sobrevivido”, diz Jorge Martins Rosa, do departamento de Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e investigador na área da literatura fantástica. De modo geral, o vampiro “continua a ser um topos privilegiado para a fantasia e para o horror por ser uma entidade de fronteira, que tanto possui traços de humanidade e vida quanto de monstruosidade e desafio à mortalidade. Representa, por exemplo, a doença – a doença contagiosa, e nesta o contágio por via sexual –, ao mesmo tempo que exhibe uma vitalidade sobre-humana. Representa também um certo tipo de marginalidade, nomeadamente porque essa vitalidade só pode ter lugar de forma invertida: à noite, à custa dos humanos que assim se transformam em novos vampiros”: “Tal como a sensibilidade romântica se constrói como negativo do iluminismo, também o vampiro é um negativo do humano, e parece-me ser nisso que continua a residir a sua força nas artes narrativas, da literatura ao cinema, à televisão, e mesmo aos videojogos”, diz.

Alexandre Melo, crítico e comissário de arte contemporânea, investigador na área da sociologia da Cultura, põe-se na pele do vampiro, o centro de “uma vertigem teórica e moral”. Sabendo que o tempo é infinito, como é que um vampiro determina a sua escala de valores? Perante a eternidade, “tudo ganha uma escala tal que podemos acabar por concluir que devemos submeter-nos a um conjunto de regras muito estritas para poder controlar”, diz.

Neste contexto, o que é a liberdade, sobretudo, o que é a liberdade para alguém que não pode expor livremente a sua natureza? Gestão: “O vampiro é uma personagem que só pode viver segundo regras de enunciação estritas e que tendem a ser ritualizadas. Todos os seus relacionamentos passam pela enunciação dos seus actos.” A questão do desejo sempre em pano de fundo: “O que é importante, na invenção, na criação entre duas pessoas – porque o desejo é sempre criação – é a qualidade da narrativa que essas duas pessoas inventam uma para a outra. Aqui [na história de Bella e Edward], os dados contextuais tornaram-se suficientemente interessantes para permitir que aquelas duas pessoas inventassem uma história fora do normal.”

“Luz e Escuridão” como um espaço em que infantilizamos este imaginário e, portanto, nos infantilizamos a nós, em circuito fechado? Pelo menos em “Crepúsculo”, o filme, “reabilitam-se certos ideais mais líricos”, diz Melo, porque “permitem abranger um público maior e mais jovem”. A infantilização do cinema, em geral, faz parte de uma economia cujo motor são cada vez mais os jovens. A linguagem de “Luz e Escuridão” permite “não chocar certas zonas”. É a perspectiva mais distanciada. Isso ou voltar atrás: “Os espaços culturais com maior capacidade de exportação e afirmação dos seus produtos culturais têm sempre mais capacidade de afirmação dos seus valores”, valores que servem sempre alguém (Pedro Vasconcelos). Stephenie Meyer: “bite me”.

“Eu queria escrever sobre um amor perfeito”

A saga “Luz e Escuridão” fez com que se encontrasse a nova J. K. Rowling numa dona de casa do Arizona. Deu-nos uma entrevista exclusiva por “email”. Evitou questões: o culto da abstinência sexual, os mórmones... *Isabel Coutinho*

A humana Bella Swan e o vampiro Edward Cullen vão casar-se em “Amanhecer” (“Breaking Dawn”), o último volume da saga “Luz e Escuridão” criada pela americana Stephenie Meyer e que irá para as livrarias portuguesas a 9 de Junho (Gallivro). É o mais esperado por todos os que têm seguido esta saga para jovens adultos, estrondoso sucesso mundial, que nos conta a paixão entre Bella e Edward. “Crepúsculo” (“Twilight”, adaptado ao cinema), “Lua Nova” (“New Moon”) e “Eclipse”

(“Eclipse”) são os livros que já fizeram com que uma dona de casa do Arizona fosse considerada a nova J. K. Rowling. Logo no primeiro capítulo de

“Amanhecer” os leitores ficam a saber que Bella, uma adolescente americana, filha de pais divorciados e que vive com o pai em Forks, vai casar-se aos 18 anos com Edward, o vampiro imortal por quem se apaixonou. Quando os dois vão ter com Charlie, o pai de Bella, e lhe dizem que se vão casar, a primeira reacção dele é perguntar: “Estás grávida, não

estás?” A filha responde: “Não! É evidente que não estou!”

Bella casa virgem com um vampiro. Sexo só depois do casamento. Toda a saga é “uma parábola sobre a abstinência”, sentenciou a “Newsweek” quando “Crepúsculo” foi para as salas de cinema (na obra de Meyer a castidade e a forma como as personagens lidam com a sexualidade estão relacionadas com temas religiosos: a autora é mórmon e há quem considere isso uma evidência nos livros.) Mas isto, em vez de afastar os jovens da leitura, parece atraí-los. Num artigo intitulado “Nada de sexo por favor, somos vampiros” a “Newsweek” concluiu: “Para a maioria dos romances, a política de ‘nada de sexo, por favor’ seria uma blasfémia. Mas os fãs de Meyer aceitaram isso como

“Eu não estava a escrever sobre o tradicional amor com falhas que todos temos - o amor que se desvanece, que não é correspondido, que é corrompido - o amor humano trivial. Eu queria escrever sobre um amor perfeito”

um casal de adolescentes que apenas se abraça no sofá. Muitas mães dizem que usaram os livros como forma de começarem aquelas estranhas conversas ‘de mãe para filha’ com as raparigas adolescentes.”

Este é mais um dos segredos do sucesso da saga: atravessa as fronteiras entre a literatura para jovens e a literatura para adultos. A autora ainda está estupefacta com o sucesso. “Só sei o quanto amo as minhas personagens. Se calhar isso transparece nas obras e faz com que as outras pessoas as amem também”, afirmou ao Ipsilon por email.

O ponto de vista da rapariga

Quando começou a escrever “Crepúsculo”, Stephenie Meyer era uma mãe de 29 anos com duas crianças no colo. “Já tinha algumas semanas de avanço na minha escrita e a minha irmã mais velha juntou-se a mim como leitora. Durante todo o tempo em que escrevi ‘Crepúsculo’ a minha audiência rondava os 30 anos. Na verdade, fiquei mais →



Big Mamma
MUSIC AND CELEBRITIES LDA

apresenta...

THOSE DANCING DAYS
18 ABR. THEATRO CIRCO, BRAGA

FUJIYA & MIYAGI
24 ABR. CASA DAS ARTES VNF

FRIDA HYVONEN
25 ABR. THEATRO CIRCO, BRAGA

MAIO DEVOTCHKA
07 CINE TEATRO, Estarreja
CASA DAS ARTES VNF 08
09 TEATRO VIRGÍNIA, Torres novas

MAIO ALELA DIANE
22 CASA DAS ARTES VNF
23 TEATRO VIRGÍNIA, Torres novas

JUDY COLLINS
20 JUN. CASA DAS ARTES VNF

SHOUT OUT LOUDS
26 JUN. CASA DAS ARTES VNF

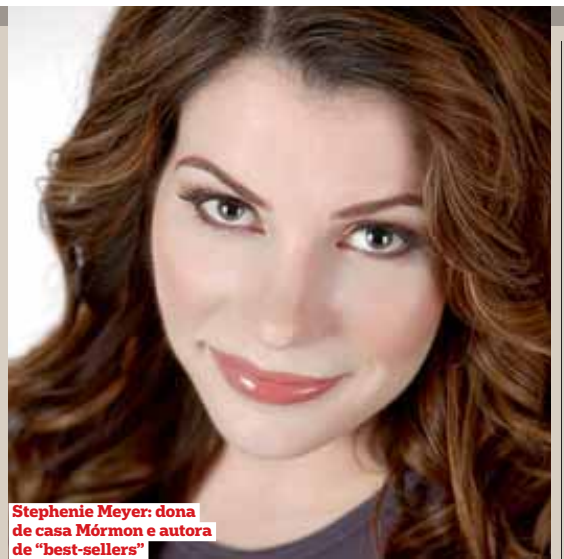
← surpreendida com o sucesso junto dos leitores mais jovens do que dos adultos.”

Tem agora 35 anos e, tal como a sua heroína, Bella, cresceu em Phoenix, Arizona. Doutorou-se em Literatura Inglesa na Brigham Young University em Provo, Utah, universidade que pertence à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A história de sucesso começou em Junho de 2003 quando sonhou com as duas personagens que são os heróis destes livros. O sonho está descrito de “forma muito aproximada” no capítulo XIII de “Crepúsculo”, quando Edward e Bella estão deitados num prado. Ele, belíssimo, cintilava debaixo dos raios de sol por não ser humano e tentava explicar à rapariga como era difícil não ceder à tentação de a matar. “Eu estava tão envolvida naquele sonho que senti a compulsão de o preservar. Quando acabei de registar os acontecimentos desse sonho, quis saber o que ia acontecer àquelas intrigantes personagens, por isso continuei a escrever. Nunca mais tive um sonho como aquele, mas também não precisei. Quando tenho personagens interessantes as histórias tendem a escrever-se sozinhas. À medida que explorava o que iria acontecer a Bella e a Edward, as suas famílias e os seus amigos ganhavam vida e isso trouxe-me mais personagens com outros conflitos. O problema não é arranjar mais histórias, o problema está em moldá-las numa direcção.”

Decidiu escrever do ponto de vista da rapariga. Pareceu-lhe ser a única escolha. “Eu era uma escritora inexperiente e a história de Bella era aquela com a qual eu tinha familiaridade. Sou uma mulher, sou humana - estes factos deram-me o ponto de partida. Podia colocar-me na sua posição.”

Quando lhe dizemos que a personagem é uma rapariga de 18 anos que parece de outro tempo - faz as tarefas domésticas,



Stephenie Meyer: dona de casa Mórmon e autora de “best-sellers”

está disposta a sacrificar tudo por um homem, tem uma ligação casta com Edward e quer casar - Meyer não considera justo que se resuma Bella assim. “Quando se coloca na mesma frase a responsabilidade pelas ‘tarefas domésticas’ e o ‘estar disposta a sacrificar tudo por um homem’, tudo soa terrivelmente mal. Uma grande parte da personalidade de Bella é ela tomar conta dos outros - é o adulto da sua família”, defende. “Para mim, cozinhar não é algo que uma mulher faz (e em minha casa acontece o oposto), é alguma coisa que um adulto faz. Estas qualidades de ajudar os outros contrastam realmente com o seu romantismo. O seu eu interior é mais adulto do que a sua idade; quando ela se apaixona, é a primeira vez que ela realmente age e se sente como uma adolescente”, explica.

“A saga é uma fantasia”, reforça. “Eu não estava a escrever sobre o tradicional amor com falhas que todos temos - o amor que se desvanece, que não é correspondido, que é corrompido - o amor humano trivial. Eu

queria escrever sobre um amor perfeito, que não esmorece, que é correspondido, que se baseia em motivações puras.”

É verdade que Bella sacrificará tudo pelo seu homem, mas “isto não é um juízo sobre a sua feminilidade. Há uma total igualdade na relação de Bella e Edward que a torna perfeita - uma fantasia. Nunca ninguém sugere que há algo de errado com o total compromisso de Edward para com Bella e tenho ficado surpreendida com a quantidade de pessoas que vêem algo de errado com a parte de Bella na relação. É ter dois pesos e duas medidas.”

Insistimos: como é que uma rapariga tão conservadora atrai tantos fãs? Meyer não acredita que o encanto de Bella esteja no ser uma heroína antiquada. O apelo está na sua normalidade. “Não existem muitas heroínas como Bella - qualquer pessoa pode colocar-se nos seus sapatos em qualquer altura da saga. Ela não tem superpoderes. Ela não tem fortuna. O facto de ser tão normal faz com que seja excitante ler sobre ela - porque se tudo isto

“É a rapariga que qualquer uma de nós pode ser”

Joana Amaro, 18 anos, Lisboa

1 Bella é a rapariga que qualquer uma de nós pode ser. Descreve-se a ela mesma como uma rapariga normal, desastrada e não muito bonita. É apenas ela mesma. No entanto tem a sorte de conhecer Edward, um vampiro lindíssimo e perfeito, que a faz sentir algo que nunca sentiu. Faz com que ela experimente o amor incondicional e irrevogável. Esse amor vai levá-la a casar-se aos 18 anos, virgem e sem terminar os estudos. Não é algo que encontremos nos dias de hoje. Talvez nunca se encontre.

2 Sim e não. Eu identifico-me com ela no sentido de ser uma rapariga normal, desastrada, que gosta de ler, que não é muito social e não tem um grupo de amigos imenso. No entanto há certas atitudes que eu não tomaria. Eu sou mais protectora do que protegida e tomo as minhas próprias decisões. Mas talvez se tivesse um Edward na minha vida me identificasse mais com ela.

3 Eu gosto de ler romances, especialmente romances fantásticos, assim como gosto de ler livros sobre vampiros. A mistura de ambos os estilos chamou a minha atenção, por isso decidi ler os livros da saga “Luz e Escuridão”. Depois do desenrolar da história percebi que é mais do que um simples romance típico. Por mais regras, obstáculos e indecisões, nada consegue fazer com que eles desistam do amor que sentem. E cada obstáculo que ultrapassam fortalece o amor que ambos sentem um pelo outro. Apesar da concretização física desse amor ser tão difícil (afinal trata-se de um vampiro e uma humana), o limite do contacto não importa neste romance. Para Bella o importante é que aconteça o que acontecer, o Edward está ao lado dela, e ama-a acima da sua própria existência. O que mais fascina é o sonho de que talvez um dia cada uma de nós possa viver um amor tão intenso e tão casto como o da Bella e do Edward. E é exactamente de livros como esta saga que os jovens precisam: um romance que não trate os sentimentos como algo que se resume a sexo (“Morangos com Açúcar” é um bom exemplo, onde está mais presente sexualidade do que sentimentos)

4 Não, a minha mãe não leu os livros, por isso nunca tive uma conversa sobre sexualidade com os meus pais, devido aos livros da Stephenie Meyer ou devido a qualquer outro livro.



aconteceu a Bella, não há razão para que não possa acontecer ao leitor.”

Jana Riess, a ex-crítica literária especialista em assuntos religiosos da “Publishers Weekly” e editora na Westminster John Knox Press, defende que os romances de Meyer estão cheios de referências à teologia e simbologia do Livro de Mórmon. A ficção de Meyer provoca-lhe sentimentos ambivalentes: preocupa-a “o regresso aos estereótipos de género”. Quando pedimos a Meyer que comente algumas das ideias defendidas por Riess, ou a síntese da revista “Time” que rotulou o seu trabalho como “o erotismo da abstinência”, ela recusa: não quer pronunciar-se também sobre se os “media” estão ou não a dar uma imagem errada dela, rotulando-a como dona de casa mórmon e ignorando a sua preparação académica em literatura inglesa.

Lançado em 2005 em Portugal, pela Gailivro, o livro “Crepúsculo” foi re-editado com nova capa ao mesmo tempo que o filme realizado por Catherine Hardwicke chegava às salas portuguesas em 2008 (acaba de sair o DVD com vários extras). O primeiro livro da saga vendeu mais desde que se começou a falar no filme do que nos quatro

Jana Riess,
especialista em
assuntos religiosos,
defende que os
romances de Meyer
estão cheios de
referências à
teologia e simbologia
do Livro de Mórmon

anos anteriores. Entrou nos “tops” dos mais vendidos e levou atrás dele o segundo volume, “Lua Nova”, que também já foi adaptado ao cinema. “Eclipse” vai ser adaptado por David Slade e “Amanhecer”, o quarto da série, poderá vir a dar dois filmes.

Em Portugal, Meyer já vendeu 200 mil exemplares das suas obras, “sobretudo a jovens e sobretudo a raparigas”. Embora “Amanhecer” só vá para as livrarias em Junho, há um mês foi publicado em Portugal “Nómada”, o romance que escreveu para adultos e do qual já tem ideias para duas sequelas. Mas ainda não sabe quando as publicará. “Tenho tantas histórias que quero contar. A atenção que está a ser dada aos meus livros, para mim, não é questão; quando escrevo, esqueço-me da minha vida e entro dentro da vida de outra pessoa. Tudo o que preciso para isso é de tempo, mas o tempo é aquilo que me falta.”

Entrevista na íntegra na edição “online”

Os vampiros são nossos amigos?

No cinema, a transgressão do vampiro foi dar a uma simples “aceitação da diferença”. Será isto o futuro do filme de vampiros? *Jorge Mourinha*



1992 “Drácula de Bram Stoker”



1995 “Os Viciosos”



2008 “Sangue Fresco”

A saison 2008/2009 foi cruel para os apreciadores de uma boa mordidela no pescoço. Alan Ball, o criador de “Beleza Americana” e de “Sete Palmos de Terra”, transformou os romances de Charlaine Harris sobre vampiros que “saem do armário” e revelam a sua existência quotidiana na série da HBO “Sangue Fresco”. O cineasta sueco Tomas Alfredson criou uma sensação global com o seu filme de vampiros “Deixa-me Entrar” (estrela em Portugal em Maio), sobre um miúdo solitário e maltratado que se trata de amizade com a vizinha adolescente que é uma vampira. E a adaptação do primeiro dos quatro romances de Stephenie Meyer sobre a paixão transcendente entre uma adolescente e o vampiro que se recusa a mordê-la por a amar demais, “Crepúsculo”, foi um enorme êxito em todo o mundo.

Desde que Bram Stoker fixou a imagem do vampiro no século XIX com o seu “Drácula”, o morto-vivo que se alimenta de sangue humano tornou-se numa figura recorrente do cinema de terror, funcionando como metáfora da luxúria e do sexo, da atracção do abismo, do prazer do proibido, e como retrato de um Don Juan vilão e misógino. O vampiro pôde ser lido como sedutor canalha que desvia as donzelas castas do bom caminho, interessado apenas no prazer efêmero da consumação, com a mordidela luxuriante e a partilha do sangue como metáfora da penetração sexual.

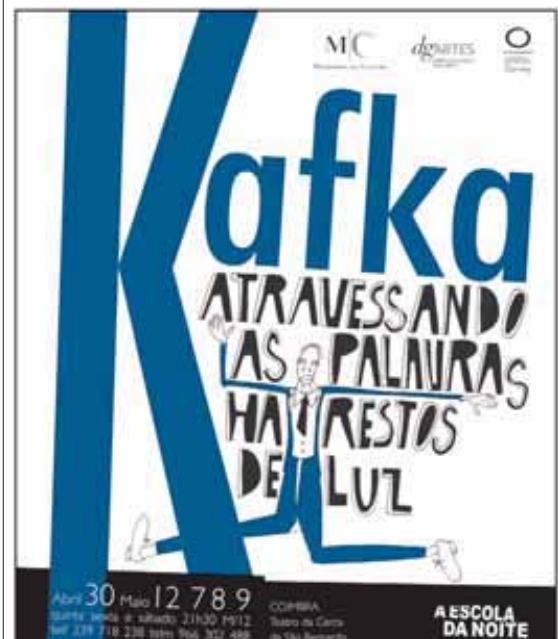
Mas, com o tempo, os vampiros foram ganhando uma complexidade que transcendia o estereótipo da criatura sobrenatural sedenta. As “Crónicas do Vampiro” de Anne Rice, a adaptação de “Drácula”

por Coppola ou os “Viciosos” de Abel Ferrara transformaram o vampiro de vilão lascivo em criatura complexa, prisioneira de um limbo entre o humano, o animal e o sobrenatural, capaz de emoções e remorsos, e abriram as portas a uma componente existencialista e hiper-romântica. Sem negar a metáfora sexual (os livros de Rice incorporavam inclusive elementos homoeróticos), mas tornando-a em parte integrante de uma mitologia mais humana - o Drácula de Coppola é tanto carrasco como vítima da sua paixão transcendente. Os vampiros passavam de “papões” a “marginais”, no sentido de gente que vive “à margem” da sociedade.

A ambiguidade existencialista é dividida entre os “bons vampiros” que não hesitam em assumir um papel de paladinos do Bem e os “maus vampiros” que continuam a morder gente - como se a “espécie” tivesse evoluído para um patamar superior, capaz de desenvolver uma inteligência e uma sociedade

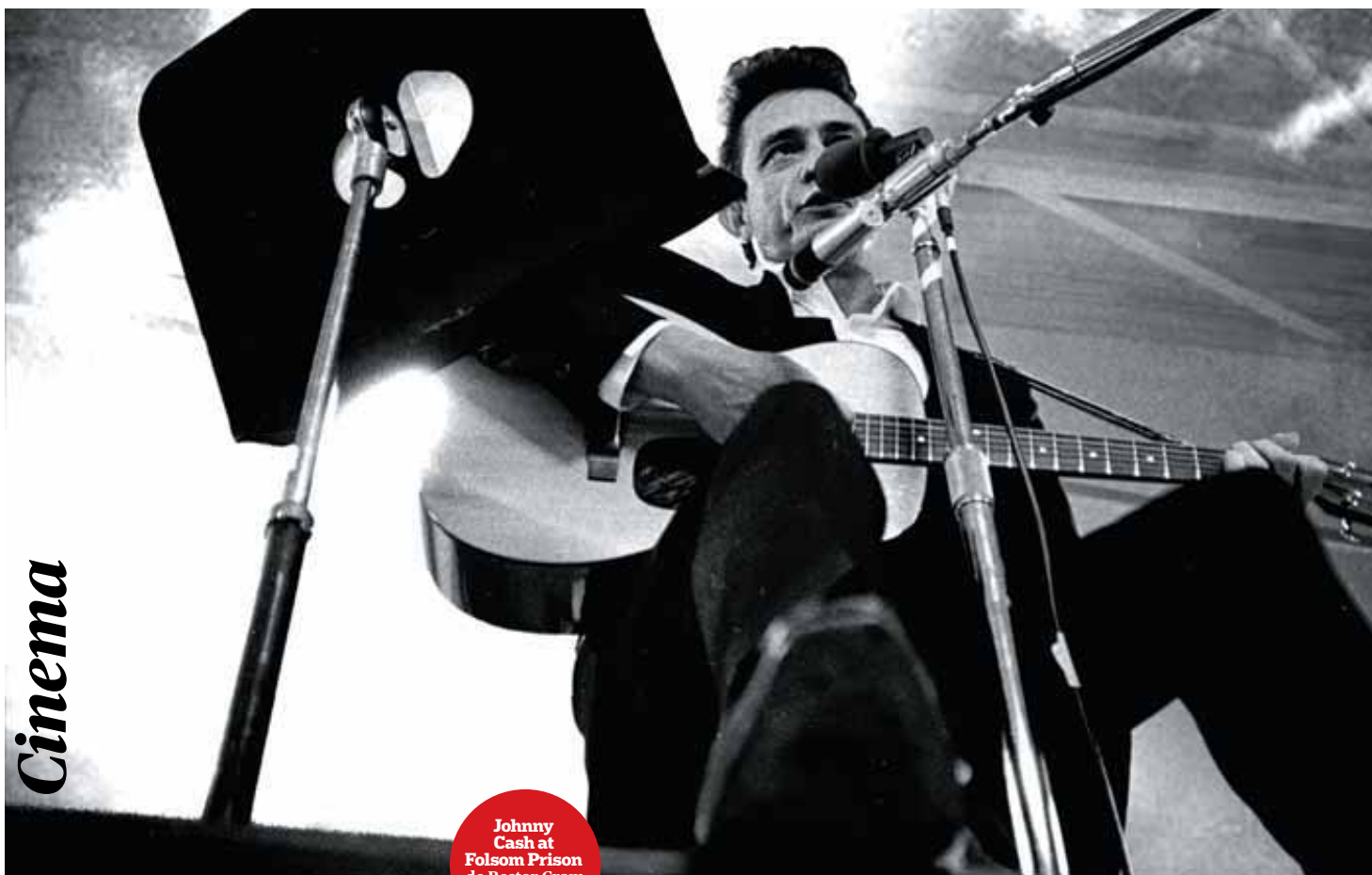
O que, então, tanto “Crepúsculo” como “Sangue Fresco” fazem é dar o passo seguinte na mitologia do vampiro, transformando-os de “marginais” em “minoría” que apenas quer viver em paz integrada na sociedade: no mundo de Charlaine Harris e Alan Ball, os vampiros revelaram a sua existência, alimentam-se de plasma sintético vendido ao balcão e começam a pugnar pela sua aceitação na sociedade normal; o vampiro Edward de Stephenie Meyer pertence a uma família “vegetariana” que recusa o sangue humano. As mordidelas são agora limitadas aos “vampiros maus” que não controlam o animal que há em si,

a ambiguidade existencialista é dividida entre os “bons vampiros” que não hesitam em assumir um papel de paladinos do Bem e os “maus vampiros” que continuam a morder gente - como se a “espécie” tivesse evoluído para um patamar superior, capaz de desenvolver uma inteligência e uma sociedade. Mas essa evolução retira-lhes também parte da sua carga transgressora, reduzindo a estranheza do vampiro a uma simples “aceitação da diferença” que torna corpóreo a coexistência em cada um de nós da luz e da escuridão, do bem e do mal, do humano e do animal. Será isto o futuro do filme de vampiros?



Eles viram Johnny em Folsom Prison

Com “At Folsom Prison”, álbum editado em 1968, Johnny Cash cristalizou definitivamente o “At Folsom Prison”, documentário que passa amanhã no Indie Lisboa, recria-o passo a passo. E



Cinema

Johnny
Cash at
Folsom Prison
de Bestor Cram
Cinema S. Jorge 3,
Sábado, 18h45

Jim Marshall, fotógrafo, lembra-se de ouvir o som da grande e pesada porta de aço da prisão fechar-se nas suas costas e de sentir um arrepio. Algum tempo antes, conta, disparara um revólver sobre alguém durante uma discussão: “Eu podia estar ali”, recorda, quarenta anos depois. “Jim, há uma sensação de permanência neste som”, murmurou-lhe Johnny Cash nessa manhã de 13 de Janeiro de 1968, quando as portas da prisão de Folsom se fecharam nas costas da equipa formada por músicos, pelo fotógrafo Jim e demais imprensa que acompanharia o dia em que a música popular urbana construiu uma das suas lendas.

“I shot a man in Reno / Just to watch him die”, os famosos versos de “Folsom prison blues”, editada em 1955, um dos sucessos iniciais de Johnny Cash e canção fulcral para a construção da mitologia do “Man In Black”, ganharam ali toda uma outra ressonância. Cash actuava numa prisão de alta segurança californiana, actuava perante aqueles que o consideravam um dos seus. Cantava-lhes o crime de “Folsom prison blues”, cantava-lhes

“25 minutes to go”, relato em humor tétrico dos últimos momentos de um condenado à morte, cantava-lhes os tiros de “Cocaine blues” e, depois, a redenção de “Green, green grass of home”.

“Johnny Cash era aquela voz amigável”, recorda um dos detidos que o viram em Folsom. “Sou exactamente como vocês”: assim resume a atitude do cantor um dos guardas prisionais de serviço nesse dia.

Vemo-los e ouvimo-los em “Johnny Cash At Folsom Prison”, documentário de Bestor Cram, com argumento de Michael Streissguth, que recria a lendária actuação - o filme está incluído na secção Indie Music do Indie Lisboa e passa amanhã, às 18h45, na sala 3 do Cinema São Jorge.

Com o concerto e o disco que originou, Cash viveu um renascimento criativo e mediático, recuperando a popularidade da segunda metade da década de 1950, quando se anunciou como um espírito da América antiga com a chama do novo rock’n’roll.

“Johnny Cash At Folsom Prison” traça todo o percurso até ali chegar. Temos a história conhecida, a do filho

de um agricultor do Arkansas que cresceu, durante a Grande Depressão, a ouvir os sons da rádio e os hinos religiosos da mãe. A do músico que, com os Tennessee Two, o guitarrista Luther Perkins e o contrabaixista Mashall Grant entrou nos míticos Sun Studios de Memphis, os que popularizaram Elvis Presley, com canções gospel e foi recusado. Regressou com o country’n’roll de “Hey porter” e “Cry cry cry” e tornou-se uma estrela. Ouvimos os filhos e os músicos que com ele tocaram falar do seu génio e do seu carisma, de como parecia “mais feliz quando as coisas não corriam bem”.

Uma noite na prisão

Cruzando imagens de arquivo com filmagens actuais - em Kingsland, onde nasceu, ou na prisão de Folsom -, usando a reportagem fotográfica de Jim Marshall para reconstituir o concerto (do qual não há gravações vídeo) e sequências de animação para dar vida às canções ali interpretadas, o documentário conta outras histórias. Mostra-nos como o mito do “outlaw” Johnny Cash resulta de uma constru-

ção - nada que o menorize, que o seu génio, de resto, reside também na naturalidade dessa criação.

Sabemos que Johnny Cash nunca esteve realmente preso - passou, no máximo, uma noite na prisão. A inspiração para “Folsom prison blues”, por exemplo, nasceu da solidão que sentia enquanto cumpria serviço militar em Berlim e de “Inside The Walls Of Folsom Prison”, filme de Crane Wilbur que viu enquanto destacado na Alemanha.

A riqueza de “Johnny Cash At Folsom Prison” reside, primeiro, na forma como recria os passos que conduziram ao concerto e o concerto ele mesmo - e como, nesse movimento, revela tudo aquilo que fez de Johnny Cash uma figura maior, impescindível, da música popular.

Quando o gravou, uma década depois de ter levado a sua música a uma prisão pela primeira vez, Cash era um homem renascido, recuperado de um longo historial de dependência de anfetaminas e barbitúricos e finalmente casado com June Carter - ainda assim, foi ali que a iconografia do “Man In Black” se cristalizou definitiva-

De certa forma, Johnny Cash, que ouvimos questionar-se “quão terrível é sentenciar os nossos à morte?”, que pergunta “como pode este tormento fazer bem a alguém?”, foi um dos responsáveis pela reforma do sistema prisional americano na década de 1970

Johnny Cash

o mito do “Man In Black”. “Johnny Cash
escava mais fundo. Mário Lopes



“homens”, diz alguém, e isso fazia toda a diferença.

Entre aqueles que o ouviram em Folsom, um destacou-se decisivamente. O seu nome é Glen Sherley e era personagem cujo percurso não se limita a parecer saído de uma canção de Johnny Cash: de certa forma, é como se fosse o reflexo, trágico e amaldiçoado, dele próprio.

À altura do concerto, Sherley cumpria pena por assalto à mão armada. Não era a primeira vez. Nascido em 1936, passou parte da sua vida adulta atrás das grades. Glen era também um músico, inspirado pelas mesmas canções country que Cash ouvira na sua infância, no Arkansas, e inspirado, naturalmente, no próprio Cash.

Uma das fotos de Jim Marshall mostra-os em Folsom. Sherley de pé na primeira fila, braço estendido em direcção ao palco, mãos unidas num cumprimento. O momento foi captado depois de Cash anunciar que iria interpretar “Greystone chapel”, canção que Glen Sherley escrevera em Folsom - a capela do título era a da prisão - e que Johnny Cash e a sua banda (os habituais Tennessee Three, acrescidos do guitarrista Carl Perkins) tinham ensaiado na madrugada anterior.

Depois desse encontro, a vida de Glen Sherley mudaria. Tornou-se próximo de Johnny Cash, que se envolveu na sua libertação - no filme, vemo-lo a esperá-lo à porta da prisão, quando saiu em liberdade condicional. Enquanto se empenhava no seu lançamento como músico, levando Sherley em digressão ou, quando este ainda cumpria pena, patrocinando a gravação de um disco, formou com ele uma parceria que levou à denúncia das más condições das prisões americanas ao Congresso - de certa forma, Johnny Cash, esse que ouvimos questionar-se “quão terrível é sentenciar os nossos à morte?”, esse que pergunta “como pode este tormento fazer bem a alguém?”, foi um dos responsáveis pela reforma do sistema prisional americano na década de 1970.

Glen Sherley, contudo, nunca recuperou.

Como conta a sua filha, debruçada sobre fotos, recortes de jornais e as memórias de alguém que, diz, fora “o homem mais feliz do mundo” quando viu Johnny Cash tocar uma canção sua, não era fácil viver em liberdade quando a prisão tinha sido a sua vida. O sucesso foi efémero e os problemas com a lei não tardaram a regressar. Desta vez, contudo, Sherley estava decidido a não voltar à prisão. Em 1978, suicidou-se com um tiro de revólver. Johnny Cash pagou o seu funeral.

Quase no final, regressamos ao pacificado Millard Dedmon. Vive com uma ferida impossível de sarar, porque o filho teve menos sorte que ele. Andava pelas ruas, “durão” como o seu pai enquanto jovem, mas não acabou em Folsom a ver um músico lendário. Um desconhecido que o abordou na rua, um tiro no coração.

“Johnny Cash At Folsom Prison” também é a ferida de hoje do homem que esteve lá há quarenta anos.

mente. Porém, aquilo que dá um interesse adicional a “Johnny Cash At Folsom Prison” é não se ficar por aí. Alarga o foco e escava mais fundo.

No limite, é tanto sobre Cash e aquilo que o conduziu à manhã de 13 de Janeiro de 1968 - deu dois concertos, o primeiro às 9h40, o segundo três horas depois -, quanto sobre aqueles que o viram em palco. Homens como Millard Dedmon, à altura um jovem imponente, com ares de estrela de cinema blaxploitation, que cumpria pena por um assalto com gangue de ocasião que não correu como normalmente - uma mulher viajando sozinha num carro “apetecível”, a resistência dela e Millard a trocar a vida de delinquência “glamorosa” pela prisão de Folsom. Não mais voltou à prisão e fala pacificado desse passado, atribuindo-o a deslumbramentos inconscientes da juventude.

Lembra-se perfeitamente do concerto. Não era grande fã de country, mas isso, neste caso, era irrelevante. Johnny Cash falava-lhes na mesma língua, olhos nos olhos, sem desdém ou paternalismo. Sabia o que sentiam, sabia o que era estar atrás das grades, acreditavam. Tratava-os como



**BANCO
ESPIRITO
SANTO**

SE A FOTOGRAFIA TE ATRAI, CANDIDATA-TE



5ª EDIÇÃO BES REVELAÇÃO

O Banco Espírito Santo e a Fundação de Serralves juntaram-se uma vez mais para apoiar e promover jovens artistas. Se tens até 30 anos e a Fotografia é o tema central do teu trabalho, candidata-te. O tema é livre. Os artistas seleccionados recebem uma bolsa de produção e verão os seus projectos vencedores expostos em Serralves. Consulta o regulamento em www.bes.pt/besrevelacao ou www.serralves.pt

CANDIDATURAS ATÉ 30 DE JUNHO

SERRAVES

BES
revelação

Corrompo mas

Kenneth Anger, o mago do underground, é o protagonista de um ciclo de filmes, concertos, exposição que movimentarão a Cinemateca, a ZDB (Lisboa) e Serralves

Cinema

"Fireworks" (1947)



"Inauguration of the Pleasure Dome" (1954-1956)



Anger, 82 anos, actuará no projecto Technicolor Skull (Serralves, dia 6; Palácio de Valadares, dia 9), duo formado com Brian Butler; em baixo: Lucifer tatuado no peito



Tem Lucifer tatuado no peito e um fascínio irresistível por uniformes. Kenneth Anger, uma das figuras maiores do cinema independente, underground, norte-americano, é o protagonista de um ciclo de filmes, concertos, performances, conferências, edições de livros e uma exposição, que se inicia, segunda-feira, dia 4, na Cinemateca Portuguesa, em Lisboa. O acontecimento, que prossegue nos dias seguintes na Fundação de Serralves, no Porto, conta com a presença do realizador, personagem mítica da contracultura, autor dos dois volumes "Hollywood Babylon" - narra histórias sórdidas das estrelas da indústria cinematográfica -, e adepto confesso do ocultista Aleister Crowley, omnipresente em muitas das suas obras. A iniciativa é comissariada por Natxo Checa, da ZDB, espaço onde será apresentada, a partir de 8 de Maio, a mostra colectiva "Estrela Brilhante da Manhã", título que evoca uma passagem de "A Hora do Diabo", de Fernando Pessoa, assim iniciada: "Corrompo mas ilumino."

O ciclo arranca com uma retrospectiva da obra cinematográfica de Anger (Santa Mónica, Califórnia, 1927), uma sessão formada por alguns dos seus filmes semanais, como o experimental "Fireworks" (1947), realizado em Los Angeles, aos 17 anos. Nesta película a preto-e-branco, o fascínio por uniformes, neste caso o de marinheiros, torna-se um dos temas centrais do seu percurso, isto numa época em que, recorde-se, a homossexualidade era ilegal. Com esta curta, o realizador, protagonista central de uma história violenta e poética, com contornos S&M - um "sonho de um sonho" que culmina num fático fogo-de-artifício -, venceu, em 1949, o Prémio da Obra Poética do Festival do Filme Maldito de Biarritz, presidido por Jean Cocteau. O escritor francês enviou uma carta elogiosa ao cineasta, que decidiu viajar para França, onde viveria durante mais de dez anos, tendo sido assistente de Henri Langlois, na Cinemateca em Paris.

No primeiro dia do programa, na

Cinemateca de Lisboa, será ainda possível assistir a "Inauguration of the Pleasure Dome" (1954-1956), "Invocation of My Demon Brother" (1969), "Lucifer Rising" (1980) e "Ich Will!" (2008) - a sessão é repetida no dia seguinte, em Serralves. Os filmes realizados até ao início dos anos 1980 constituem um corpo de trabalho atravessado por diversos temas, como a magia - "magick", na grafia de Crowley -, o paranormal, o psicadelismo, associado ao consumo de LSD, a homossexualidade e o culto de Lúcifer, este entendido não enquanto representante do mal, mas antes como figura luminosa, alucinante: o deus da luz. As diferentes obras estão associadas a inúmeras histórias, muitas delas obscuras, como a do roubo, em 1967, do material filmado de "Lucifer Rising" - a película só seria estreada treze anos depois -, por Bobby Beausoleil, ex-guitarrista dos The Grass Roots, num episódio rocambolesco que iria terminar com a associação deste à "família" de Charles Manson e a posterior acusação de ter assassinado, em 1969, o hippie, professor de piano e budista zen Gary Hinman, cumprindo ainda hoje a sua pena na prisão, onde acabou por escrever a banda sonora de "Lucifer Rising"...

"Invocation of My Demon Brother" tem banda sonora de Mick Jagger, composta com um sintetizador moog adquirido na época pelo vocalista dos Stones - há uma outra versão, mais recente, com música dos Electrophilia, grupo de noise psicadélico formada por dois artistas, o já falecido Steven Parrino e Jutta Koether.

"Inauguration of the Pleasure Dome", título tirado do poema "Kublai Khan", de Coleridge, é dedicado a Aleister Crowley e conta, entre os intérpretes, com Anais Nin e com o cineasta Curtis Harrington - Anger diz ter-se inspirado para este filme, atravessado pela Missa Glagolítica, do compositor checo Leos Janáček, numa festa temática de Halloween, intitulada "come as your madness." O realizador propôs ainda, em 1966, uma "Sacred Mushroom Edition" desta obra, tendo aparecido, no início dos anos 1970, algumas cópias com a canção "Can't Get It Out of My Head", dos Electric Light Orchestra. O mais recente e polémico "Ich Will!" coloca em paralelo a juventude hitleriana e um outro movimento, romântico,

ligado à juventude alemã de finais do século XIX, o Wandervogel (ave migratória). Não se deve esquecer que para Anger "as duas imagens mais populares do século XX são o rosto do Mickey Mouse e a suástica."

Heranças

Se a influência de Anger se faz sentir, hoje, em alguns artistas, músicos e cineastas contemporâneos, ela não deve separada da herança deixada por Crowley (1875-1947), cada vez mais figura emblemática na cultura actual. O interesse por esta enigmática personalidade - com uma biografia que se cruza com a de Fernando Pessoa, nomeadamente no célebre episódio da Boca do Inferno, quando o mago inglês simulou o seu suicídio - é visível no número crescente de discos, livros e exposições dedicadas não só ao si, mas também a toda uma série de artistas e personagens influenciados pela sua filosofia thelêmica - Jimmy Page, dos Led Zeppelin, chegou a comprar uma das casas do mago, onde eram praticados rituais mágicos, a setecentista Boleskine House, nas margens do Loch Ness, Escócia. Há outros nomes que têm manifestado profundo interesse pelo pensamento de Crowley, como John Zorn - que em sucessivos álbuns lhe tem prestado homenagem: "I.A.O." (2002), dedicado também a Anger, "Magick" (2004), "Rituals" (2005), "Moonchild" (2006), etc. -, David Tibet, dos Current 93, ou Genesis P-Orridge, que escreve uma das introduções (a outra é de Robert Antom Wilson) a "Portable Darkness", uma colectânea de textos de Crowley.

Nas artes visuais têm também sido muitos os autores que demonstram um crescente interesse por Crowley, podendo afirmar-se que há um ambiente criativo particular relacionado com este universo "mágico". A própria obra



s iluminino

performances, conferências, edições de livros e uma (Porto) até 1 de Agosto. *Oscar Faria*



"Scorpio Rising" (1964)



"Lucifer Rising" (1980)

Não se deve esquecer que para Anger "as duas imagens mais populares do século XX são o rosto do Mickey Mouse e a suástica"

de Anger está a ser revelada numa exposição actualmente a decorrer no P.S.1, em Long Island, Nova Iorque. Outros lugares têm servido para divulgar este movimento que mistura "espectáculo e vaidades, decibéis e rezas, high-tech e caos", como se pode ler num desdobrável do Palais de Tokyo, em Paris, actualmente dirigido pelo suíço Marc-Olivier Wahler, antigo responsável pelo Swiss Institut novaiorquino. Um certo fascínio pelas subculturas das décadas de 60 e 70 do século passado acompanhado por uma reciclagem estética próxima quer do DIY ("Do it yourself"), quer de um certo psicadelismo noise, quer ainda de todo um imaginário associado a certos rituais e práticas esotéricas, tem feito emergir uma geração de artistas com energia intensa: Banks Violette, Jutta Koether, Ulla von Bradenburg, Mai-Thu Perret, Gosha Makuga, Amy Granat, entre outros - lembre-se ainda a colectiva "A Grande Transformação. Arte e Magia Táctica", apresentada recentemente no Marco, em Vigo, com comissariado de Chus Martínez.

A colectiva "Estrela Brilhante da Manhã", a ser inaugurada dia 8 na ZDB, inclui trabalhos de John Bock, Manuel Ocampo, Jonathan Meese, Janis Varelas, Joachim Koester, Alexandre Estrela, Makus Selg, António Poppe, Tamar Guimarães e Kenneth Anger, de quem se apresenta a última curta, "Brush of Baphomet" (2009), inspirada na recente descoberta de pinturas de Aleister Crowley, sendo que alguns dos artistas presentes na exposição têm desenvolvido trabalhos relacionados com a magia, as actividades mediúnicas, os fenómenos ópticos e a performance.

O ciclo inclui ainda conferências pelo historiador das religiões italiano Marco Pasi e concertos, destacando-se os dos Technicolor Skull (Serralves, dia 6; Palácio de Valadares, dia 9), um duo formado por Brian Butler (guitarra eléctrica) e pelo próprio Anger (theremin) - o espectáculo conta ainda com uma homenagem ao realizador pelos Mécanosphère, com o convidado Mark Stewart, um dos fundadores da banda pós-punk The Pop Group -, o dos Larsen+Little Annie (Serralves, dia 13; ZDB, dia 15) e o da artista transsexual Baby Dee, que apresenta o seu último álbum, "Safe Inside the Day", dia 4 de Junho, na ZDB. Uma segunda sessão

de cinema, onde serão exibidos os filmes "Puce Moment" (1949), "Rabbit's Moon" (1950), "Eaux d'Artifice" (1953), "Scorpio Rising" (1964) e "Kustom Kar Kommandos" (1965), está ainda agendada para dia 7, na Cinemateca.

Ver agenda págs. 42 e 53

Baby Dee e Little Annie integram o programa de música a performance em volta de Kenneth Anger



TORRES VEDRAS
2 MAIO 2009
21:00
EXPO TORRES
FONZIE | PT |
NOIDZ | EUA |
SLIMMY | PT |
MIND DA GAP | PT |
THE FOX | PT |
FERNANDO ALVIM
| APRESENTAÇÃO & DJ SET |

**TVEDRAS
PLUG IN**
FESTIVAL DE MÚSICA

ENTRADA LIVRE
WWW.TVEDRAS.PT

Torres Vedras Câmara Municipal
PREFEITO
Município de Torres Vedras
Associação de Municípios do Alentejo
Associação de Municípios do Algarve
Associação de Municípios do Alentejo

MYSAPCE.COM/TVEDRAS/PLUGIN

uci CINEMAS
DOLCE VITA TE JO

Um cinema Em grande!

11 novas salas em Lisboa

E com o seu **ucicard**

Bilhetes
Todos os dias da semana

4€

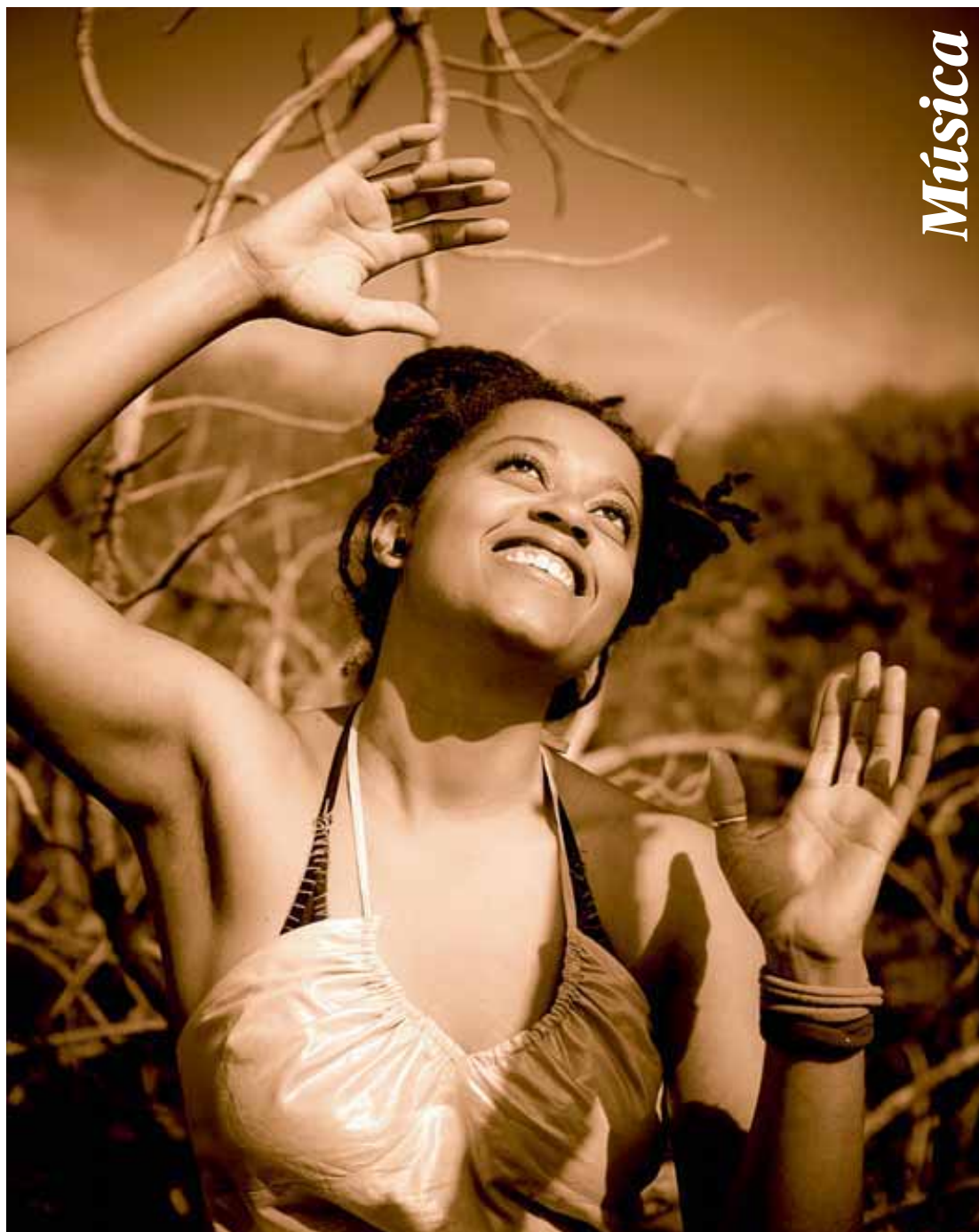
AGORA O DESCONTO
TAMBÉM PARA OS SEUS FILHOS!

Já pode pedir o seu ucicard nas bilheteiras do cinema ou em www.ucicinemas.pt
Máximo 3 filhos por ucicard. Só para ucicards activos. Máximo 4 bilhetes por cartão. Válido até dia 9 de Julho 2009. Oferta válida só na bilheteira.

Aproveite BARABERTO DE BEBIDAS!!
Durante a primeira semana
Apresentando este cupão em conjunto com o bilhete de cinema do dia.
De 7 a 14 de Maio 2009.

www.uci.com
924 00 00 00

DOLCE VITA PAIXÃO CINEMA



Desde que editou “Balancê” em 2005, Sara Tavares atravessou a Europa e passou pelos EUA dando um total de 120 concertos, chegou a rádios como a BBC, a jornais como o “Guardian”, a revistas como a “Sound Roots”, a sites como o World Music. E no entanto, nada disto parece deixá-la propriamente entusiasmada, menos ainda se nota alguma vaidade quando fala da segunda fase da sua já longa carreira.

“Balancê” foi tão bem recebido que “Xinti”, o seu mais recente disco, ainda nem saiu e ela já tem uma imensa lista de concertos marcados até finais de Setembro que a levarão por Inglaterra, Holanda, Bélgica, Alemanha e Espanha. “Há etapas na construção de uma carreira lá fora, que têm de ser conquistadas uma a uma. Neste momento ainda estou nessa fase. O mundo é grande e país a país vai-se conquistando”, diz, acendendo um dos escassos cigarros de enrolar que fuma ao longo de uma hora de conversa. Ela é tão doce a falar quanto a cantar, mas a calma não impede que seja decidida.

É, de facto, uma história no mínimo fora do comum. Sara surgiu em 1994, quando participou num daqueles concursos televisivos em que desconhecidos cantam canções dos seus ídolos. Tinha apenas 15 anos e ganhou um Chuva de Estrelas com uma versão de uma canção de Whitney Houston, que, na altura, admirava. Se tudo corresse como normalmente, desapareceria em pouco tempo, deixando um ou outro disco que ninguém ouviria.

Uma segunda vida

Quando gravou o primeiro álbum, um disco de gospel chamado “Sara Tavares e os Shout”, a música negra americana ainda era o seu amor - mas o simples facto de ter feito um disco de gospel em vez de versões de baladas de Céline Dion poderia ter indicado aos mais atentos que a rapariga queria fazer as coisas à sua maneira. Esteve três anos sem gravar, editando depois “Mi Ma Bô”, que pouca gente há-de ter ouvido. Esperou seis anos até lançar “Balancê”, o disco que mudou por completo a percepção que o público tem da sua música.

Vagamente assente na música cabo-verdiana, com melodias simples a espriar-se por ritmos dolentes, “Balancê” foi um surpreendente êxito, tanto nacional como fora de portas. Lá fora não sabem bem se ela é portuguesa ou cabo-verdiana e alguns textos, de forma sensata, optam por chamar-lhe um produto da diáspora. Tudo isto é surpreendente, se tivermos em conta que no mundo da pop ninguém costuma ter direito a uma segunda vida.

A primeira, foi menos glamourosa:

Uma mulher do seu tempo

A segunda vida de Sara Tavares levou-a ao circuito “world music” e trouxe-lhe o reconhecimento nas páginas das melhores publicações do género. “Xinti”, o novo disco, é mais um conjunto de canções lentas e vagamente cabo-verdianas. *João Bonifácio*

O tango negro

de Melingo

Nasceu do tango, experimentou o rock, agitou a movida madrilena e é editado pelo selo dos Gotan Project. Daniel Melingo apresenta “Maldito Tango” dia 4 em Lisboa, no São Jorge, e dia 5 no Auditório de Espinho. A metamorfose do tango passa por ele. *Nuno Pacheco*



Já há quem o trate quase como uma lenda, apesar de Daniel Melingo ter ainda poucos discos e a sua presença no tango (associada, mas não similar, à dos Gotan Project) ser recente.

A música marca a sua história há muitas décadas, quando os avós paternos resolveram passar a lua-de-mel em Buenos Aires. O avô, músico, vinha de Tessalónica, na Grécia, e a avó, cantora lírica (soprano), vinha de Trieste. O pai de Melingo, com tal ascendência, também se deixou apaixonar pela música, embora profissionalmente fosse “desenhador de roupa”. “Era um amador do tango, cantava muito bem e era também um comediante”, lembra Melingo, em Lisboa. Do lado da mãe, Melingo também recebeu forte herança musical. “Ela era de uma família antiga do Parque de Los Patrios, um bairro de onde saíram grandes artistas nos anos 40, Osvaldo Pugliese, Aníbal Troilo...”

Assim, desde pequeno, Daniel começou a experimentar o bandonéon. Deram-lhe um, aos 12 anos, mas ele acabou por trocá-lo, numa loja, por um clarinete. Aos 18 anos já estava na escola, a estudá-lo, e também a estudar composição e musicologia. “Na semana do golpe militar, em Março de 1976, estava na universidade a estudar música, em Buenos Aires. Continuei a estudar até 1978 mas nesse ano, quando a Argentina recebeu o Mundial de Futebol, o clima da ditadura tornou-se muito sufocante e, como músico inquieto, fui até ao Brasil, onde estive entre três a quatro anos.”

Seria um simples percurso, mas foi mais do que isso. No Brasil, Melingo conheceu muitos músicos e tocou no grupo Água com Milton Nascimento, que conheceu em São Luiz do Mara-

“Em cada disco exploro caminhos diferentes, mas sempre com o tango como elemento principal”

nhão. Quando voltou à Argentina tinha 23 anos e a ditadura estava quase no fim (acabaria em 1983). Embrenhou-se no teatro independente e não tardou a fundar um grupo musical, Los Twist (onde compôs coisas como “Cleópatra” ou “Hulla Hulla”), participando também, como músico, no grupo de rock Abuelos de la Nada.

Do teatro guardou a expressividade cénica, que aplicaria mais tarde ao canto, já nos anos 90. Até lá, porém, Melingo voltaria a sair da Argentina. Desta vez para Espanha, onde acabou por participar na movida madrilena e onde fundou o grupo Lions in Love, com o qual gravou dois discos. Por essa altura, era o rock que o movia, não o tango. Rock que ele já misturava com “influências orientais, argentinas, africanas”. De volta à Argentina, resolveu aplicar a mesma experimentação ao tango. Como ficou sem voz num espectáculo, resolveu estudar canto, quando já compunha as suas próprias canções.

O primeiro disco a solo, “H20”, ainda foi marcado por influências funk e reggae. Mas o segundo, “Tangos Bajos”, já o dedicou integralmente ao tango. Foi gravado em 1997, ano em que Melingo manteve

um programa televisivo chamado Mala Yunta, onde os convidados, na sua maioria músicos de rock, eram chamados a tocar e cantar tango.

Vibrações emocionais

No novo milénio, Melingo já virara de vez o rumo para o tango. “Ufa”, de 2003, dá novos passos no sentido de experimentação no género, enquanto “Santa milonga”, de 2004, ao compilar temas anteriores do seu repertório, é como que um virar de página.

“Maldito Tango”, lançado em 2008, fixa em definitivo o “som Melingo”. Que é uma mescla de tradição e novidade, um tango negro, nocturno, imerso em fumos de cabaré, denso, irónico e visceral. “Neste disco, tirei partido da tímbrica de instrumentos que historicamente estavam no tango, como o trombone ou o clarinete. No próximo disco, em que já estou a trabalhar, terei bouzoukis, alaúdes, instrumentos da Ásia Menor. Em cada disco exploro caminhos diferentes (rock, electrónica, flamenco), mas sempre com o tango como elemento principal.”

Melingo acha que há uma recuperação do tango-canção, tal como Gardel o popularizou, mas com elementos renovados. Como os da atmosfera híbrida dos Gotan Project. Não por acaso, lançou os últimos dois discos na editora Mañana, de Eduardo Makarof, membro dos Gotan, que também é responsável pela produção executiva de “Maldito Tango”, onde Melingo assina todas as canções, a solo ou em parceria. “É uma ponte entre a poesia maldita ‘lunfarda’ [gíria portenha criada na segunda metade do século XIX] e o tango que nasce da vida.”

Além da sua voz, “Maldito Tango” conta com as de Juan Carlos Cáceres (em “En un bondi color humo”), Cristóbal Repetto (em “A lo Magdalena”), Horacio Fontova, “El Negro” (em “Chá digo!”) e Gabriel Fernandez Capello, “Vicentico” (em “Pequeño paría”).

A propósito da apresentação em palco deste disco, a revista “Rolling Stone” escreveu em Abril de 2008, citando jornais britânicos: “Imaginem um híbrido de Paolo Conte e Ian Dury, com os maneirismos faciais de um filme mudo (...). O material que apresenta é extravagante (...) mas é a teatralidade dos seus concertos que fará dos seus trabalhos um êxito mundial.”

Portugal, onde o disco já se encontra à venda, faz parte da rota de concertos programados para Maio. Segunda-feira dia 4 estará em Lisboa, no Cinema São Jorge (às 22h) e dia 5 rumará ao norte, ao Auditório de Espinho (21h30). Até final de Maio, depois de actuar em Portugal, esperam-no palcos de vários países: França, Grécia, Alemanha, Áustria, Marrocos, Suécia, Noruega e Itália.

Nascido em Buenos Aires, a 22 de Outubro de 1957, mas com vivências acumuladas noutras cidades e continentes onde viveu (Brasil, França, Espanha, Inglaterra), Daniel Melingo concentra pela primeira vez as atenções do mundo. Parte da metamorfose actual do tango passa já por ele e tudo indica que o futuro beneficiará ainda mais a sua música. “São as vibrações emocionais que me conduzem, deixo-me levar muito pelo sentimento”, diz ele. No palco, o seu território preferencial, promete surpreender-nos.

Ver agenda de concertos pág. 35 e segs.

Música

filmes legendados em português



entrada livre

Quem somos hoje?



Que diferenças existem entre os europeus?



DOC EUROPA 27 países | 27 filmes
CCB - Centro Cultural de Belém 8, 9 e 10 de Maio

08/05 sexta

Padre Nostro, Carlo Lo Giudice, Itália, 2008, 40' - com a presença do realizador

The Protestants, Clarisse Hahn, França, 2006, 85'

Hidden, Hanna Heilborn, David Aronowitsch, Mats Johansson, Suécia, 2002, 8'

The Taylor, Óscar Perez, Espanha, 2007, 25'

All White in Barking, Marc Isaacs, Reino Unido, 2007, 72'

09/05 sábado

Scarecrow, Rimantas Grudis, Lituânia, 2002, 9'

There Goes My Heart, John Appel, Holanda, 2005, 59'

The Red Bridge, Geneviève Mersch, Luxemburgo, 2007, 14'

Strip Tease, Attila V. Nagy, Hungria, 2005, 7'

Osman's Land, Cristóvão Reis, Alemanha, 2007, 28' - com a presença do realizador

Alive, Alive O - A requiem for Dublin, Sé Merry Doyle, Irlanda, 2000, 55'

Home sweet Hope, Stella Karageorgi, Chipre, 2007, 9'

Trial of a Child Denied, Michelle Coomber, Rep. Checa, 2006, 25' - com a presença do realizador

Rubbed Out, Dimitar Anakiev, Eslovénia, 2004, 45'

The Box, Eva Stefani, Grécia, 2004, 11' - com a presença do realizador

Out of time, Harald Friedl, Áustria, 2006, 80' - com a presença do realizador

10/05 domingo

Parlez moi d'Amour, Alexia Bonta, Bélgica, 2007, 14'

Jolly Old Farts, Manfred Vainakivi, Estónia, 2009, 28'

Egg Lady, Una Celma, Letónia, 2000, 26' - com a presença do realizador

Kaxxa Infernal, Edward Said, Mark Samson, Malta, 2001, 26'

Blind Loves, Juraj Lehotsky, Eslováquia, 2008, 77'

Hearing Boy, Katrine Talks, Dinamarca, 2007, 28'

Independenta, Rastko Petrovic, Roménia, 2007, 33' - com a presença do realizador

Goleshovo, Allian Metev, Metodi Metev, Bulgária, 2008, 45'

Behind the Fence, Marcin Sauter, Polónia, 2005, 12'

Keidas, PV Lehtinen, Finlândia, 2007, 19'

Documento Boxe, Miguel Clara Vasconcelos, Portugal, 2005, 52' - com a presença do realizador

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES



MAIO09

SEX 01, 21H30

MUSICAL M12

GOTA D'AGUA

UM MUSICAL DE CHICO BUARQUE & PAULO PONTES

SEX 08, 22H00

MUSICA M12

QUARTETO DE CORDAS DE MATOSINHOS

SAB 16, 22H00

TEATRO M12

TAMBORES NA NOITE

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

SEX 22, 22H00

MUSICA TODAS AS IDADES

RICHARD GALLIANO & TANGARIA QUARTET

SAB 30, 22H00

DANÇA M12

les ballets C de la B

ASHES

ATE 14 JUNHO

EXPOSIÇÃO TODAS AS IDADES

JOÃO QUEIROZ

OBRAS SOBRE PAPEL

www.ccvf.pt

TNSJ TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Nacional São João 14-24 Mai 2009

A FALECIDA

VAPT-VUPT

cenário e figurinos Rosângela Ribeiro
desenho de luz David Brito
sonoplastia Zaul Teixeira

interpretação Adriano Bolívar André Lopes Angélica Colombo Bruna Arauzete Elísia Costa Érica Gallani Fred Mesquita Gerardo Mário João Paulo Lee Thaler Marco Búllia Márcos de Andrade Michelle Boenche Tatiana Linná Ygor Fiori

ter-sáb 22:00
dom 16:00
M/12 anos
Info 800-10-8675

Bilhetes: Fnac, DINO, TeCA, www.ticketline.pt, www.plataea.io.pt

www.tnsj.pt

TEATRO DO BRASIL

CO-PRODUÇÃO CPT - CENTRO DE PESQUISA TEATRAL, GRUPO DE TEATRO MACUNAIMA (SÃO PAULO, BRASIL)

DE NELSON RODRIGUES
ENCENAÇÃO ANTUNES FILHO

www.eurocid.pt www.apordoc.org



Kid Congo Powers conta-nos que está a escrever um livro de memórias. Pensamos que não precisa de ser muito bem escrito, que nem precisa de ser um quinto do que são, por exemplo, as "Crónicas" de Dylan. A verdade é que só pode resultar em algo interessante.

Nascido em La Puente, subúrbio de Los Angeles, em 1960, Kid é uma figura inescapável do underground rock'n'roll da década de 1980. Foi guitarrista dos Cramps, com quem gravou, entre outros, o seminal "Psychedelic Jungle". Aprendeu a tocar guitarra com Jeffrey Lee Pierce, dos Gun Club, banda a que ajudou a dar forma (estava lá, por exemplo, em "Las Vegas Story"). Depois disso, viajou até Berlim e encontrou Nick Cave, Mick Harvey ou Blixa Bargeld: "Acho que poderias ser o nosso guitarrista", disseram-lhe. Entre 1988 e 1990, foi um dos Bad Seeds, colaborando em "Tender Prey" e "The Good Son". E há ainda as histórias com os Ramones - adolescente, foi viver para Nova Iorque e "inventou-lhes" um clube de fãs -, os encontros delirantes com David Thomas, dos Pere Ubu, o trabalho com Judee Still, a amizade com Lydia Lunch. A lista é infindável.

Kid Congo Powers, o guitarrista que, nos Cramps, queria parecer Ronnie Spector e o namorado de Ronnie Spector unidos num corpo só, tem um percurso que, começando na abrangente cena punk nova-iorquina, se alargou a toda uma série de manifestações underground - "o que me interessa é aquilo que acontece por trás do cenário, o que me interessa é o ventre das coisas", dir-nos-á o

homem que acaba de editar "Dracula Boots", gravado com os Pink Monkeybirds, a banda que o acompanha há alguns anos e que com ele estará, esta noite, na Galeria Zé dos Bois, em Lisboa (23h).

Kid Congo Powers diz-nos então que está a escrever um livro de memórias - e que a experiência está a deixar marcas na sua música. Por uma razão: aquilo de que tem retirado maior prazer neste obrigatório regresso ao passado são as recordações do antes. Antes: "quando era um miúdo e estava a descobrir a música"; quando a irmã mais velha lhe falava de concertos a que o levaria, como os dos Thee Midneters, banda de chicano rock dos anos 1960 de quem ouvimos uma versão, "I found a peanut", em "Dracula Boots": "Ficava excitado só de pensar em ir vê-los, mesmo sem saber ao que soariam. Claro que, depois, estando lá, percebia imediatamente o que havia ali de tão excitante." Ouvindo-o, começamos a compreender melhor o cenário escolhido para o nascimento do novo álbum.

Música no ginásio

"Dracula Boots" foi gravado em Harveyville, cidade no Texas com meros 250 habitantes. Foi gravado, mais precisamente, em estúdio montado no ginásio de uma escola secundária. A escola não recebe alunos e é ali que vive o teclista e produtor Jason Ward - comprou-a quando a Câmara local, sem uso a dar-lhe, decidiu pô-la à venda (não há miúdos em número suficiente em Harveyville).

O cenário: Kid Congo Powers, instalado no palco montado no ginásio,

a imaginar os concertos a que a irmã o levava e os filmes que via das janelas de casa - nas imediações, destacavam-se as grandes telas de dois drive-ins. Pretendia, descreve, recriar um ambiente de festa adolescente, com miúdos a dançar e outros a libertar a libido na escuridão, com miúdos a beberem os primeiros copos e professores a juntarem-se ao baile (os mais porreiros) ou a sofrerem partidas cruéis (os que não interessavam). Claro que não é só isso - um Kid Congo Powers não pode fugir à sua natureza: em "Dracula Boots" criam-se ambientes de filme sci-fi, dança-se soul de garagem com zumbidos assemelhados a theremins, ouve-se Kid Congo, em regime spoken-word, contar histórias com o seu quê de tétrico - uma delas, "Late night scurry", é "sobre estar com Pere Ubu num bar, em ácidos, a ter uma série de iluminações". Kid Congo Powers pode querer regressar a uma adolescência mitificada, mas não regressa totalmente.

A conversa avança e, a determinado ponto, falamos da morte de Lux Interior, o vocalista dos Cramps, em Fevereiro. Ele recorda que a banda só se convenceu definitivamente a acolhê-lo quando lhes apareceu com um casaco dourado comprado na Lansky Brothers, a loja de roupa preferida de Elvis Presley - "o estilo era uma forma de expressar individualidade e aquele casaco dourado dizia muito sobre aquilo em que estava interessado: acho que também entrei nos Bad Seeds por causa desse casaco".

Falávamos disso e de como a cria-

"Neste disco quis que as pessoas se sentissem vivas, algo que levantasse os espíritos". Pegar no "bom lixo" que estes "anos merdosos" têm escondido e fazer a festa, marginal e desviante

ção de uma personagem, que se torna real e que se transporta para a música, é algo tão enraizado na história do rock'n'roll. É então que Kid Congo Powers nos diz isto: "Estive num concerto dos Cramps há uns anos, depois muito tempo sem os ver. Fui transportado. Nunca existiu nada assim, nem antes, nem depois. Basta uma olhadela e percebe imediatamente que queres atravessar aquela porta. Isso levou-me a pensar naquilo que queria que fosse o meu próximo disco. Pensei neles e no facto de terem ido propositadamente a Memphis para gravar o primeiro álbum. Pensei em como o espaço afecta realmente a música que criamos."

Como sabemos, Kid Congo Powers não foi a Memphis. Montou um palco num ginásio e embrenhou-se na "selva psicadélica" inventada pelos Cramps. Neste sentido: "Não quis fazer um disco desafiante, não quis um disco que fizesse as pessoas sentirem-se terrivelmente consigo próprias - o que já fiz no passado, a bem da beleza." Agora, "quis que as pessoas se sentissem vivas, algo que levantasse os espíritos". Pegar no "bom lixo" que estes "anos merdosos" têm escondido e fazer a festa, marginal e desviante.

No concerto de Lisboa, revela, tocará as novas canções, tocará velhas canções dos Cramps e dos Gun Club. "Estejam preparados e tragam as vossas botas Dracula", despede-se. Lá estaremos (só não sabemos onde raio arranjar umas botas Dracula).

Ver crítica de discos pág. 32 e segs. e agenda de concertos pág. 35 e segs.

Música

Kid Congo Powers regressa à selva psicadélica

Kid Congo Powers é inescapável no underground da década de 1980. Agora que edita "Dracula Boots", e que apresenta esta noite na ZDB, diz-nos que está a escrever as suas memórias e que, com isso, a música mudou. *Mário Lopes*



NOKIA
Connecting People

ESPECIAL, COMO OS XUTOS

OFERTAS

- TODA A DISCOGRAFIA ORIGINAL (12 ÁLBUNS)
- DVD "AO VIVO NO PAVILHÃO ATLÂNTICO"
- TAMPA EXTRA AUTOGRAFADA PELOS XUTOS&PONTAPÉS



NOKIA 5800
XUTOS&PONTAPÉS

€349,90

EDIÇÃO LIMITADA
TELEFONELO AUTOGRAFADO PELA BANDA

Junta-te aos 30 anos dos Xutos com a Optimus.

Com o Nokia 5800 Xutos & Pontapés, já podes ouvir toda a discografia dos Xutos em qualquer lado. São 12 álbuns e um DVD do concerto ao vivo no Pavilhão Atlântico que nenhum admirador de boa música pode perder. E como o bom pode ser ainda melhor, o Nokia 5800 Xutos & Pontapés vem autografado por todos os membros da banda.

www.musica.optimus.pt



Há quase duas décadas que o maestro alemão Michael Zilm é um convidado assíduo das principais orquestras portuguesas. Com forte predileção pelo repertório do Romantismo tardio e pela música do século XX, este antigo assistente de Karajan combina uma bem sucedida carreira internacional com visitas regulares a Lisboa e Porto para dirigir obras da sua predileção e desenvolver um trabalho de fundo com algumas destas formações. Tudo começou no final dos anos 80, quando se cruzou em Hamburgo com Muhai Tang, que acabava de ser nomeado titular da Orquestra Gulbenkian e o convidou a propor programas. Começou por escolher uma peça na altura pouco interpretada - "Totenfeier", de Mahler, mais tarde convertida pelo compositor no primeiro andamento da Sinfonia nº2 - e a proposta foi acolhida com entusiasmo. "Encontrei no Dr. Pereira Leal [director do Serviço de Música da Gulbenkian] uma pessoa com enormes conhecimentos e uma grande paixão por Mahler como eu", diz o maestro ao Ípsilon. De 1994 a 2002, foi maestro convidado principal da Orquestra Gulbenkian e daí surgiram outras colaborações. Dirigiu várias vezes a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Nacional do Porto e mantém desde 2005 uma parceria regular com Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML).

É com esta última que se irá apresentar este fim-de-semana no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, num

programa comemorativo do centenário dos Ballets Russes criados por Diaghilev em 1909, que inclui a apresentação de "El Corregidor y la Molinera", de Manuel de Falla, e "Pulcinella", de Stravinsky. O concerto de sábado (às 21h) será transmitido on-line pelo Portal da Sapo (<http://videos.sapo.pt/metropolitana>), sendo repetido (apenas ao vivo) no domingo, às 17h.

"Devido às dimensões da OML, a primeira escolha foi fazer obras para orquestra de câmara em vez dos baíladros mais famosos de Stravinsky, Debussy ou Dukas apresentados por Diaghilev que exigem uma orquestra de grandes dimensões", explica. "As obras que escolhemos são conhecidas, mas as versões que vamos apresentar são raramente executadas."

"El Corregidor y la Molinera" é uma primeira versão de "O chapéu de três bicos" concebida como uma pantomima e destinada a um ensemble instrumental mais pequeno. "Diaghilev ouviu esta peça em Espanha e gostou tanto que pediu a Falla para a transformar num grande bailado, que é 'O Chapéu dos Três Bicos' que conhecemos hoje", refere Zilm. "Com a 'Pulcinella' sucede algo semelhante. A música do bailado é para orquestra de câmara e três cantores mas posteriormente Stravinsky fez uma suite, sendo essa a versão hoje mais divulgada."

Ouvir na nossa cabeça

Para o alemão, as melhores qualidades de uma orquestra são "o amor

pela música" e "a recusa da rotina". "Só depois vem a qualidade dos instrumentistas. Com uma orquestra de músicos fantásticos mas frios e rotineiros não fico contente. Pode ser mais gratificante trabalhar só com estudantes. Podem ainda não ter atingido o nível técnico do profissionais, mas querem fazer melhor. Isso faz-me mais feliz."

Michael Zilm nasceu em 1957 em Estugarda numa família com longa tradição musical. "A minha família vinha de Praga, da antiga Áustria e da Alemanha. Ao longo de muitas gerações, já desde o tempo de Mozart, teve instrumentistas na orquestra de Karlovy Vary [cidade termal perto de Praga]. O meu avô era actor e a minha mãe queria ser cantora mas não conseguiu, pois teve de deixar a escola porque era meia judia. Os meus avós estiveram em campos de concentração. A minha avó era violoncelista na orquestra de Theresienstadt." Estudou violino desde os seis anos e dedicou-se à viola antes de decidir enveredar pela direcção de orquestra. "Comecei a contactar com compositores e achei que eram mais interessantes do que os instrumentistas. Estes só falavam dos seus instrumentos, mas os compositores falavam de música. Deram-me a oportunidade de começar a dirigir pequenos grupos e foi assim que comecei."

O primeiro concerto que dirigiu teve um programa dedicado a Webern e o fascínio pela música da 2ª Escola

"Com uma orquestra de músicos fantásticos mas frios e rotineiros não fico contente. Pode ser mais gratificante trabalhar só com estudantes"

de Viena permaneceu até hoje, juntamente com o interesse pelo repertório do século XX e com a paixão por Mahler, "compositor cuja música transmite todos os sentimentos da humanidade."

"Atrai-me o gosto que Mahler tem pelos extremos, a sua mistura entre música popular e música elevada, entre melancolia e felicidade, ternura e a violência. Ele faz a ponte entre o século XIX (Bruckner, Brahms, Wagner) e o século XX (Schoenberg e a 2ª Escola de Viena). É todo um universo." Zilm refere que agora Mahler está na moda mas nem sempre foi assim. "Durante o nazismo foi proibido na Alemanha e na Áustria, o verdadeiro ressurgimento deu-se com Bernstein e com o filme de Visconti ['Morte em Veneza', com o 'Adagietto' da 5ª Sinfonia como banda sonora]. Mas a sua grande admiração

vai para os maestros que ainda conheceram o compositor: Willelm Mengelberg - "dele restam apenas duas gravações mas temos as partituras que estão profusamente anotadas e que tenho consultado muitas" - , Bruno Walter, "com a sua visão muito romântica" e Otto Klemperer, "mais objectivo e estrito."

Ao longo da sua formação trabalhou com grandes maestros mas a experiência mais marcante resultou do contacto com Karajan. "No início Karajan foi o mais importante, mas na altura não tinha consciência disso. Kleiber dizia que ele era o único peixe porque ficava debaixo de água. Nós dirigimos e temos de vir à superfície para respirar, mas ele era o peixe na água, nadava dentro da música. Não sei se era o maior músico, mas era o maior maestro porque conseguia tudo o que queria. E dirigir é obter tudo aquilo que queremos da orquestra." Para o conseguir cada maestro desenvolve uma linguagem pessoal. Exemplifica com gestos: "Claudio Abbado fala muito pouco nos ensaios, Kleiber falava muito mas não falava de música, usava imagens do género: tem de soar como a neve a cair, etc. A técnica de direcção é primitiva, pode aprender-se num dia, mas isso não é nada. O que interessa é conseguir o que queremos da música e dos músicos, fazer com que o que ouvimos na nossa cabeça seja o mesmo que ouvimos na orquestra. A técnica de direcção é o próprio maestro."



Música

Um maestro contra a rotina

Antigo assistente de Karajan, apaixonado por Mahler e pela música do século XX, Michael Zilm dirige este fim-de-semana com a Metropolitana um concerto comemorativo do centenário dos Ballets Russes que será transmitido on-line. *Cristina Fernandes*

casa da música

02 MAI



18:00 + 19:15
PARQUE ESTACIONAMENTO
€ 15

Reinbezt de Leeuw
- Balduz Brönnimann
- Christian Kaelsen
direcção musical

Karlheinz Stockhausen Gruppen

Karlheinz Stockhausen revolucionou o conceito de especialização sonora com Gruppen: três orquestras, cada uma dirigida pelo seu maestro, dividem-se por três palcos diferentes. Um diálogo de blocos sonoros absolutamente inovador na escrita orquestral, apresentado pela Orquestra Nacional do Porto em estreia nacional.

3 ORQUESTRAS PARA STOCKHAUSEN

Gruppen

ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO

**IMAGINAÇÃO AO PODER!
REMIX ENSEMBLE**

clubbing optimus

Peter Rundel direcção musical
Melanie Walz soprano

Claude Vivier *Trois airs pour un opéra imaginaire*
Frederic Rzewski *Coming Together*

21:30 PARQUE ESTACIONAMENTO
CLUBBING (PARQUE ESTACIONAMENTO + SALA 2 + OUTROS ESPAÇOS) € 10

Um concerto que inclui uma obra inspirada na famosa rebelião ocorrida em 1971 na prisão de Attica, em Nova Iorque. O Remix Ensemble de visita pela primeira vez ao Clubbing.

Casa da Música - membro do Réseau Theatre, apoiado pelo Programa Cultura 2000 da União Europeia, de responsabilidade apoiada pela Rede de Museus Europeus - Programa Cultura 2000 do União Europeia

Culture 2000

clubbing
optimus

.....SÁB 02 MAIO.....

..... 21:30 PARQUE ESTACIONAMENTO - REMIX ENSEMBLE

..... 00:30 SALA 2 - KID CONGO POWERS &

THE PINK MONKEY BIRDS.....TÉLÉPATHIQUE.....

..... 02:00 BAR 1 + 2 - DJ APACULA & DJ PAULO DANTAS

..... JOEL MARTIN (QUIET VILLAGE)

..... 23:00 SALA ROXA - ÁLVARO COSTA

..... 23:30 CYBERMUSICA - OCTETO REMIX

..... 22:30 "DIGITÓPIA AFTER HOURS"

..... PFADFINDEREI

..... PARQUE ESTACIONAMENTO + SALA 2 + OUTROS ESPAÇOS = € 10

SALA 2 + OUTROS ESPAÇOS = € 7,5

PJ HARVEY & JOHN PARISH

SALA SUGGIA 22:30
PJ+JP = ESGOTADO

casa da música

PATROCÍNIO CLUBBING



MEENAS DA SALA 2



MEENAS DA ORQUESTRA NACIONAL DO PORTO



APOIO INSTITUCIONAL



MEENAS DA CASA DA MÚSICA



TEMOS PARA OFERECER 20 CONVITES DUPLOS PARA O CLUBBING (EXCEPTO SALA SUGGIA). SEJA UM DOS 20 PRIMEIROS LEITORES A APRESENTAR HOJE ESTE JORNAL COMPLETO NA CASA DA MÚSICA.

Isabelle Launay ia ao volante quando Boris Charmatz foi atropelado pelos textos do fundador do butô, Tatsumi Hijikata (1928-1986) - e sobretudo por este título, "La Danseuse Malade" (à letra, a bailarina doente), com o qual ele achou, de caras, que "havia coisas a fazer".

Ainda hoje, mais de dois anos depois, fala desses textos como se estivesse possuído por eles, e na verdade está: "A partir do momento em que os lemos, em que os metemos na boca, o corpo não pode continuar indiferente. Estes textos chovem-nos em cima, e ficamos encharcados."

Ele não abriu o guarda-chuva: chamou Jeanne Balibar (atriz que já tínhamos visto a subir telhados, a dizer palavões em público e até a vestir um avental, mas nunca a mexer-se desta maneira), deu-lhe as chaves de um camião, fechou-se na mala e fez as coisas que havia a fazer com Tatsumi Hijikata. Conduzir um camião, mesmo quando se está doente, é uma maneira de dançar - e de fazer butô - como outra qualquer.

"La Danseuse Malade", espectáculo que a Culturgest apresenta em Lisboa nos dias 6 e 7, é o diário desses dias em que eles estiveram possuídos por Tatsumi Hijikata e conduziram um camião - em círculos, porque num palco não se pode ir "a parte nenhuma" -, arrancaram látex do soa-lho, e sentiram os dentes de um cão a cravarem-se no braço.

Não tem nada a ver com o butô e ao mesmo tempo tem tudo a ver com o butô: "Fiz questão de não me documentar sobre o butô porque queria estar sozinho com estes textos. Mas depois houve especialistas em butô que vieram ver o espectáculo e me disseram que isto que eu fiz é butô. É possível: o butô é um pensamento, e esse pensamento está nos textos", diz ao Ípsilon.

Foi isso que o entusiasmou quando os meteu na boca, depois de Isabelle Launay lhe ter dito que ele tinha corpo para sair com vida deste atropelamento: "Tínhamos escrito um livro juntos ["Entretenir - À Propos d'une Danse Contemporaine", 2003] e ela falou-me destes textos praticamente inexistentes, porque não estão sequer editados na Europa. O Patrick De Vos anda há anos a trabalhar na tradução do Tatsumi Hijikata, mas nunca está satisfeito com os resultados, por isso

tivemos quase que os roubar para poder fazer este espectáculo."

O que é que ele viu nestes textos para que imediatamente fazer coisas com eles? "Primeiro o facto de a escrita dele ser já uma maneira de fazer butô - e não uma maneira de analisar ou de explicar o butô. Estes textos não são coisas que ele escreve ao fim-de-semana, nem subprodutos dos espectáculos; têm uma força que vem da dança e que possui as palavras. E depois o facto de desmistificarem essa coisa do butô como uma arte exótica e longínqua, uma coisa lá dos japoneses: quando escreve, ele dirige-se directamente a autores contemporâneos ocidentais como Bataille, Artaud, Genet, que aparecem por trás destes textos quase como fantasmas do próprio Hijikata", responde Charmatz.

Fantasmas

Ele não quis estar sozinho com esses fantasmas - os fantasmas de Hijikata, que afinal também são os fantasmas da "modernidade ocidental" - e por isso lembrou-se de telefonar a Jeanne Balibar, que conhecia sobretudo do teatro (e de "En Micronésie", que ela o convidou para fazer em Berlim, em 2005). "Gosto muito da maneira como ela se mexe - tem um movimento muito pouco físico, muito inconsciente, muito próximo do

abandono. Não sei como dizer: quando a vejo mexer um braço e pegar num objecto, é como se nada daquilo tivesse sido premeditado e ela se tivesse cruzado com esse objecto por acaso, ao deixar cair os braços. Os gestos que ela faz nunca parecem ser os gestos que ela tinha decidido fazer. E depois é como se houvesse nela o fantasma de uma bailarina - e há, porque ela fez dança dos 5 aos 17 anos, mas isso eu soube mais tarde", explica.

A seguir não quis estar sozinho com Jeanne Balibar e então trouxe látex, um camião, um cão e um vídeo para que houvesse sempre alguma coisa no meio dos dois: "Preferia nunca ter de estar sozinho com ela, e por isso somos sempre nós os três: eu, ela e o texto, ou eu, ela e o camião, ou eu, ela e o cão. Há uma série de coisas que estão em cima do palco para evitar o par, o duo."

O camião é mais do que um impedimento: é todo o programa de "La Danseuse Malade", o espectáculo em que Boris Charmatz e Jeanne Balibar procuram, e encontram, "um veículo" para estes textos. "É um veículo um bocadinho inútil, porque não podemos ir a parte nenhuma, mas precisávamos de um transporte para os corpos que há no Hijikata: corpos de crianças, de mortos, de animais, de velhos. E precisávamos de alguma

"Fiz questão de não me documentar sobre o butô porque queria estar sozinho com estes textos. Mas depois houve especialistas em butô que vieram ver o espectáculo e me disseram que isto que eu fiz é butô. É possível: o butô é um pensamento, e esse pensamento está nos textos"

coisa que dançasse, além do próprio texto, porque os movimentos que nós fazemos são secundários. Quando estou dentro do camião, não me mexo como quero, mexo-me como o camião em movimento me faz mexer. Interessa-me esse movimento que não é voluntário", continua.

Também lhe interessam esses corpos que Hijikata acumula nos textos: "Há uma porosidade entre estes corpos, entre o que está fixo e o que está em movimento, entre o que está morto e o que está vivo, e essa circulação é hipnotizante. É uma paisagem mental muito estranha, mas o butô é exactamente isso: um corpo que se desdobra, que tem problemas, que adocece, que morre. Para o Hijikata, a sujidade e a doença, esse estado em que estamos aquém das nossas forças, não são impedimentos, são impulsos criativos". Nisso o butô é como os movimentos que ele faz dentro do camião, mais forte do que ele: "Acabei a fazer butô involuntariamente. Mas não como se faz normalmente na dança, em que vamos sempre muito pela transmissão directa, corpo-a-corpo, e se fazemos butô é porque trabalhamos com um grande mestre. Eu não trabalhei com um grande mestre, fiz o que me apetecia fazer - e essa liberdade, dizem-me, é o butô."

Ver agenda de dança pág. 38



O camião dança?

Sim, com Jeanne Balibar e Boris Charmatz

Conduzir um camião é uma maneira de dançar como outra qualquer, escreveu o "Libération" a propósito de "La Danseuse Malade", na Culturgest dias 6 e 7. Ela vai ao volante, ele fecha-se na mala e a seguir somos atropelados pelos textos de Tatsumi Hijikata, o fundador da dança butô. *Inês Nadais*

Alain Buffard sabe o que aconteceu a Baby Jane

“(Not) A love song”, amanhã e depois no CCB, é o caso que o coreógrafo francês quis ter com a memória do cinema musical, com as velhas “stars” do mudo e as canções da vida dele. Let’s dance, até ao fim do amor. *Inês Nadais*

A portuguesa Vera Mantero, a italiana Claudia Triozzi e o nova-iorquino Miguel Gutierrez encontraram em “(Not) A Love Song” um texto, uma série de “standards” e um coreógrafo que queria fazer uma comédia musical e sabotar os códigos dramáticos da coisa

Há uma altura na vida em que um homem tem de fazer o que um homem tem de fazer e Alain Buffard (Morez, 1960) tinha de fazer isto: um ajuste de contas com a memória do musical, com as “stars” do mudo e com as canções da vida dele (Nina Simone, Velvet Underground, Chavela Vargas, Kurt Weill: são os “standards” que estiveram sempre ao lado dele, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença).

“(Not) A Love Song”, o espectáculo que o coreógrafo francês fez com essa tralha toda - e com Vera Mantero, Claudia Triozzi e Miguel Gutierrez, que cantam e dançam como num grandioso musical do tempo em que o cinema era realmente a cores, apesar de isto ser a preto e branco - é Alain Buffard a dizer que sabe o que aconteceu a Baby Jane, e a Norma Desmond, Margo Channing, Elisabeth Vogler, Veronika Voss, Dolores del Río e Maria Félix. Podia ter sido uma tragédia, e é - mas em grande estilo.

É uma ideia que continua lá, mas em subtítulo: “(Not) A Love Song”, que Buffard traz amanhã e depois ao CCB, em Lisboa, é uma tragédia musical assumida, a história do que acontece a “duas atrizes decadentes, depois da glória, depois da fama”, e também a história do diabólico sistema económico que se alimenta dos corpos delas até haver mais carne fresca e depois se desfaz deles em andamento. “Há muito glamour nesta história, mas também há uma tristeza avassaladora”, diz ao Ipsilon. Aqui há disso e há o contrário disso, como na canção dos P.L.L. que ficou como título do espectáculo: “Adoro comédias musicais mas fiz uma coisa que se parece mais com uma tragédia musical. Abri um parêntesis e pus lá dentro uma negação porque nunca se sabe como vão terminar as histórias, e em particular as histórias de amor”.

Sabemos como começam - esta, pelo menos. Pela primeira vez na vida, Buffard trabalhou a partir de um texto teatral, “Orquídeas a La Luz de La Luna”, do mexicano Carlos Fuentes. Essa peça em que sabemos o que aconteceu a duas atrizes de carne e osso que pensavam que teriam sempre Hollywood mas não tiveram, Dolores del Río e Maria Félix, tinha os elementos que lhe interessava usar. “Nunca percebemos bem se estas mulheres foram grandes atrizes de cinema ou se apenas fazem muitos filmes. Mas é esse jogo de máscaras e de personagens que faz a peça.” Isso e o monumental trabalho de adaptação das canções de Vincent Ségál (era preciso encenar estes “standards” e Ségál faz isto só com um teclado, uma guitarra e um violoncelo eléctrico).

Pessoas certas no sítio certo

Foi esse o cenário que a portuguesa Vera Mantero, a italiana Claudia Triozzi e o nova-iorquino Miguel Gutierrez encontraram quando chegaram a “(Not) A Love Song”: um texto, uma série de “standards” e um coreógrafo que queria fazer uma comédia musical e sabotar os códigos dramáticos da coisa

“Adoro comédias musicais mas fiz uma coisa que se parece mais com uma tragédia musical”

ógrafo que queria fazer uma comédia musical e ao mesmo tempo sabotar os códigos dramáticos da coisa, usando “a memória das poses, das luzes, dos gestos, de todo esse aparato ‘camp’” ao serviço de “um novo género”. Foram as pessoas certas no sítio certo: “O que eles fazem é incrível. Na Europa é raro encontrar artistas que cantem, dançam e representem com aquele à-vontade. Mas eu já já tinha trabalhado com elas - e com o Miguel também, mas ele vem de outro meio, em que essa circulação se faz com toda a normalidade -, sabia que a Vera tinha uma experiência vocal curiosa a partir de coisas do Caetano Veloso e que a Claudia usa a experimentação vocal nos seus próprios espectáculos”, argumenta Buffard. Trabalharam as versões e depois ficaram a ver aonde é que elas iam parar: “Elas não tinham o hábito de um certo repertório, género Joy Division ou Iggy Pop, nem mesmo de coisas que parecem muito simples mas que depois se mostram complicadas, como as canções que o Weill fez com o Brecht. Mas o exercício foi justamente pegar em músicas conhecidas e fazê-las derrapar para outro género. Há uma canção dos Velvet que a Vera canta como uma fadista, e uma ária que o Miguel canta como um pastor americano. Há um efeito de deslocação, sempre”.

Depois viram filmes (“O Crepúsculo dos Deuses”, “A Saudade de Veronika Voss”, “O Que Teria Acontecido a Baby Jane?” e “Persona”), olharam para as grandes atrizes e trouxeram daí um arsenal de gestos, de frases e de imagens que reutilizam em “(Not) A Love Song”, dentro deste filme a preto e branco que tanto pode ser “um apartamento chique como um estúdio de rodagem”.

Agora que já podem tomar o pequeno-almoço em paz, e ir ao café como pessoas normais, estas mulheres continuam a vestir Chanel e Lacroix e é como se ainda estivessem vivas, mesmo depois do “the end”: “Não podia metê-las em roupas da H&M. O que elas vestem também diz muita coisa sobre as ‘stars’: é tudo bonito e glamoroso, os vestidos são maravilhosos e há sempre muito champanhe, mas estas figuras estão acabadas e, no fim do filme, estão sozinhas face à sua solidão, face ao seu próprio desespero”. Grande volte-face.

Ver agenda de espectáculos pág. 38

Dança

Produção **mc**

Patxi Andión

Digressão em Portugal 2009

- 13 MAIO | FIGUEIRA DA FOZ [CAE]
- 14 MAIO | LISBOA [Cinema São Jorge]
- 15 MAIO | PORTO [Casa da Música]
- 16 MAIO | GUARDA [Teatro Municipal]

Patxi Andión

Se alguém com um grande talento para a escrita se dedica à não-ficção, isso é visto como um imenso desperdício. “É como uma mulher belíssima que, em vez de trabalhar como modelo, se torna bióloga”, compara Leila Guerriero. “Vais passar a vida fechada num laboratório?, perguntam-lhe. Sem que ninguém te veja as mamas?”

Ela, Leila, cabeleira, olhos, roupa e humor negros e uma arte luminosa com as palavras, não escreve ficção. Um desperdício, dizem-lhe. Descobriu uma história extraordinária numa aldeia da Patagónia e pensou fazer um livro. Uma primeira editora propôs logo: porque não transformar tudo em ficção? Uma segunda teve outra ideia: porque não entregar a obra a um escritor mais famoso, especialista na Patagónia?

Não foi fácil encontrar alguém que quisesse publicar “Os Suicidas do Fim do Mundo” (Quetzal) tal como Leila entendia que devia ser publicado: como livro de não-ficção escrito com recursos literários.

Em Las Heras, uma pequena aldeia nos confins da Patagónia, doze jovens de 25 anos tinham-se suicidado. Las Heras, uma aldeia a que a indústria do petróleo tinha outrora trazido

“Bruce Chatwin é um dos grandes responsáveis pela mitificação da Patagónia. É uma visão europeia”

alguma prosperidade, antes da privatização. Depois, a comunidade perdeu o rumo. Não tinha perspectivas do futuro que lhe fora prometido, nem sabia regressar aos velhos modos de vida rurais. Doze jovens suicidaram-se.

“Um romancista com alguma imaginação pode inventar uma aldeia na Patagónia onde os jovens se começam a suicidar. Mas, na minha história, o que lhe dá força é o facto de ser verdade. Acho que a realidade é uma coisa muito poderosa, muito sensual, para ser contada. Não creio que ficcionar esta história lhe acrescentasse valor.”

Leila ainda tentou vender a ideia a uma revista, mas corria o ano de 2001, o do descalabro económico na Argentina. Responderam-lhe os direc-

tores das revistas: “Não te podemos pagar uma viagem nem de autocarro, para a Patagónia.” E ela partiu sozinha. Gastou as férias de três anos na revista onde trabalha, o suplemento cultural do diário “La Nación”. Chegou a Las Heras e começou a ligar para todos os nomes da lista telefónica, por ordem alfabética. Foi esse o seu método. Depois, foi conquistando a confiança das pessoas, das famílias, fez muitas entrevistas, de muitas horas. Por fim escreveu, num mês e meio: mais umas férias. O livro foi publicado na Argentina e em Espanha, depois traduzido para italiano e outras línguas. Foi um êxito, “talvez porque muitas pessoas tivessem reconhecido aquela realidade”, supõe Leila. Não a do suicídio, mas a das pequenas comunidades rurais, isoladas, vítimas do desprezo e do desconhecimento dos habitantes dos grandes centros.

“Na Patagónia, a sensação das pessoas é de que, da parte de Buenos Aires, há um abandono total. E no entanto, na capital olham a Patagónia como um local bucólico e paradisíaco, onde se poderia recomeçar uma vida e ser feliz. Na realidade, esses lugares constituem uma pequena síntese do Inferno.”

A maior parte do que se escreve

sobre a região revela uma visão mitificada. A começar pelos livros de Bruce Chatwin. “Ele é um dos grandes responsáveis pela mitificação da Patagónia. É uma visão europeia. As pessoas das áreas por onde passou odeiam-no. Mas já antes outros haviam feito o mesmo. O próprio Charles Darwin, apesar da sua perspectiva supostamente científica.”

Mitos

Mas, em toda a escrita de viagens, não é fácil uma visão despida de preconceitos. “Cada um leva sempre os seus mitos. Mesmo eu, sendo argentina, levava o meu próprio mito, ou o meu anti-mito da Patagónia.”

Nesse sentido, tudo o que se escreve é sempre ficção. “É um género difícil de definir, este que eu pratico, a crónica. É como o ornitorrinco, tem características de várias espécies misturadas: jornalismo, com recursos da literatura, do cinema, da música.”

No entanto, fala-se, na América Latina, de um “boom” da crónica, entendida como longa reportagem literária. “Há uma tendência editorial, e há várias revistas que publicam esses textos longos, investigados e escritos de forma artística, como a

‘Gatopardo’, que nasceu na Colômbia e se publica no México. No entanto, com a actual crise, essas revistas estão a retrair-se de publicar crónicas, não obstante ser ponto assente que há um ‘boom’.”

Leila Guerriero continua a escrever e publicar as suas crónicas, não só no “La Nación”, mas também no “El País” espanhol ou na “Rolling Stone” argentina. Acha que a crise da leitura é também uma mitificação.

“Dizem que as pessoas lêem menos. Mas eu tenho a sensação de que os leitores sempre foram uma minoria. As pessoas nunca leram. Um jovem que tem o hábito de ler livros sempre foi olhado como um estranho pelos colegas”.

A crise da leitura, segundo Leila, é apenas uma desculpa das empresas jornalísticas para empregarem jovens pouco qualificados a quem pagam mal. “Dizem que os leitores agora só querem textos curtos, com muitas imagens. Não é verdade. As pessoas sempre hão-de gostar de uma boa história e não se importam que seja longa. É como o sexo. Se for bom, ninguém vai querer que acabe logo.”

Ver crítica de livros pág. 28 e segs.

A realidade é **Leila Guerriero** poderosa

É um dos expoentes do chamado “boom” da crónica latino americana. Considera a não-ficção um género literário nobre, e não acredita na crise da leitura. O Ípsilon falou com a escritora argentina em Matosinhos, onde participou no seminário Literatura em Viagem. *Paulo Moura*



Livros



MAIO 2009
Casa da América Latina

Fotografia PAISAGENS
Até 5 de Junho - na Casa da América Latina
Exposição da artista brasileira Ana Paula Albé.
De 2ª a 6ª, entre 10 h-13h e 14h-18h30

Pessoas CONVERSAS NA CASA DA AMÉRICA LATINA
20 de Maio - 18h30 - na Casa da América Latina
Programa de Entrevistas a Latino-Americanos radicados em Portugal.

Gastronomia MOSTRA DE GASTRONOMIA DA AMÉRICA LATINA
De 7 a 10 de Maio - no Restaurante Terreço do Tadii Lisboa.
Com a participação de 6 Chefs latino-americanos e a coordenação do Chef Luís Baena. O programa inclui aulas de cozinha, almoços, jantares e brunch.

Concertos VINÍCIUS DE MORAES - UMAS E OUTRAS
18 de Maio 22h00 - no Jardim de Inverno / São Luiz Teatro Municipal
21 de Maio 22h00 - no Centro Cultural de Cascais
Com Fernanda Cunha (voz), Camélia Dias (piano) e Georgiana de Moraes, filha de Vinícius.
Reservas e bilhetes: consulte www.c-americalatina.pt.


Cinema CICLO CINEMA ACTUAL DA AMÉRICA LATINA
OUTRAS CENAS SÃO CENAS DO CICLO OUTRAS CENAS SÃO CENAS DO CICLO OUTRAS CENAS
De 27 de Maio a 3 de Junho - na Cinemateca Portuguesa
Programa disponível: consulte www.c-americalatina.pt

Co-organização: 

 Avenida 24 de Julho, 118-B - Tel. 21 395 53 09
geral@c-americalatina.pt - www.c-americalatina.pt

/// O SÃO LUÍZ NO CINEMA SÃO JORGE ///

"A voz de Melingo parece estar preservada em álcool e lembra Charles Aznavour e Serge Gainsbourg."
Sue Steward, in *Songlines*



CO-PRODUÇÃO: SLTM - UGURU /// M/G

MELINGO
apresenta
MALDITO TANGO
CINEMA SÃO JORGE
4 MAI ~ 22H

bilhetes à venda
CINEMA SÃO JORGE tel. 213 103 400
SÃO LUÍZ TEATRO MUNICIPAL tel. 213 257 650
WWW.TICKETLINE.PT

MONÓLOGOS
DA VAGINA
DE EVE ENSLER

ANA BRITO E CUNHA
GUIDA MARIA
SÃO JOSÉ CORREIA



ESTREIA A 26 MAIO

 AUDITÓRIO DOS OCEANOS  CASINO LISBOA

ENCENAÇÃO ISABEL MEDINA TRADUÇÃO JOSÉ LUÍS LUNA
FIGURINOS DINO ALVES I NUNO BALTAZAR I STORY TAILORS MÚSICA NUNO RAFAEL
DESENHO DE LUZ PAULO SABINO ASSIST. ENCENAÇÃO MARTA LAPA

SAIBA MAIS EM WWW.UAU.PT | RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT



7 A 10 MAI

LETRAS EM LISBOA II
LITERATURA,
JORNALISMO E HISTÓRIA
TEATRO SÃO LUÍZ
CASA FERNANDO PESSOA
ENTRADA LIVRE

o debate da literatura e da língua portuguesa

informações e programação
letrasemlisboa.blogspot.com
www.teatrosoluiz.pt

"O Letras em Lisboa atira-se a uma velha tarefa, tentar estreitar relações entre os 'falantes do idioma'."
In Time Out, Abril 2008



ORGANIZAÇÃO:  SÃO LUÍZ TEATRO MUNICIPAL  APOIOS: 

 **EGEAC** SÃO LUÍZ TEATRO MUNICIPAL
RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 36, 1200-027 LISBOA
GERAL@TEATROSOLUIZ.PT; T: 213 257 640

livros

Encontros



O realizador **João Botelho** é o próximo convidado da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, para falar dos livros que anda a ler. É no dia 5, terça-feira, às 18h30.



Não-Ficção

Porque se matam, em Las Heras?

É o primeiro livro da jornalista argentina. Uma crónica de não-ficção sobre todos os lugares distantes.

Paulo Moura

Os Suicidas do Fim do Mundo
Leila Guerriero
Quetzal

★★★★★



Em Las Heras, uma aldeia da província de Santa Cruz, na Patagónia profunda, 12 jovens de 25 anos suicidaram-se. Em datas diferentes, mas relacionadas entre si — sempre no mesmo dia do mês, no último dia do ano ou do milénio, no Natal, na data do aniversário da melhor amiga, exactamente dois meses antes de a mãe dar a luz o irmão.

Nem ninguém sabe porque se deram os suicídios, nem porque tinham os suicidas todos a mesma idade, nem porque escolheram aquelas datas. Correram várias teorias: a primeira suicida teria deixado uma lista com os nomes das seguintes, e as circunstâncias e as datas dos respectivos suicídios; uma seita teria recrutado os jovens para depois os induzir ao suicídio; rituais de magia negra colocariam os jovens no transe que os levou ao fatídico acto; os espíritos dos índios sepultados naquela zona estariam a vingar-se. Nenhuma das explicações é satisfatória, mas os factos não mentem: em Las Heras, nos confins da Patagónia, doze jovens de 25 anos

decidiram acabar com a vida por alturas da mudança do milénio.

Esta é a história de “Os Suicidas do Fim do Mundo”, um “romance” de não-ficção da argentina Leila Guerriero.

Os acontecimentos chegaram ao conhecimento da jornalista do diário argentino “La Nación” através de um email de uma ONG que pretendia divulgar um plano de jovens negociadores em situações de violência, conflito ou desagregação social. Os jovens eram estudantes da Universidade norte-americana de Harvard e iam pôr em prática o seu plano em três locais. Um deles era Las Heras, uma aldeia cuja população trabalhava toda na indústria do petróleo, até esta ser privatizada, nos anos 90. O enorme aumento do desemprego provocou proporcionais aumentos do alcoolismo, violência doméstica, prostituição, gravidez adolescente e... suicídios. O contexto foi o que interessou a autora. O bizarro da sequência de suicídios foi o que conferiu à história as suas potencialidades simbólicas e estéticas.

“Os Suicidas do Fim do Mundo” é uma obra literária, que destrói os mitos da Patagónia. O território imenso, inocente e paradisíaco dos livros de Bruce Chatwin é aqui apresentado como um local repleto de absurdo, miséria e ressentimento. É, porém, tanto ou mais apaixonante do que os relatos poéticos ou ficcionais sobre uma das regiões mais inóspitas da Terra.

A narrativa de Leila Guerriero comove e dói como o discurso de um louco que não nos é indiferente. Está impregnada da racionalidade que nos obriga ao confronto com o absurdo da intriga, e da indulgência quase lasciva que nos deixa estupidamente alheados, quando queríamos estar indignados.

“Esta menina foi encontrada morta nos sanitários do cemitério. Este menino foi encontrado dentro de um saco no lixo. O pai e a mãe bateram-lhe e deram-no como desaparecido, meteram-no no saco e deitaram-no fora; dois rapazes que andavam a brincar encontraram-no todo nu com marcas de cigarros. Diz aqui que esteve vivo doze horas dentro do saco, na pedreira. Depois, aqui, foi quando balearam a carrinha do doutor, e estes aqui andaram à pancada bêbados e acabaram todos mortos, caídos numa valeta.

Estivemos duas horas a olhar para aquilo e eu pensei no que o bom senso ditava: que acontecem coisas em todo o lado, mas que numa cidade tão pequena parece pior.”

O que o livro diz é que há lugares tão reais e tão longínquos que nada do que lá se passa nos pode parecer estranho. Mas Leila Guerriero quer fazer-nos sentir - e consegue - que, por mais que tentemos fugir, é nesses lugares que todos vivemos.

“Algures - em Buenos Aires - havia sítios com luzes, casas com janelas abertas, cinemas, revistas. Telefones. Mas tudo isso ficava num lugar inexistente. O Norte. Distante Norte.

E naquela noite, ali em Las Heras, caía a noite sobre o mundo inteiro.”

Ensaio

O objectivo do subjectivo

Edição revista de uma breve panorâmica da poesia portuguesa 1950-2000.

Pedro Mexia

A Poesia Contemporânea Portuguesa

Fernando Guimarães
Quasi, € 14.70

★★★★☆



Houve um momento de apogeu da moderna poesia portuguesa: 1950 a 1970. E depois sobreveio uma crise que corresponde à crise da modernidade. Eis a

tese central de Fernando Guimarães em “A Poesia Contemporânea Portuguesa”, tese que encontramos também nos ensaios de Gastão Cruz, embora aqui apareça formulada sem intenção polémica. O paradigma anterior, escreve Guimarães, tinha origens no romantismo e no simbolismo, estimava as vanguardas, defendia a intelectualização, praticava a metáfora. O novo paradigma constitui um novo realismo, propõe um revivalismo irónico, privilegia a emoção e cultiva a imagem.

Autor de estudos sobre o simbolismo, o saudosismo e o modernismo, Fernando Guimarães é um historiador atento da poesia portuguesa. “A Poesia Contemporânea Portuguesa”, agora em terceira edição, foi publicado em 1989, e os 20 anos passados permitem que esta breve panorâmica fique um pouco mais completa. Guimarães começa por lembrar que a poesia portuguesa de 1950-1960 espelha ideias filosóficas: o existencialismo, que valorizava a dimensão simbólica e cognitiva; e o estruturalismo, que promovia a dimensão significante e linguística. Essa mudança começa com a revista “Árvore” e com António Ramos Rosa, que escrevia uma poesia que se exprimia a si mesma mas que não ignorava o circunstancialismo histórico. O isolamento da palavra da fase inicial vai dando lugar, ao longo das décadas, a uma espécie de animismo vitalista, a uma discursividade metaforizante e expansiva, a um diálogo permanente. Mas Ramos Rosa nunca se afasta completamente de uma matriz inaugural, e fornece a Guimarães um modelo decisivo: a subjectividade atenuada.

Avançamos no ensaio e vemos emergir esse padrão de fuga à subjectividade imediata. Em Fernando Echevarria, a concentração, a metáfora barroca e a abstracção tornam o sujeito quase transparente. Em Pedro Tamen, o confessionalismo

religioso e amoroso é desestabilizado pela inventividade insólita, pela distorção sintáctica, pelo sarcasmo. Em Herberto, o subjectivismo faz-se de arquétipos e metamorfoses. Ruy Belo é elogiado pela capacidade de criar uma tensão dramática através de uma sintaxe pessoal, de uma mestria fónica e de uma capacidade meditativa que transcende o circunstancial. Fiama Hasse Pais Brandão é um caso especialmente curioso, pois na segunda metade da sua obra cria uma espécie de referencialidade diferida, desfocando e intelectualizando as imagens e fazendo delas analogias e correspondências, tornando assim o descritivo em pura experiência interior.

Em quase todos os poetas Guimarães encontra um uso mais produtivo da subjectividade do que o simples confessionalismo, seja o culturalismo de Graça Moura, o romantismo textual de Júdice ou o desdobramento pessoano em Manuel António Pina. Quando chega a um dos poetas que marcou a viragem para uma “intencionalidade afectiva”, António Osório, o ensaísta sublinha outros aspectos, como a descoberta da alteridade ou a alusão mitológica.

Um dos méritos deste ensaio é a sua abrangência. Ao lado dos poetas canónicos, surgem António José Forte, Diogo Alfoforado, Helder Macedo, José Bento, Carlos Poças Falcão, Rui Diniz, João Camilo e outros, ou seja, o texto não rasura a pluralidade da literatura portuguesa. É verdade que há momentos em que esses nomes aparecem apenas referidos, sem comentário, e que algumas vezes Guimarães cria categorias um pouco imprecisas (exemplo: sob o rótulo de “abjeccionismo” cabe quase toda a poesia pulsional), mas no essencial este é um trabalho sério de registo e reflexão, mais na linha académica de um Fernando J. B. Martinho que dos ensaios militantes de Cruz (“A Poesia Portuguesa Hoje”, 1973) e Magalhães (“Os Dois Crepúsculos”, 1981).

Degado à poesia mais recente, Fernando Guimarães não evita várias designações judicativas bem significativas: “dispersão”, “desconexão” ou “derramamento”. À materialidade verbal significante sucedeu uma poesia do significado: coloquial, confessional, descritiva, emotiva. Visivelmente distante dessa poesia, Guimarães não desiste no entanto de enquadrar as questões estéticas no campo das ideias. E procura instâncias em que esse subjectivismo se objectiva porque se descentra do sujeito: seja a melancolia (em Luís Quintais), seja o sagrado (em Daniel Faria), seja o conceptualismo (em Daniel Jonas). A referencialidade e o circunstancialismo, escreve Guimarães, provam que “as relações de linguagem são também relações de experiência”. E isso é objectivo. →

A narrativa de Leila Guerriero comove e dói como o discurso de um louco que não nos é indiferente



AGENDA CULTURAL FNAC

entrada livre

APRESENTAÇÃO

AO VIVO

LANÇAMENTO

EXPOSIÇÃO

APRESENTAÇÃO

ARISTIDES DE SOUSA MENDES - UM JUSTO CONTRA A CORRENTE

Livro de Miriam Assor

Em homenagem a Aristides de Sousa Mendes a Fnac promove um colóquio em torno do livro, em que participam a autora, Raquel Andrade, Jorge Teixeira dos Santos, Manuela Franco e Mário Sena Lopes.
07.05. 18H30 FNAC VASCO DA GAMA



AO VIVO

MUNDO CÃO A Geração da Matilha

O segundo disco vem consolidar os Mundo Cão no panorama musical português e conta com Adolfo Luxúria Canibal e Valter Hugo Mãe como autores das letras.

01.05. 16H30 FNAC MAR SHOPPING
02.05. 17H00 FNAC NORTESHOPPING



AO VIVO

:PAPERCUTZ Lylac

São um dos poucos grupos a sair de Portugal para a cena internacional independente de música electrónica. O álbum de estreia Lylac inclui remisturas de artistas reconhecidos como Neotropic, The Sight Below, Spandex e Signer.

02.05. 21H30 FNAC COLOMBO

novotalentosfnac



AO VIVO

OS PONTOS NEGROS Magnífico Material Inútil

Reedição do CD de estreia com novas gravações ao vivo e inclusão de um inédito, Salomé.

07.05. 18H30 FNAC CHIADO

novotalentosfnac



EXPOSIÇÃO

SESSÃO TRUFFAUT

Uma viagem pela filmografia, personagens e vida do cineasta francês.

16.04. - 10.06.2009 FNAC COIMBRA



Consulte a agenda cultural Fnac em <http://cultura.fnac.pt/Agenda>

Apoio:

ípsilon



www.fnac.pt



Há melhor Amos Oz do que "A Terceira Condição"

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Ficção

Mas ainda podia ficar pior

Pastilhas contra a azia, roupa suja e verborreia. A incapacidade de Fima é a incapacidade do Estado de Israel, exposta por Amos Oz há 20 anos. **Alexandra Lucas Coelho**

A Terceira Condição

Amos Oz (tradução Francisco de Assis Basto da Costa Reis) Asa, €14,40

★★★★☆

Efraim Nisan, aliás, Fima, ia ser poeta,



académico, fazedor de opinião, talvez mesmo um líder, além de praticante dotado para o prazer das mulheres. Esperava-se muito dele, no mínimo que continuasse a ser brilhante. Mas agora é um cinquentão gordocho a perder cabelo, vive sozinho num apartamento dos limites de Jerusalém com baratas e chávenas sujas no lava-loiças, está sempre a tomar pastilhas para a azia e pensa muito em mudar de camisa e de vida, mas depois volta para a cama e dorme mais um bocadinho porque só à uma da tarde é que tem de estar no consultório ginecológico onde é rececionista. Em suma: "Perguntou a si mesmo se se importaria de morrer nesse dia. A pergunta nada lhe suscitou: nem receio nem vontade." Quando o livro abre, Fima está a acordar de mais um sonho, cinco dias antes de um drama. O livro decorre durante esses cinco dias, até entrar o "shabat", em Fevereiro de 1989.

O primeiro-ministro de Israel é Yitzhak Shamir. A Primeira Intifada está em curso. Os palestinianos atiram pedras e são mortos por balas de borracha (a que esta tradução chama balas "de plástico") presumivelmente atiradas pelos soldados israelitas. Fima odeia a retórica das balas de borracha e dos presumivelmente. Lê o diário de esquerda "Haaretz" e sonha acordado com os artigos em que denunciará a imoralidade da ocupação israelita: "Será que os germes da doença já infectavam, à partida, o ideal sionista? Não terão os Judeus uma maneira de regressar ao palco da História sem sujarem as mãos? E antes de termos voltado ao palco da História, não teríamos as mãos sujas? Entre aleijados e rufias não haverá uma terceira via?" Já o pai, que foi quem lhe comprou o apartamento e continua a achar que o filho é um poeta e um pensador, acha que Israel não pode deixar os árabes humilharem-no.

Na vida de Fima existe este pai, o fantasma de uma mãe morta, alguns amigos bem-sucedidos com casas nos melhores bairros da cidade que estão fartos de o ouvir falar, e quatro mulheres mal-amadas: Yael (a ex-mulher que o continua a reprimir), Nina (mulher de um dos amigos que lhe limpa a casa depois de fornicarem), Anette (a paciente do consultório que foi abandonada pelo marido) e Tamar (que trabalha no consultório e tem uma paixão masoquista).

Há ainda o filho meio albino e estrábico que a sua ex teve com o segundo marido, e a quem Fima tanto se afeiçoou, apesar de ter levado Yael a abortar quando estavam juntos. Fima sabe bastante de abortos e do interior das mulheres. Nos gabinetes do consultório está tudo à vista, espelhos, tesouras, pinças, dispositivos intra-uterinos, bombas de vácuo para aspirar embriões - e, pergunta-se ele, para onde irão os embriões aspirados?

Depois, numa destas manhãs de Fevereiro, vai à janela e a luz exterior, "vaporosa e diáfana" como pode ser a luz de Inverno em Jerusalém, junta-se a uma claridade interior. Fima pensa que a "terceira condição" será isso, a "convergência da luz pura das montanhas e da que emana dele mesmo". E pensa ainda que não haverá no mundo "perda mais trágica do que a da terceira condição", causada "pelas notícias da rádio, pelos nossos projectos, pelas ambições ocas, pela corrida desenfreada atrás de futilidades e bagatelas". Anota estas palavras: conformismo, rotina, mentira, degenerescência, decadência. O seu mal será o mal que julga ver à volta, em Israel.

É um ideal, a "terceira condição", "uma graça" - "mas quem será capaz?" Amos Oz escreveu isto há 20 anos, e estão cá algumas das suas obsessões: a família, as relações homem-

mulher, a verborreia dos israelitas entre auto-comiseração e auto-flagelação, o retrato de um país refém de si próprio. O que hoje sabemos é como tudo ainda podia ficar pior.

Mas há melhor Oz. Para quem tenha lido alguma literatura israelita recente, este "A Terceira Condição" - publicado pela primeira vez na Asa em 1995 - sabe um pouco a requentado.

Dissertação sobre o que é ser humano

É a novela para adultos de Stephenie Meyer, que criou a saga Luz e Ecuridão. **Isabel Coutinho**

Nómada

Stephenie Meyer (tradução de Maria da Fé Peres) Edições Gailivro, €19,90

★★★★☆



Stephenie Meyer estava aborrecida dentro de um carro a guiar no deserto do Arizona quando teve a ideia de escrever "Nómada", seu primeiro romance para adultos, que publicou nos EUA antes de sair "Amanhecer", o quarto volume da saga Luz e Ecuridão para jovens leitores que a tornou famosa.

"Nómada" ("The Host") chegou ao primeiro lugar da lista dos livros mais vendidos do "The New York Times" e esteve nesta lista 26 semanas. Aconteceu-lhe durante uma viagem em que ia a guiar de carro entre Phoenix e Salt Lake City - pelo "deserto mais aborrecido e repetitivo do mundo" -, uma viagem que

costuma fazer muitas vezes onde



Stephenie Meyer já disse várias vezes que este livro é um romance de ficção científica para pessoas que não gostam de ler ficção científica

conta histórias a si própria para não enlouquecer, explicou ao Ípsilon.

"Nómada" é um romance de quase 900 páginas (na versão portuguesa) numa escrita simples com muitos diálogos que nos conta uma história que se passa num planeta Terra invadido por seres de outros planetas que o transformam num local onde não há guerras. Onde todos parecem viver felizes, apáticos, e onde nem sequer é preciso utilizar dinheiro como moeda de troca: tudo é gratuito. Essa invasão é concretizada porque os invasores transformam os humanos em hospedeiros de almas dos outros planetas (vermes de oito centímetros com antenas). Esse acto de "regeneração" costuma correr bem, mas às vezes corre mal. Há humanos hospedeiros tão poderosos que resistem e as Almas são obrigadas a abandoná-los. Hospedeiros com mentes que não se conseguem extinguir por completo.

É o caso da personagem principal Melanie Stryder, uma humana que os invasores da Terra capturam e submetem ao processo de transformação colocando no seu corpo uma alma invasora, Nómada (Noa). Temos, então, durante todo o romance uma personagem que é um corpo que alberga duas almas: a humana que se recusa a morrer e a nova alma que lá foi colocada. O diálogo entre as duas é permanente. O leitor tem que ir descobrindo se é a Melanie ou se é Nómada que lhe fala.

A escritora já disse várias vezes que este livro é um romance de ficção científica para pessoas que não gostam de ler ficção científica. Disse também que quis explorar os vários tipos de amor. De facto, o que é importante em "Nómada" são as relações familiares, a relação entre um adolescente e a sua irmã, a vida em comunidade, o que é ser humano, ou melhor, aquilo com que um ser que não é humano tem que lidar quando passa a fazer parte de um corpo humano: as emoções, as paixões, os sentidos, os sonhos, a dor.

"Nómada" é extenso mas lê-se rapidamente. A autora mantém o "suspense" da intriga até ao final e mistura o género da ficção científica com o do romance xaroposo.

Mantém-se aqui algumas características da escritora e que já apareciam na saga Luz e Ecuridão. O amor arrebatador de uma mulher por um homem, a recusa dele em fazer sexo com ela (neste caso porque não tem contraceptivos e não quer ter um filho a viver num mundo invadido) e, mais tarde, o triângulo amoroso em que ficam envolvidos (Melanie/Noa estão ambas apaixonadas por Jared e, mais tarde, também por um outro homem, Ian). Outra das suas características é que o final do livro é deixado em aberto, mesmo a pedir a continuação. Stephenie Meyer confirmou ao Ípsilon ter já ideias para duas sequelas de "Nómada", mas ainda não tem a certeza se alguma vez as publicará. E tudo isto está mesmo a pedir um filme.

SAIA CURTA Uma comédia romântica!
e consequências

Texto de Hervé Desobry Encenação: Paulo Medis

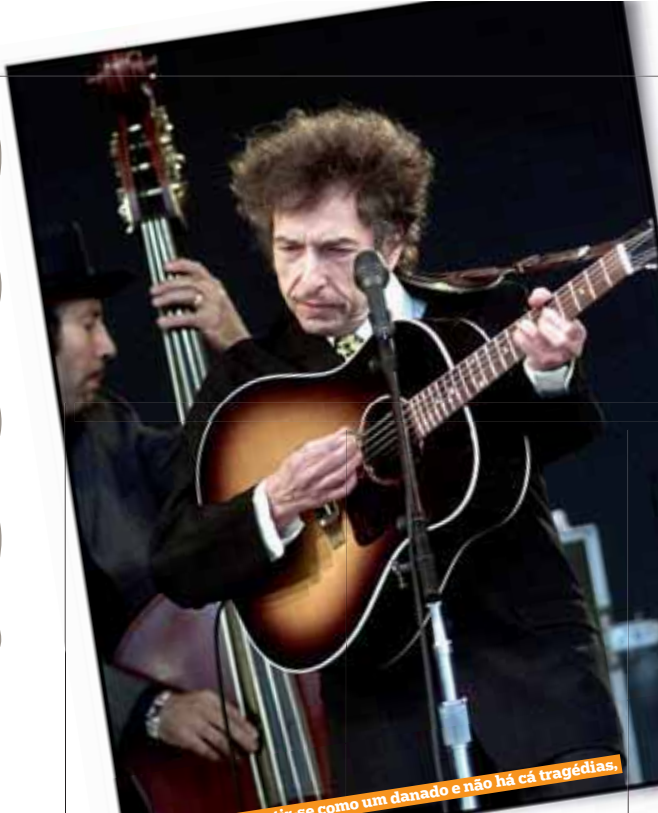
CLÁUDIA VIEIRA e LUÍS GASPAR

Lisboa 6 a 10 Maio - T. da Trindade

TEATRO Stª Mª Feira - 16 Maio - Europarque
Guimarães - 23 e 24 Maio - C.C. São Mamede
Figueira da Foz - 26 Junho - CAE
Caldas da Rainha - 4 Julho - CCC
Leiria - 16 Julho - T. José Lúcio
Ilhavo - 22 Julho Centro Cultural de Ilhavo

Lisboa - 213420000 / Stª Mª Feira - www.bileticket.pt
Ticketline 707234234 - www.ticketline.sapo.pt - FNAC - Ag. Abreu - L. de Bulhões

Discos



Dylan parece divertir-se como um danado e não há cá tragédias, apenas canções a 100 à hora



Kid Congo Powers, exímio criador de ambientes sonoros, inspirados no cinema sci-fide série B, na BD underground e no rock'n'roll como manifestação marginal

Pop

O regresso do grande rock'n'roller

Não é preciso mais que um segundo para termos a certeza de estarmos perante grande disco. **João Bonifácio**

Bob Dylan
Together Through Life
Columbia; distri. Sony/BMG

★★★★☆



No seu último disco de originais, "Modern Times", editado em Agosto de 2006, Dylan explorava a música da transição dos anos 40 para os 50. Apenas uma das canções, a extraordinária "Ain't talking", merecia parangonas, mas o mundo estava virado para a canonização do bardo, pelo que, com a habitual histeria que domina os media, o disco foi recebido como se tratasse da mais clara visão do que o presente da música pop devia ser (caso a pop quisesse ser reaccionária). Mas Dylan detesta as palminhas gratuitas dos tontos de ocasião e sabe quando está a ser levado ao colo, pelo que era certo e sabido que "Together Through Life" seria outra coisa. E não é preciso mais que um segundo para termos a certeza de estarmos perante grande disco: a primeira canção, "Beyond here lies nothing", abre com um delicioso truque, em que um duplo ataque à guitarra eléctrica dá lugar a uma abrupta aparição de percussão e sopros. O break swingado da bateria confere automaticamente um groove danado à canção, os sopros põem-na a

bambolar. Isto vem do mesmo universo que "Modern Life", mas tem outra fibra: é blues desengonçado, partido, com o acordeão a trazer cheiro a ruas, com o órgão Hammond pleno de cool, com as guitarras cheias de distorção. É como se a banda de Dylan tivesse passado o serão a ouvir o Tom Waits da segunda fase e depois de um jantar bem regado e de umas belas baforadas em substâncias ilegais resolvesse fazer dançar as velhinhas do salão (admitindo que há um salão cheio de velhinhas no estúdio onde gravaram). Há boa maneira antiga, Dylan ataca de seguida uma balada, "Life is hard", com guitarra slide a soar a havaiana e um bandolim acolitado por contra-baixo e bateria de escovas. Em ambas as canções Dylan não se esconde, antes expõe as deficiências da voz, mas com um prazer danado em cantar alto e claro. "My wife's hometown" é um blues à maneira, com a voz bem suja. Um acordeão lídera o pára-arranca, com as guitarras a encherem a canção de pinta. "Forgetful heart" ainda consegue subir a fasquia: os instrumentos, ao início, parecem estar à procura do seu sítio na canção, antes de se unirem num proto-blues desviante, com a voz envolvida na distorção das guitarras, um banjo a trazer um tom western, o acordeão a soar sinistro. (Uma grande, grande canção cavernosa.) A deliciosa "This dream of you" instala uma lenta e quente dança dirigida pelo violino e pelo acordeão. "Shake shake mama" é uma festa de guitarras em solos e Hammond a estrebuchar - e Dylan canta, com uma graça danada, "Shake, shake mama, like a ship goin' out to sea", antes das



Algo se perdeu de mais transcendente...

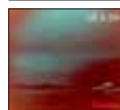
guitarras se entregarem a uma jam com muita, muita graça. Chega de exemplos: todo o disco está assente numa espécie de blues insidioso e sujo, mas descobrindo atalhos inesperados: o rockabilly na magnífica "All good", algum jazz ali, a country acolá, etc. A melhor parte de tudo isto é que nenhuma canção soa canónica, nenhum instrumento soa certo: é como se tudo isto tivesse sido inventado no instante em que foi gravado. O som é

magnífico, muito denso mas com a presença de cada instrumento bem realçada: nota-se bem a força da distorção das guitarras, o metal da pandeireta a chocalhar, o percutir das cordas do banjo, a reverberação do acordeão. Por uma vez as palavras pouco importam, a banda coloca o pé no acelerador e quase nunca o tira, Dylan parece divertir-se como um danado e não há cá tragédias, apenas canções a 100 à hora. Só um geniozinho saca um disco assim aos 68 anos.

Caetano perde fôlego

Caetano Veloso
zii e zie
Universal

★★★★☆



Caetano apresenta-o como "um disco muito claro e denso, nascido num ano de chuvas no Rio, um ano de nuvens pesadas e escuras, sem metáfora." Mas "zii e zie" (ou "tios e tias", título que tirou de uma frase da edição italiana do livro "Istambul", de Oram Pamuk, muito mais pela grafia enigmática do que pelo significado), uma continuação musical da experimentação de "Cê", deixa-se derivar por riffs, repetições, cadências, falsetos vocais (excessivos nos "ai ai ai ai" de "Por quem?") e acentua ainda mais a sensação de obra inacabada, como se o "em progresso" do blogue que a viu

nascer e crescer, ao longo de meses, na Internet, se perdesse algures no horizonte.

A sonoridade de "Cê" libertou-se, é certo, soando mais "livre" a intervenção individual dos elementos da banda (Pedro Sá, guitarra; Ricardo Dias Gomes, baixo; Marcelo Callado, bateria). Mas nessa migração sonora, que Caetano quis destacar usando a palavra "transambas" na capa do disco e, no verso, "transrock", a primeira como experiência plural e a segunda como qualificativo da sonoridade encontrada, algo se perdeu de mais transcendente. Aliás, é esse o título da primeira faixa, "Perdeu", as palavras como golpes secos a retratar a crueza da vida e da morte na favela, onde "o sol se pôr depois nasceu e nada aconteceu". Um dos grandes momentos do disco. Outro é "A base de Guantánamo", eficaz no martelar contínuo do refrão (com suave sugestão de corais cubanos submersos em malhas ácidas de rock) e assumidamente "política, de protesto e muito explícita", como diz Caetano à imprensa. E "Falso Leblon" pode juntar-se ao clube das maiores, clube onde também entrará a versão, deliciosamente transgressora, de "Ingenuidade", de Clementina de Jesus. Mas muito do resto navega em águas adversas. "Lobão tem razão" fica uns furos abaixo da sagesa epistolar invocada, "Tarado" cansa mais do que provoca, "Lapa" fica a palmas da paixão que sugere, "Menina da Ria" (dedicada a Aveiro) é apenas simpática e "Diferentemente" ainda há-de ganhar melhores roupagens. Ao segundo acto, a (boa) ideia de "Cê" perdeu fôlego e força. Não aguentará terceiro acto. **Nuno Pacheco**

Um outro baile de finalistas

Kid Congo Powers & The Pink Monkeybirds
Dracula Boots
In The Red Records

★★★★☆



O disco foi gravado num palco montado num ginásio. Isto para captar a banda como se em concerto, para a banda se imaginar como animadora de baile de finalistas. Claro que, tratando-se de Kid Congo Powers, ele dos Cramps, dos Gun Club e dos Bad Seeds de Nick Cave, o baile de finalistas não têm a inocência e as saias rosa de folhos comuns ao evento. O título, "Dracula Boots", é só o primeiro sinal da subversão - apesar de não haver vampiros nas redondezas. Doze músicas que são mais um ambiente que verdadeiras canções: Kid Congo a debitar o seu tétrico "spoken-word" sobre funk de garagem, devidamente fantasmagórico (tudo reverberações de guitarra e sintetizadores zumbindo como

Espaço Público



Born A Lion: soa verdade - e isso, aqui, é tudo o que interessa

Não será tão abrangente quanto o La Blogothèque, mas o conceito associado ao **The Black Cab Sessions** é algo de extraordinário: uma banda - ou um(a) artista - a actuar num táxi em movimento, algumas vezes sobrelotado, mostrando a arte

performativa despojada de grandes artifícios. Música em estado puro, verdadeira. Neste momento, o **The Black Cab Sessions** conta já com 74 sessões, em que participaram nomes como Fleet Foxes, The Kooks, Beach House

ou The Walkmen. Fica o caminho para uma magnífica central de táxis, que em breve irá sofrer remodelações: www.blackcabsessions.com. **Pedro Miguel Silva**, 35 anos, Técnico de Comunicação

theremins). Kid Congo a liderar os Pink Monkeybirds na deliciosamente absurda "I found a peanut", rock'n'roll minimalista dos The Midneters, heróis Chicanos da década de 1960, ou a transportar Bo Diddley (o de "Funky fly") para um espaço em que as divagações em Farfisa dos Floyd de Syd Barrett ganham sexualidade funk.

Exímio criador de ambientes sonoros, inspirados no cinema sci-fi de série B, na BD underground e no rock'n'roll como manifestação marginal, Kid Congo Powers cria música em que uma ideia (uma linha de baixo, um riff, um ritmo de bateria) serve toda a estrutura. Depois, preenche-a de alucinações, de psicadelismos, de efeitos de electrónica vintage que transformam essa ideia em algo mais.

"Dracula Boots" foi imaginado como "rave up" em baile de finalistas e cumpre o propósito. É o ambiente da selva psicadélica, tal como explicada pelos Cramps, concretizado enquanto festa dançante: Farfisas a fervilhar, secção rítmica em "boogie" carnal, os sons de guitarra mais estratosféricos e uma voz funda contando histórias bizarras que a rapariga da saia com folhos rosa não está certa de querer ouvir. **Mário Lopes**

A verdade dos Born A Lion

Born A Lion

Bluezebu
Lux Records; distri. Compact Records

★★★★★



Em "John Captain", o álbum de estreia, o pó que cobria a música dos Born A Lion era desértico - tragédias country em terra de ninguém e riffs stoner-rock atravessando terrenos áridos em alta velocidade. Com "Bluezebu", o segundo disco da banda da Marinha Grande, deixa de haver um território simbólico tão facilmente "cartografável".

O que há aqui, ou melhor, o que já existia neles mas que agora se torna mais evidente, é uma crença na ideia em nas formas do rock'n'roll clássico que insufla vida a estes grooves "Zeppelianos", a este negrume Sabbath, às guitarras "wah wah" enfiadas e à secção rítmica cavalgando em ritmo de jam libertina. Agora, não há fronteiras definidas: isto é rock'n'roll de peso e alimenta-se do excesso - conferir as vagas eléctricas da guitarra ou a voz grave que, em "Daisies and diamonds", encarna um Lee Hazelwood entregue aos prazeres do "boogie" (depois, a canção levita até psicadelismos Floydianos e Hazelwood torna-se memória esbatida).

Nesta fantasia rock'n'roll feita violento escapismo, os Born A Lion conjugam tudo num corpo uno: são os Deep Purple a inventarem-se enquanto Funkadelic em "Space

traveling" (órgão Hammond e coros femininos incluídos), ou uma balada acústica que cresce até se transformar em blues catártico, culpa do piano gingão do convidado Filipe Costa, dos Sean Riley & The Slowriders. "I live my life in a rock'n'roll tone",

cantam os Born A Lion naquele refrão. A questão não é isso ser ou não verdade. Soa verdade - e isso, aqui, é tudo o que interessa. **M.L.**

Melingo
Maldito Tango
Mañana, distri. Andante

★★★★★

Tem-se falado de Nick Cave ou Tom Waits a propósito de Daniel Melingo,



mas seria mais justo aparentá-lo em primeiro lugar ao saudoso Roberto Goynèche (1926-1994) de "Viejo Ciego" ou "Patotero Sentimental", cronista singular da boémia argentina. É certo que Melingo, neste seu quinto disco, vai mais longe no experimentalismo iniciado em "Tangos bajos" (1998) e "Ufa" (2003), deixando insinuarem-se, por entre os

traços nervosos do tango, sons de outras latitudes (México, Brasil, Cuba, França, Cabo Verde, o jazz). E também efeitos sonoros, vocais e electrónicos, com que pontua as canções. Ouçam-se, por exemplo, "Pequeño paría", "Cha digol" (onde, aqui sim, a voz rugosa de Melingo lembra claramente a de Tom Waits, enquanto a guitarra "clona" os Shadows) ou "Eco il mondo", que nos seus imponentes 12m12s (a lembrar Cohen, até nos ecos a duplicar a →

ÚLTIMOS DIAS EXPOSIÇÃO ARQUIVO UNIVERSAL

ESTE FIM-DE-SEMANA NO MUSEU COLEÇÃO BERARDO

DESTAQUES 01 | 03 MAIO

ARQUIVO UNIVERSAL
O DOCUMENTO E A UTOPIA FOTOGRÁFICA
ATÉ 3 DE MAIO

Descubra a missão e a história da fotografia, através de mais de 1000 imagens, filmes e documentos únicos.
Visita guiada gratuita - dia 2, às 16h00

BES PHOTO 2008

Exposição de André Gomes, Edgar Martins e Luís Palma, concorrentes a um dos prémios mais importantes de arte contemporânea em Portugal.
Visita guiada gratuita - dia 3, às 16h30

PETER KOGLER

Conheça a obra deste artista austríaco, que alcançou projecção internacional com os seus trabalhos sobre o espaço e os meios tecnológicos.
Visita guiada gratuita - dia 3, às 16h00

PARA FAMÍLIAS: VISITA + JOGO + OFICINA

"Entrelinhas" (novo) - 4 aos 6 anos - dia 3, 11h00 às 12h30

E AINDA...

Visitas guiadas "Percurso transversais"
Descubra o Museu através de um percurso transversal gratuito por todas as exposições - dia 1 às 18h30; dias 2 e 3, às 15h00

ABERTO TODOS OS DIAS | ENTRADA GRATUITA SAIBA TUDO EM WWW.MUSEUBERARDO.PT

MUSEU COLEÇÃO BERARDO
ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

www.museuberardo.pt
CENTRO CULTURAL DE BELEM, PRAÇA DO IMPÉRIO, 1449-003 LISBOA
T 213 812 876 F 213 812 570 museuberardo@museuberardo.pt



© Fred Klein

La Danseuse Malade

De Boris Charmatz
Com Jeanne Balibar e Boris Charmatz

Charmatz aproximou-se do teatro, Balibar da dança, cada um aproximou-se da arte do outro com fragilidade, de uma forma desajeitada mas certa. Jérôme Delatour, Critiques

DANÇA QUI 7 E SEX 8 MAIO · 21h30 · Grande Auditório · €18 · M12

Espectáculo falado
em francês, com legendas
em português



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Comissário:
Augusto M. Seabra

TER 12 18h30 *O Cemitério do Sol*
de Nagisa Oshima 21h30 *Noite e Nevoeiro no Japão* de Nagisa Oshima

QUA 13 18h30 *Sobre as Canções Brejeiras Japonesas* de Nagisa Oshima 21h30 *As Termas de Akitsa* de Yoshishige Yoshida

QUI 14 18h30 *A Mulher-Inseto / Crônicas Entomológicas do Japão* de Shohei Imamura 21h30 *Desejo Assassino* de Shohei Imamura

SEX 15 18h30 *Go, Go, second time virgin* de Kōji Wakamatsu 21h30 *O Funeral das Rosas* de Toshio Matsumoto

SÁB 16 19h30 *A Porta da Carne* de Seijun Suzuki 18h30 *Elegia da Luta* de Seijun Suzuki 21h30 *O Vagabundo de Tóquio* de Seijun Suzuki

DOM 17 19h30 *Duplo Suicídio em Amijima* de Masahiro Shinoda 18h30 *O Enforcamento* de Nagisa Oshima 21h30 *Eros + Massacre* de Yoshishige Yoshida

Filmes legendados em inglês, exceto "O Enforcamento" que será legendado em português.



© Vagabundo do Japão de Seijun Suzuki

Eros + Revolta

O novo cinema japonês dos anos 60

CINEMA DE TER 12 A DOM 17 MAIO · PEQUENO AUDITÓRIO · €3,5 · M16



FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Discos

Sara Tavares

← voz junto ao baixo e à guitarra) dá por findo o disco. Irónico, estranho e a cada audição mais enraçado, o tango de Melingo é um trunfo virado ao futuro. N. P.

Sara Tavares
Xinti
EMI

★★★★☆



O disco anterior de Sara Tavares, "Balancé", era uma pequena surpresa, pelo menos para quem apenas a

conhecia das suas participações televisivas: tinha deixado de imitar divas soul americanas e entregava um álbum com ramificações na música cabo-verdiana mas que, longe de ser tradicional, conseguia ser pop, no sentido de usar o mínimo possível para chegar a melodias acessíveis. Era um disco quente, afável, de notório bom gosto, assente em ritmos dolentes, em que a guitarra servia de base mínima a uma voz doce. O mesmo calor atravessa "Xinti", mas há diferenças: as canções são mais complexas, há mais arranjos e a voz, por vezes, cai em excessos que eram evitados no disco anterior. Para dar dois exemplos: uma balada bonita como "Ponto de luz" precisava de maior contenção; e o scat com que se inicia "Caminhanti" era dispensável. As melhores qualidades de Sara Tavares, a escrita simples e eficaz e a capacidade de criar melodias simples embebadas num torpor rítmico encantatório, estão exemplificadas em "Pé na strada": uma sequência de acordes inapelável, um arranjo de percussão extremamente simples e eficaz, uma textura rara na voz. Há mais canções a este nível, como "Bué (Você é)", que tem um gingar meio funkhalhado e um delicioso cavaquinho reggae pelo meio. Aliás, as melhores faixas são as que têm maior presença rítmica, o que nos faz pensar que esse seria um caminho interessante para Sara Tavares experimentar. João Bonifácio

Gabriela Torres
No Tan Distinta
Epsa, distri. World Village

★★★★☆



Gabriela Torres emergiu na vaga de renovação do tango, que despontou no contexto pós-

Piazzolla de inícios dos anos 90. Este surto de regresso aos clubes de Buenos Aires, ao repertório antigo e ao tango dançante produziu uma extraordinária colheita de novos talentos, sobretudo de vozes femininas entretanto consagradas, como Adriana Varela ou Sandra Luna. É daí também que vem Gabriela Torres que, no entanto, foi trilhando o seu próprio caminho conjugando a recriação dos clássicos da canção argentina com a declinação de outros estilos musicais, nomeadamente a

●Mau ★Mediocre ★★Razoável ★★★Bom ★★★★Muito Bom ★★★★★Excelente

pop e a bossa nova. Alcançado um nível razoável de sucesso no mercado argentino, ela tem recentemente ensaiado a internacionalização e é nesse contexto que se justifica a distribuição europeia de "No Tan Distinta", seu quinto álbum, primeiro lançado na Argentina em 2006. Há uma versão do clássico "Milonga sentimental" com um arranjo radical à base de ritmos afro e "Sali", original da própria cantora, que é retro-tango do mais castiço. No resto do disco, o bandoneón e o cajón estão quase invariavelmente presentes, mas em números onde a matriz é a bossa nova, a pop ou o jazz, sempre em versões light. A voz granulada e picaresca nos tangos de faca na liga, torna-se categórica e mesmo épica nos temas socialmente mais empenhados, para assumir um crooning intimista e sensual nas baladas mais românticas. Gabriela tem o talento e a versatilidade, mas não é dada a grandes ousadias, e este é sobretudo um disco de pop ligeira, temperado por um sortido de sabores latino-americanos. Não é que o arcoris resulte mal... mas a verdade é que os temas que o ouvindo mais retém "No Tan Distinta" são mesmo os tangos puros e duros. Luís Maio

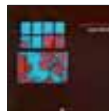
Jazz

Promessa validada

Por cá se vem falando de André Matos, guitarrista cujo segundo registo justifica o falatório e deixa antever bons momentos para a sua carreira. Paulo Barbosa

André Matos
Rosa-Shock
Toneofapitch; Dist. Dargil

★★★★☆



Com formação em Lisboa, na escola do Hot Clube, e em Boston, no Berklee College of Music e no New England Conservatory, o guitarrista André Matos tem sabido aplicar os ensinamentos obtidos, observando-se uma contínua maturação da sua música, particularmente relevante na parceria que vem desenvolvendo com a vocalista Sara Serpa. A cantora, presente em cinco dos nove temas do

álbum, deixa o cunho de uma fortíssima personalidade musical, moderna e original. "Moody" não utiliza os habituais uníssonos de voz e guitarra, ao contrário do que costumam ser os melhores momentos da dupla, tratando André Matos de dedilhar a base sobre a qual a cantora expõe a melodia do tema. O clima assim criado - idêntico em "Serra de Sintra" - evoca o tipo de ambiente das parcerias entre o guitarrista Ben Monder e o vocalista Theo Bleckmann.

Segue-se uma belíssima improvisação pelo contrabaixo de Demian Cabaud, construída em camadas sobpostas através de "overdubbing". A aventura culmina num momento feito de texturas criadas pela bateria de Alexandre Frazão, pela guitarra e por uma série de efeitos guitarras controlados pela própria mão da cantora - um momento algo aterrorizante e provavelmente não para todos os gostos, mas inegavelmente original. "Fusca" é, porventura, o tema mais arejado do álbum, para tal contribuindo a excelente prestação de Albert Sanz, uma espécie de Bernardo Sasseti da Catalunha, presente em dois outros temas, num dos quais, "Silent Witness", o unísono de guitarra e voz não funciona ao nível habitual da dupla, tornando-a a composição menos interessante do disco. Já o unísono de apresentação de "Suitcase" funciona na perfeição, embora em "Rare birds", o uso menos prudente dos pedais de efeitos e os apuros em que se envolve a vocalista no despiques com o guitarrista criem a segunda situação problemática do disco. Um álbum em que não faltam prestações de elevado nível por parte de todos os músicos, particularmente nas passagens em trio como "Rosa-shock" ou "James Brown". Ficamos à espera de mais...

André Matos:
ficamos à espera
de mais...

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.



Alexei Volodin começou a tocar piano aos nove anos

Clássica

Obra mítica de Stockhausen

Primeira audição em Portugal de "Gruppen", que revolucionou o conceito de espacialização sonora. **Cristina Fernandes**

Gruppen

De Karlheinz Stockhausen. Orquestra Nacional do Porto. Direcção Musical: Reinbert de Leeuw, Baldur Brönnimann, Christian Karlsen.

Porto, Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque. Sáb. às 18h00 e 19h15. Tel.: 220120220. 15€.

O ciclo Música e Revolução, na Casa da Música desde dia 24, chega amanhã ao fim com um grande acontecimento: a estreia em Portugal de "Gruppen" (Grupos), de Karlheinz Stockhausen (1928-2007), obra mítica da música do século XX que revolucionou o conceito de espacialização sonora e alargou as técnicas do serialismo integral à questão do tempo.

"Gruppen" resultou de uma encomenda que a Rádio da Alemanha Ocidental fez ao compositor em 1955 e a peça começou a ser concebida no Verão desse ano durante a estadia de

Stockhausen na vila de Paspels nos Alpes Suíços: a vista das montanhas janelas foi esquematicamente transposta na grelha de blocos rítmicos da obra.

Um conjunto de 109 instrumentistas é repartido por três orquestras situadas em três estrados, respectivamente à esquerda, em frente e à direita do público, que fica no meio. O título está relacionado não só com estes três grupos orquestrais mas também com "grupos" de notas enquanto opostos dos "pontos" que representam os sons individuais que, à data, eram a unidade básica de composição de Stockhausen. A separação do espaço foi determinada pela necessidade de execução simultânea de andamentos distintos em cada "grupo", o que apenas se torna possível recorrendo a um maestro para cada orquestra. A constituição de cada agrupamento instrumental é bastante parecida (contando com madeiras, metais, percussões e cordas), permitindo a um som ou a um grupo de sons movimentar-se no espaço e ser projectado de uma orquestra para a outra gerando espectaculares efeitos.

A estreia de "Gruppen" foi a 24 de Março de 1958 num pavilhão de exposições comerciais em Colónia. Os três maestros foram o próprio Stockhausen e duas outras grandes figuras da música de vanguarda da época: Bruno Maderna e Pierre

Boulez. Ao evento, considerado um momento crucial na história da música do século XX, acorreram compositores e críticos de toda a Europa, o que contribuiu para o estatuto lendário da obra, reforçado pelas inúmeras dificuldades que coloca a sua apresentação em público. Outro aspecto profético de "Gruppen" tem a ver com o facto de requerer um novo tipo de espaço de execução, sem a relação fixa entre músicos e público imposta pelas tradicionais salas de concerto. Na Casa da Música a obra será apresentada duas vezes (às 18h e às 19h15) no Parque de Estacionamento e dirigida pelos maestros Reinbert de Leeuw, Baldur Brönnimann e Christian Karlsen.

Alexei Volodin e Quarteto Casals

Com Vera Mehner (violino), Jonathan Brown (viola), Arnaud Reaup (violoncelo), Alexei Volodin (piano), Abel Reaup (violino).

Lisboa, Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. 2ª às 19h00. Tel.: 217823700. 10€ a 20€.

O pianista russo Alexei Volodin, que em Maio tocará a integral dos concertos de Beethoven com a Orquestra Gulbenkian, apresenta-se na próxima segunda-feira no Grande Auditório com o Quarteto Casals num programa dedicado a Chostakovitch, que inclui obras para piano solo e para conjunto de câmara. Serão interpretados os 24 Prelúdios op. 34,

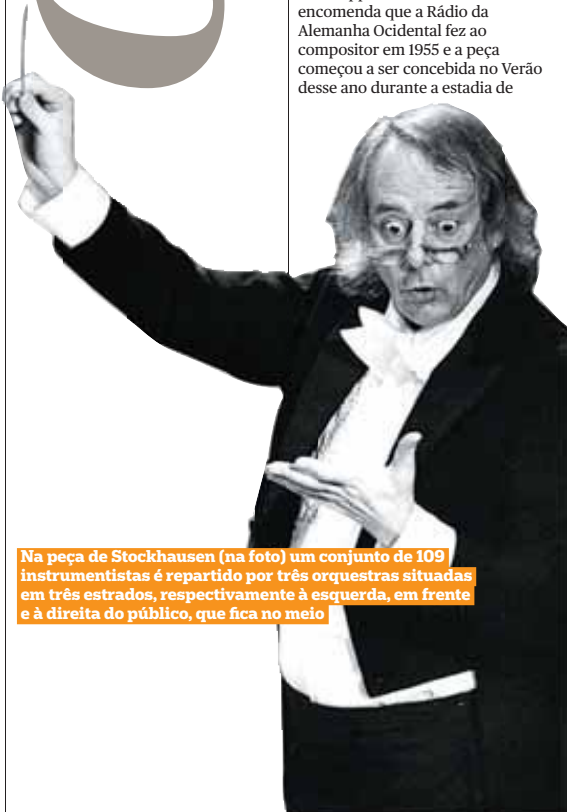
uma série de breves páginas de enorme diversidade e invenção que constituem um equivalente moderno das coleções do mesmo género de Chopin e Scriabin, o Quarteto de Cordas nº7, op. 108, e o célebre Quinteto para Piano e Cordas, op. 57.

Nascido em 1977, em São Petersburgo, Alexei Volodin começou a tocar piano aos nove anos. Um ano depois, mudou-se para Moscovo, onde estudou na Escola de Música Gnëssin, e em 1994 fez estudos de aperfeiçoamento com Eliso Wirsaladze. Frequentou ainda a Fundação Internacional de Piano Theo Lieven, em Como (Itália), pouco antes de vencer, em 2003, a nona edição do Concurso Géza Anda em Zurique, prémio que serviu de lançamento a uma sólida carreira internacional.

O Quarteto Casals foi criado em 1997 na Escola Superior Rainha Sofia de Madrid, tendo atingido rapidamente o reconhecimento dos seus pares e obtido vários prémios em concursos internacionais.

Actuou em digressões na Europa, nos Estados Unidos, na América do Sul, na Rússia e no Japão e realizou diversas gravações para a Harmonia Mundi. Actualmente é agrupamento residente do Conservatório de Barcelona e tem também trabalhado com importantes compositores europeus, entre os quais o escocês James MacMillan e o húngaro György Kurtág.

Concertos



Na peça de Stockhausen (na foto) um conjunto de 109 instrumentistas é repartido por três orquestras situadas em três estrados, respectivamente à esquerda, em frente e à direita do público, que fica no meio



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

FARSA CHAMADA AUTO DA ÍNDIA

de Gil Vicente
Encenação Luís Vicente
Intérpretes Bruno Martins / Elisabete Martins
Mário Spencer / Tânia Silva

6 de Maio de 2009
19h00 (sujeito à hora de encerramento do Plenário)
Sala do Senado da Assembleia da República



ABERTO AO PÚBLICO (condicionado à capacidade da sala)
Para mais informações, contactar:
213 919 625 / 213 910 849 / cic.rp@ar.parlamento.pt
www.parlamento.pt

UMA PRODUÇÃO:
Teatro de marionetas
ATARUMBA
 www.tarumba.org

**7 DE MAIO
 A 7 DE JUNHO**

**LX
 FIMFA 9**

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE MARIONETAS
 E FORMAS ANIMADAS**

MUSEU DA MARIONETA | TEATRO MARIA MATOS | TEATRO NACIONAL D. MARIA II
 MUSEU DO ORIENTE | CENTRO CULTURAL DE BELÉM
 CAMA – CENTRO DE ARTES DA MARIONETA

EXTENSÕES | TEATRO VÍRIATO *Visu* | TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA *Guapda*
 TEATRO AVEIRENSE *Aveipo*

INFORMAÇÕES: 212 427 624 | info@tarumba.org
 www.fimfalx.blogspot.com

BOA OUTRAS CENAS SÃO FESTAS DE LISBOA OUTRAS CENAS SÃO FESTAS DE LISBOA

Informações: 21 790 51 55 - culturgest@bilheteria@cgd.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda: Culturgest, Marfies, Ines, Bina, Lopes, Marques, Nuno, Lirinhas, Bulhões (Beira Parque e L.C. Cidade do Porto),
 C.C. Dória Vila, Magalhães e www.ticketline.sapo.pt - Reservas: Ticketline: 707 254 234

Preço Único
 até aos 30 anos
 5 Euros



Paul Bley Solo

O objectivo de dar um concerto deve ser chegar ao fim a saber algo que não sabias no princípio.
 Paul Bley, *The New York Times*, 10 Abril de 2004

JAZZ TER 19 MAIO - 21H30 - GRANDE AUDITÓRIO - €20 - M12

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Concertos

The Last Poets na Casa da Música, hoje:
 "A América continua a tentar crescer"



Luna Park A melancia



Inês Nadais

O pior que nos aconteceu nos últimos tempos foi termos ido parar à Internet - dizermos às pessoas para elas irem ver se estamos na esquina, e elas irem mesmo, e nós estarmos mesmo lá. Nem sempre vêm por bem, mas mesmo assim são bem-vindas: nós estamos na Internet 24 horas por dia, sempre disponíveis para dar a outra face, mesmo nos casos em que não andámos na catequese e em que essa coisa da moral judaico-cristã nos passou completamente ao lado (a verdade é esta: cinco anos de catequese e duas comunhões também não são grande ajuda). Estamos aqui para isso, claro: se quiséssemos palmas, tínhamos ido para "O Preço Certo", ou para o teatro, ou para a Assembleia da República. Mas viemos para os jornais, e agora vamos com eles até ao fim (não queremos imaginar em que estado, mas vamos).

O fim, enfim, não tem de ser a Internet: a Internet pode muito bem ser o princípio de uma bela amizade (para não dizermos que pode muito bem ser o futuro), mas ainda não estamos bem a ver como. Nós estamos lá sentados, 24 horas por dia, e todos os dias nos aparecem campeões em tudo, e de repente é evidente que tudo o que fazemos está errado, que tudo o que escrevemos foi "roubado à Wikipédia", ou não passa de "dor de cotovelo", ou de "peste suína", ou de um "favor aos amigos", ou de uma "campanha negra", e que o melhor que nos pode acontecer é mesmo estarmos só a fazer "mau jornalismo" (mas para isso temos de ser mesmo bons).

Estamos aqui para isso, claro: se quiséssemos palmas, tínhamos ido para "O Preço Certo", ou para o teatro, ou para a Assembleia da República

Isto passa-se ali, na esquina, e passa-se ali, ao mais alto nível. Tem a sua piada (se não tivéssemos ido parar à Internet, não sabíamos o que eram "supositórios de melancia" nem conhecíamos expressões como "vai para a Carolina Salgado que te pariu"), mas não quando o texto "roubado à Wikipédia" tem seis horas de trabalho em cima e é seis vezes maior do que o artigo da Wikipédia, nem quando nos estamos literalmente nas tintas para o amigo a quem estamos a fazer um favor ou para o inimigo de quem temos dor de cotovelo.

É uma bela altura para teorias da conspiração, e também temos as nossas, claro. O problema é que agora que os jornalistas são todos iguais, os leitores também são todos iguais. Estamos na esquina, passam alguns leitores e cumprimentam, nos dias melhores até há violência, mas sem ser gratuita (lá está: violência que vem por bem, é justo, se calhar até estávamos a pedi-las), mas quando estamos quase a dar a coisa por terminada, quase dispostos a achar que a Internet até não é má de todo, caem-nos 574 comentários em cima, e não temos estrutura para sair dali vivos.

Adiante. Já dissemos que estamos nisto até ao fim, e estamos mesmo (até porque acreditamos em maiorias silenciosas e imensas minorias: crescemos com elas). Vamos ali, para a esquina, e ficamos caladinhos: se for preciso levar no pélo, também levamos, embora isso, tal como muito provavelmente a Internet, não esteja no nosso contrato.

Quando chegarmos, se chegarmos, a vias de facto, estou disposta a admitir algumas coisas, apesar de ter o direito de permanecer calada e de tudo o que disser poder ser usado contra mim. Por exemplo: se calhar até tenho uma agenda escondida. Mas felizmente, no meio de tanta tralha, não faço a mínima ideia onde é que a pus.

inadais@publico.pt

Pop

Os últimos poetas continuam a ser únicos

The Last Poets

Porto, Casa da Música, Av. da Boavista 604-610, ga às 22h. Sala Suggia. Tel.220120220. Bilhetes a 15€

Na era em que a América elegeu Obama para Presidente, os The Last Poets continuam a solettrar versos para "combater o medo, a apatia e a indiferença" da sociedade, diz um dos membros ligados ao início do grupo, Umar Bin Hassan.

A formação dos "poetas" em 1968, um mês após o assassinato de Martin Luther King, classificou-os como "Godfathers of the WorldWide Hip-Hop Nation". Os pioneiros do hip-hop e do rap deram voz às comunidades afro-americanas, verbalizando o "Black Pride" através da forte incidência da percussão africana na sua discografia. Quarenta anos depois, os que eram os últimos poetas, reafirmam que "ainda há espaço para a poesia e que ela está mais forte do que nunca". Vão estar na Casa da Música hoje, às 22h.

"A América continua a tentar crescer, mas poderá não conseguir e, de facto, a vitória de Obama é para o Obama" porque, para Umar Bin Hassan, "a vitória do poeta será a manutenção da palavra do Presidente".

Mas "o hip hop precisa de um novo som, um som que fale mais alto, e que fale mais no interior das camadas jovens". O hip-hop protagonizado pelos poetas continua a ser o lirismo revolucionário das últimas décadas e continua a encontrar pontos de referência "no soul... e nas almas".

O trio Umar Bin Hassan, Abiodun Oyewole e Babatude, ligado ao grupo quase desde o princípio, e acompanhado por Jamaaladeen Tacuma, Shannon Jackson e Robert Irving III, apresenta hoje uma "amostra sonora", sempre com a "palavra falada" e "o jazzotry" (jazz e poesia) como veículo da poesia social. Será uma retrospectiva sobre a carreira ou um update musical sem crise de meia-idade: para saber "terão de ir e ver por vocês mesmos", desafia Umar Bin Hassan. **Inês Andrade**

Um concerto peculiar

Clubbing: PJ Harvey + John Parish

Porto, Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque, Sáb, às 22h30. Tel.: 220120220. Sala Suggia: 30€. Sala 2: 7,5€. Parque: 10€.

Na Sala Suggia. Sala 2: Kid Congo Powers & The Pink Monkey Birds, Télépathique. Parque de Estacionamento (21h30): Melanie Wale (soprano) e Remix Ensemble. Barros: DJ Apaculia e Paulo Dantas, Joel Martin. Sala Roxa: Alvaro Costa. Cybermúsica: Octeto Remix.

Ei-la de volta e não vem sozinha. Pela segunda vez, John Parish,



Lenny Kravitz vai fazer um festival à antiga

Parish cuidou da música, PJ das letras e da representação

Desde que se fizeram ouvir pela primeira vez que os Black Dice procuram algo de novo

colaborador de longa data, juntou o seu nome ao de Polly Jean na capa de um álbum e o resultado foi "A Woman A Man Walked By". O álbum, recentemente editado, será apresentado amanhã na Casa da Música, no Porto.

Parish cuidou da música, PJ das letras e da representação. Representação? Sim, porque o álbum serve para a autora de "To Bring You My Love" encarnar as mais diversas personagens que foi representando ao longo dos anos. Aqui, ouve-se a mulher cruel e dominadora e a inocente e angelical. Ouvem-se etéreas baladas folk e momentos em que se mostram as garras e o rock'n'roll perde o controlo. "A Woman A Man Walked By" surge depois de, em "White Chalk" (2007), PJ Harvey se ter dedicado ao piano, transpondo para as teclas os temas e obsessões que antes, de guitarra em punho, pontuavam as suas canções. Pelo seu carácter multifacetado, pela forma como Harvey se aventura em diferentes cenários e expõe facetas que, mais do que contraditórias, são complementares, "A Woman A Man Walked By" é um álbum peculiar.

PJ Harvey referiu a anterior colaboração efectiva com John Parish ("Dance Hall At Love Point", de 1996) como "um ponto de viragem". Depois dele, editou o celebrado "Is This Desire?". Se o mesmo estiver destinado ao disco de "Black Hearted Love", este concerto tornar-se-á ainda mais interessante: será a única vez em que teremos oportunidade de a ver assim, antes da transformação, qualquer que seja, que se seguirá. **Mário Lopes**

Black Dice

Lisboa. MINAC - Museu do Chiado. Rua Serpa Pinto, 4. Dom. às 22h00. Tel.: 21343248. 10€.

Na capa do novo álbum dos Black Dice, "Repo", que serve de mote para a segunda apresentação da banda em Lisboa, domingo, no Museu do Chiado, às 22h, está inscrita a seguinte frase: "Go where new experiences await you." Nela,

uma banda, muito 60s nos seus fatos preto de bom corte e guitarras vintage, está parcialmente coberta por manchas de cor alegremente pintalgadas - e fica claro que, não, isto não são os anos 1960. Não podia ser de outra forma: "Go where new experiences await you."

Desde que se fizeram ouvir pela primeira vez, há mais de uma década, que os Black Dice, centro de operações em Nova Iorque, procuram algo de novo. Não é sequer uma demanda estética, uma pesquisa daquilo que é possível produzir de inédito na música popular urbana. Os Black Dice operam a um nível mais imediato, talvez mais profundo, decididamente mais insular.

Desde o início com um pé nas mecânicas do hardcore até a um presente recente feito de trabalho sobre ruído, feito de uma centrifugação sonora, electrónica, para cujo centro confluem um sem número de expressões musicais - dub cósmico, techno orgânico, terrorismos noise, psicadelismo kraut ou o que quer que seja -, eles avançam pelo prazer de avançar.

Claro que se podem estabelecer familiaridades - os Animal Collective menos solares, pré-"Sung Tongs", são uma delas - mas apontar tais pontos de contacto parece nascer mais de afinidades e intuições que de certezas.

Certezas? Talvez esta: "Repo", álbum acabado de editar pela Paw Tracks, editora gerida, lá está, pelos Animal Collective, é o disco em que os Black Dice do trio Aaron Warren, Bjorn e Eric Copeland unem todas as pontas soltas de que é feita a sua música num todo que apenas aparentemente é estilizado. Afinal, há nesta música uma intenção, uma coerência no gesto (apesar de toda a diversidade) que nos diz que, agora, se os Black Dice são insulares, todos lhes partilhamos a insularidade. **M.L.**

Lenny Kravitz

Lisboa. Pavilhão Atlântico. Parque das Nações. 3ª às 20h30 (portas abrem às 19h). Tel.: 218918409. 30€ a 40€.

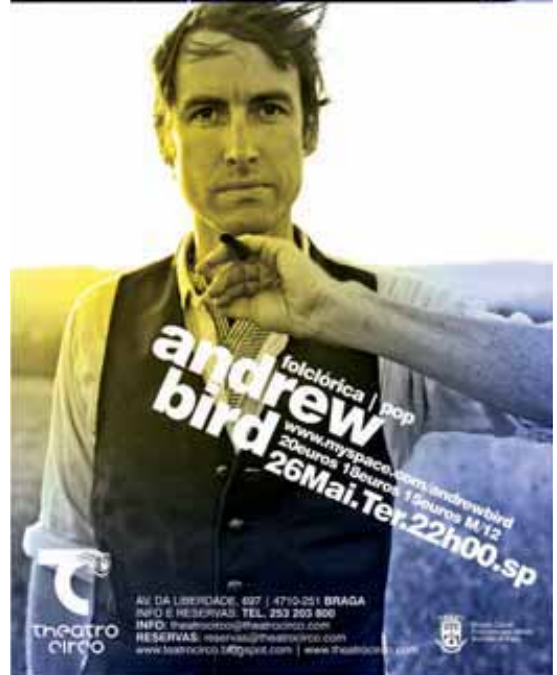
O último álbum de Lenny Kravitz, esse que passou por nós discretamente em 2008, intitula-se "It's Time For a Love Revolution". Já o álbum que nomeia a sua actual digressão encontra-se bem mais distante no tempo e foi bem menos discreto.

"Let Love Rule", o disco de estreia, editado em 1989, catapultou-o para o sucesso e é ele que agora celebra o homem que quis ser James Brown, Jimi Hendrix, Stevie Wonder e os Led Zeppelin num só corpo.

Recebamos portanto a digressão com título em código, LLR 20(09) ("Let Love Rule 2009", claro está), e o homem que, se não conseguiu ser Brown, Hendrix, Wonder e os Zeppelin, conseguiu, pelo menos, transformar-se no mais popular recuperador da década de 1970. Os seus concertos, de resto, são disso prova inequívoca. Montados como verdadeiras "extravaganças", são palco para Kravitz se mostrar como "superstar" idolatrada - a pose diz tudo - mas, também, como trabalhador incansável.

Ao bom estilo 70s, o homem dança e muda de indumentária, conduz a banda enquanto se entrega a solos de "guitar-hero" ou pede ao mundo que o mundo se cubra de amor. Faz parte do jogo. Vejamos: há 20 anos, "Let Love Rule", agora, "It's Time For a Love Revolution".

Um festival à antiga, portanto, com o pessoal à espera de, entre outras, "Are you gonna go my way?", "Fly away", "I belong to you" ou a inevitável "American woman", versão dos Guess Who que Kravitz popularizou no final dos anos 1990. **M.L.**



Agenda

Sexta 1

Kid Congo Powers

Lisboa. Galeria Zé dos Bois. Rua da Barroca, 59 - Bairro Alto. 6ª às 23h00. Tel.: 213430205. 10€.

Ver texto pág.20

Mariana Ricardo + Nuno Lopes

Lisboa. Maxime. Pç. Alegria, 58. 6ª às 23h30. Tel.: 213467090. 5€.

Noites IndieLisboa 2009

Domingo 3

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Com Teresa Gardner (soprano), Mário Alves (tenor), Luís Rodrigues (bárfono). Maestro: Michael Zilm. Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. Dom. às 17h00. Tel.: 213612400. 5€ a 20€

Ver texto pág. 22

Segunda 4

Melingo

Lisboa. Cinema São Jorge. Av. Liberdade, 175. 2ª às 21h00. Tel.: 213103400. 15€ a 22€.

Ver texto pág. 18

Terça 5

Gota D'Água

De Chico Buarque, Paulo Pontes. Encenação: João Fonseca. Direcção Musical: Roberto Burguel. Com Izabella Bicalho, Cláudio Lins. Lisboa. Centro Cultural de Belém. Praça do Império. 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h00. Tel.: 213612400. 15€ a 40€.

Quarta 6

Orquestra Sinfónica e Coro da Rádio Nacional da Ucrânia

Direcção Musical: Nataliya Ponomarchuk. Porto. Casa da Música. Pç. Mouzinho de Albuquerque. 4ª às 21h30. Tel.: 220120220. 41€.

Obras de Rimski-Korsakov, Mussorgsky, Dukas e Ravel.

Quinta 7

Feio & Friends

Com António Feio (guitarra), Miguel Camilo (guitarra), Alexandre Manaia (teclado), Nuno Oliveira (baixo), Mauro Ramos (bateria), Paulo Teixeira (voz), Paulo Ramos (voz), Jorge Mourato (convitado). Sintra. Centro Cultural Olga Cadaval. Pç. Dr. Francisco Sá Carneiro. 5ª às 22h00. Tel.: 21910710. 12,5€. Desconto para -18 e +65 anos.

Teatro/Dança

PEDRO VIEIRA DE CARVALHO

Wallace Shawn põe-nos dentro de um quarto de hotel com um homem da classe média nova-iorquina

O mundo é o que fazemos dele

Há um ano, Marcos Barbosa percebeu que ou fazia este texto com João Reis ou não o fazia. **Inês Nadais**

A Febre

De Wallace Shawn. Pelo Teatro Oficina. Encenação de Marcos Barbosa. Com João Reis.

Guimarães. CC Vila Flor - Pequeno Auditório. Av. D. Afonso Henriques, 701. Tel 253 424700/10. Até 03/05. 6ª e sáb. às 22h00; dom. às 17h00. €5 a 7,5€.

Não é possível ficar sentado depois de ler um texto como "A Febre", de Wallace Shawn, e por isso Marcos Barbosa, o diretor do Teatro Oficina, levantou-se e foi mudar o mundo ali para o pequeno auditório do Centro Cultural Vila Flor.

O que ele tinha a dizer está dito, mas este é um espectáculo "to be continued" a seguir a essa parte protocolar em que batemos palmas e vamos à nossa vida: a questão fundamental que "A Febre" nos põe, diz ele, é o que fazemos depois de dizer todas estas palavras, e o que é que fazemos depois de as ouvir. O tipo de texto que continua por fazer mesmo depois de ter sido feito, portanto.

Acontecem coisas neste monólogo de Wallace Shawn que nos põe dentro de um quarto de hotel de um país terceiro-mundista e devastado pela guerra com um homem da classe média nova-iorquina - que tinha de ser o João Reis, porque Marcos Barbosa precisava de "um actor que aguentasse este texto do princípio ao fim, e não é qualquer um" (ou seja: ele percebeu que "ou fazia este texto com o João Reis ou não o fazia").

Acontecem coisas a partir do momento em que olhamos pela janela e vemos um homem a ser executado à nossa frente. "É um texto muito político sobre um homem que, a dado momento, põe tudo em causa e tem pela primeira vez a possibilidade de fazer alguma coisa, mas não faz. Ele desconstrói o mundo em que vive, e isso já é alguma coisa. Mas a seguir não vai fazer o que é preciso para o mudar", explica.

É conosco, agora, acrescenta o encenador: "O final ideal para esta peça é as pessoas ficarem com este

incómodo de um homem que não agiu - ou que agiu apenas dizendo as palavras todas, mas não passando aos actos - e sentirem a urgência de mudar o mundo em que vivemos."

É a altura certa para isso, aliás: "Há um ano, quando li o texto, era completamente urgente fazê-lo, parecia-me que era o momento justo. Mas o tempo vai passando e parece que é cada vez mais o momento justo. Agora é que é, mesmo, com a crise global e a profunda decepção que temos em relação às pessoas que nos governam."

Não somos nova-iorquinos da classe média, mas também ficámos ali, parados, naquele quarto de hotel de um país do Terceiro Mundo.

"Nós, que vivemos no mundo ocidental, aceitamos diariamente que outras pessoas paguem o preço da vida que levamos. Todos os dias cedemos nos nossos valores para nos mantermos confortavelmente instalados nas nossas vidas."

Também estaremos confortavelmente instalados nas nossas cadeiras do pequeno auditório enquanto este homem abala os alicerces da sociedade de consumo e do capitalismo global. "Não vamos todos sair dali para a linha da frente da luta contra a pobreza no mundo", admite Marcos Barbosa, e é esse o dilema: enquanto estamos no teatro não estamos onde somos mais precisos. Mas, em certo sentido, enquanto estivermos dentro deste texto, já estamos a lutar - provavelmente contra nós próprios. É isso que faz correr esta encenação, de resto: "O essencial aqui era incluir o público no discurso, não lhe permitir pôr-se de fora disto. Toda a intenção do espectáculo é essa: apagar da cabeça do público o facto de estar a ver uma peça de teatro com o João Reis no pequeno auditório do Centro Cultural Vila Flor, e fazer isso da maneira mais simples."

Quando fez a peça em Nova Iorque, Wallace Shawn serviu champagne aos espectadores no início do espectáculo - a meio eles percebiam que não tinham engolido champagne, tinham engolido um sapo. Em Guimarães não vai haver champagne - o mundo não está, mesmo, para grandes festejos - mas Marcos Barbosa também tem os seus truques para que isto que vamos ouvir não nos entre por um ouvido e saia pelo outro. Esta peça é o que nós fizemos dela.

Agenda

Estreiam

L'Élégance et la Beauté

De Charlotte Saliou. Com Charlotte Saliou, Delphine Saliou.
Lisboa. Chapitô. R. Costa do Castelo, 1/7. De 07/05 a 10/05. 5ª, 6ª, 9ª, Sáb. e Dom. às 22h. Tel.: 218855550.10€.

Harper Regan

De Simon Stephens. Encenação: Ana Nave. Com António Cordeiro, Cristóvão Campos, Dinarte Branco, João Ricardo, Luísa Cruz, Maria Amélia Matta, Sofia Dias.
Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II. Pç. D. Pedro IV. Dia 07/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h45. Dom. às 16h15. Tel.: 213250835.

Saia Curta e Consequência

De Hervé Verdoer. Encenação: Paulo Matos. Com Claudia Vieira, Luís Gaspar, Paulo Matos.
Lisboa. Teatro da Trindade. Lg. da Trindade, 7 A. De 06/05 a 10/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h. Tel.: 213420000.12€ a 20€

Continuam

Os Henriques

De Gonçalo M. Tavares. Encenação: João Brites. Com Dolores de Matos.
Palmela. Teatro O Bando. Vale de Barris. De 07/05 a 10/05. 5ª, 6ª e Sáb. às 21h. Dom. às 17h. Tel.: 212336850.

Onde Vamos Morar



De José Maria Vieira Mendes. Companhia: Artistas Unidos. Encenação: Jorge Silva Melo. Com Andreia Bento, Cecília Henriques, Pedro Carmo, Pedro Gil, Pedro Lacerda, Sérgio Godinho, Sílvia Filipe.
Portimão. Teatro Municipal. Lg. 1.º de Dezembro. Dia 02/05. Sáb. às 21h30. Tel.: 282402475.10€

Fazer a festa Começo de um dia de Verão Muito Bonito

Encenação: Nuno Preto. Com Tânia Dinis.
Porto. Palácio de Cristal. R. D. Manuel II. Dia 02/05. Sáb. às 23h30. Tel.: 226057080.

Memórias de Branca Dias

De Miguel Real. Encenação: Filomena Oliveira. Com Rosário Gonzaga.
Águas Santas. Qta da Caverneira. Maia. Dia 01/05. 6ª às 21h30.

Invasão

De Júnior Sampaio. Encenação: Júnior Sampaio. Com Júnior Sampaio.
Águas Santas. Qta da Caverneira. Maia. Dia 01/05. 6ª às 21h30. 3€.

Animais Nocturnos



De Juan Mayorga. Encenação: Renata Portas. Com Renata Portas,

José Ferraz, Susana Madeira, Tiago Barbosa.
Águas Santas. Qta da Caverneira. Maia. Até 02/05. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. às 21h35. 3€.

Jerusalém

De Gonçalo M. Tavares. Encenação: João Brites. Com Cristiana Castro, Horácio Manuel, João Barbosa, Nicolas Brites, Raul Atalaia, Rosinda Costa, Suzana Branco.
Palmela. Teatro O Bando. Vale de Barris. Até 03/05. 5ª, 6ª e Sáb. às 22h00. Dom. às 17h00. Tel.: 212336850.

Henrique IV, o Rei Louco



De Luigi Pirandello. Encenação: Nuno Vicente.

Lisboa. A Barraca - Teatro Cinearte. Lg. Santos, 2. Até 03/05. 5ª, 6ª, Sáb. e Dom. às 21h30. Tel.: 213965360.10€, 7,5€ (grupos +4) e 5€ (-30 anos). Informações e reservas: geral@utopiateatro.com ou 96 624 79 34.

A Menina Júlia

De August Strindberg. Encenação: Rui Mendes. Com Albano Jerónimo, Beatriz Batarda, Isabel Abreu.
Lisboa. Teatro Nacional D. Maria II. Pç. D. Pedro IV. Até 24/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h00. Tel.: 213250835.

Transacções



De David Williamson. Encenação: João Reis. Com Catarina Furtado, António Durães, Carlos Gomes, Joaquim Horta, Lígia Roque, Mafalda Vilhena, Marta Furtado.

Lisboa. Teatro Municipal Maria Matos. Av. Frei Miguel Contreras, 52. Até 03/05. 4ª, 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 17h00. Tel.: 218438801. 20€ e 15€

Dança

Estreiam

La Danseuse Malade

De Tatum Hijiikata. Coreografia: Boris Charmatz. Bailarino: Jeanne Balibar, Boris Charmatz.
Lisboa. Culturgest. R. Arco do Cego - Ed. da CGD. De 07/05 a 08/05. 5ª e 6ª às 21h30. Tel.: 217905155. 18€. Jovens até aos 30 anos: 5€.

Ver texto pág. 24

(Not) a Love Song

De Alain Buffard. Coreografia: Alain Buffard. Bailarino: Miguel Gutierrez, Vera Mantero, Vincent Segal, Claudia Triozzi.
Lisboa. CCB. Pç. do Império. De 02/05 a 03/05. Sáb. às 21h. Dom. às 17h. Tel.: 213612400. 15€ a 20€ (c/ descontos).

Ver texto pág. 25

TEATRO NACIONAL
D. MARIA II



MENINA JULIA

DE AUGUST STRINDBERG
TRADUÇÃO AUGUSTO SOBRAL
ENCENAÇÃO RUI MENDES

16 ABR
A 24 MAI

COM BEATRIZ BATARDA,
ALBANO JERÓNIMO E ISABEL ABREU

4ª A SÁB. 21H30 DOM. 16H

SALA GARRETT

M/12



PRÉMIO EDP NOVOS ARTISTAS 2009

EXPOSIÇÃO

ANTÓNIO BOLOTA
BRUNO CIDRA
*GABRIEL ABRANTES
GONÇALO SENA
HERNÂNI GIL
MARGARIDA PAIVA
MAURO CERQUEIRA
NUNO RODRIGUES DE SOUSA
SÓNIA ALMEIDA

*Vencedor do Prémio

ATÉ 10 MAIO

MUSEU DA ELECTRICIDADE
TERÇA A DOMINGO DAS 10H ÀS 18H
ENTRADA LIVRE

Visitas Guiadas pelos Comissários
Domingos às 16h

JOÃO PINHARANDA, 26 Abril
NUNO CRESPO, 3 Maio
DELFIN SARDÓ, 10 Maio

www.fundacao.edp.pt
Av. Brasília, Central Tejo
1300-598 Lisboa



HARPER REGAN

DE SIMON STEPHENS

TRADUÇÃO JORGE CARVALHO
ENCENAÇÃO ANA NAVE

SALA ESTÚDIO
4ª A SÁB. 21H30 DOM. 16H

7 MAI M/12
A 14 JUN

Informações e Reservas
reservas@teatro-dmaria.pt Tel.: 21 325 08 35
www.teatro-dmaria.pt Ticketline
707 234 234 | www.ticketline.pt



CIRQUE DU SOLEIL®

Nunca houve melhor
motivo para sonhar!



Photo: Veronique Vial Costume: Elio Ishihara

VAREKAI™

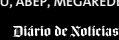
ESCRITO E DIRIGIDO POR DOMINIC CHAMPAGNE

COUNTDOWN PARA A CHEGADA A LISBOA!

NA PRÓXIMA SEMANA A RFM
APRESENTA 24 HORAS DE DESCONTOS!

BILHETES À VENDA WWW.CIRQUEDUSOLEIL.COM
RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT

CASINO LISBOA, FNAC, WORTEN, BLISS, BULHOSA, ABREU, ABEP, MEGAREDE E EL CORTE INGLÉS



O atleta no trabalho

Exposição das rodagens de filmes de Werner Herzog.

Luís Miguel Oliveira

Sinais de Vida - Werner Herzog e o Cinema

Lisboa. BES Arte & Finança. Praça Marquês de Pombal, 3-B. T. 218839000. Até 22/5. 2ª a 6ª das 09h às 21h. Festival IndieLisboa 09.

Fotografia, Vídeo.



Em paralelo com a homenagem a Werner Herzog promovida pelo IndieLisboa, que fez dele um dos "heróis independentes" da edição deste ano, está no espaço BES Arte & Finança, na Praça Marquês de Pombal, uma exposição maioritariamente constituída por fotografias tiradas durante as rodagens de filmes do cineasta alemão.

No primeiro piso, num percurso construído com grandes painéis brancos, podemos ver uma série de ampliações, a cores e a preto e branco, de fotografias desse tipo, colhidas em diversos filmes mas com destaque para os de rodagem mais "aventurosa", em África ou na América do Sul. Werner Herzog e os actores (uma das áreas é dedicada a Klaus Kinski, o mais emblemático dos actores de Herzog). Cada conjunto de imagens é introduzido por uma citação do cineasta, parecendo haver um enfoque especial na dimensão física envolvida pelo trabalho da realização de filmes, ou na importância que Herzog dá à dimensão física do trabalho nos

seus filmes - são "filmes de atleta", como se lê numa dessas citações. Assim sendo, a imagem mais "paroxística" é a que mostra Herzog em corrida numa paisagem amarelo-savana, com o enquadramento a oferecer-lhe ainda muito espaço para percorrer.

Este primeiro piso, sendo curioso, é banal. O interesse aumenta quando se desce as escadas e se vai para mesmo em frente a três grandes imagens captadas durante encenações operáticas (o "Lohengrin" de Wagner, por exemplo) concebidas por Werner Herzog. A força pictórica dessas imagens é suficiente para nos lembrar algo que em tantos dos seus filmes é fácil esquecer (ou seja, que Herzog é um cineasta alemão), e mais ainda que é, como dizia outro dia em debate no São Jorge o seu irmão e produtor Lucki Stipetic, um "caspardavidfriedrichiano".

Depois de apreciar o lado mais germânico de Herzog o visitante passa a um painel onde está exposta uma série de cartanados com "storyboards" - sendo que a ironia está em que são acompanhados por uma legenda onde o realizador afirma que os "storyboards" são "o instrumento dos cobardes".

Há ainda uma série de fotografias a preto e branco, muito bonitas, tiradas pela mulher de Herzog, Lena, durante a rodagem do recente "Rescue Dawn", e chega-se a uma pequena galeria vídeo onde alternadamente se exibem algumas curiosidades herzogianas. Entre elas o filme de Les Blank, "Werner Herzog Eats His Shoe", mas também "The Lost Western", um pequeno filme que Herzog fez quando tinha 16 anos, e uma montagem de imagens da rodagem inicial de "Fitzcarraldo", quando o elenco ainda incluía Mick Jagger e, no papel que veio a ser de Klaus Kinski, Jason Robards.

Parece haver um enfoque especial na dimensão física envolvida pelo trabalho da realização de filmes



Viagens com bolso A barbárie (II)



Alexandra Lucas Coelho

As coisas em Buner não estão para uma BD de Nicolas Wild. Quem é Nicolas Wild? Um autor de banda desenhada que foi parar ao Afeganistão porque não tinha um cêntimo. Até em França os autores de banda desenhada podem não ter um cêntimo, e num momento de desespero Nicolas respondeu a um anúncio. Sabia tanto sobre o Afeganistão como o mundo sabe sobre Buner.

No momento em que escrevo, o que o mundo sabe sobre Buner é que os taliban estão lá.

Dos dois lados da fronteira tribal entre o Paquistão e o Afeganistão há um mesmo povo, os "pashtun". O "Pashtunista" chegou a ser um sonho nacionalista. É deste caldo que vêm os taliban. São "pashtun", segundo o código tribal, antes de serem afegãos ou paquistaneses.

Durante os anos 90 - enquanto deu jeito a governos ocidentais -, o Paquistão preparou os taliban. Quando os taliban tomaram Cabul, pondo fim ao caos dos "mujaheddin", o Paquistão exultou. Quando os taliban começaram a pendurar cabeças, executar gente em estádios e eliminar a face das mulheres, o Paquistão criticou para fora e alimentou-os por dentro. Quando os taliban foram derrubados, o Paquistão acolheu-os. Quando regressaram ao Afeganistão, o Paquistão continuou a alimentá-los. A cada revés das tropas estrangeiras, impotentes perante a fronteira tribal, o Paquistão prometeu combater os taliban. Agora os taliban alargaram a fronteira tribal, controlam o distrito paquistanês de Buner a 100 quilómetros de Islamabad e o Paquistão garante que está a combatê-los, até porque Hillary Clinton pôs a hipótese de o arsenal

O primeiro volume de "Kaboul Disco" é sobre como Nicolas conseguiu não ser raptado. O segundo é sobre como conseguiu não se tornar opiómano

nuclear do Paquistão lhes cair nas mãos e o "New York Times" perguntou como é que o Paquistão controla o seu arsenal se não controla o país.

A imaginação humana não tem parança, mas taliban com armas nucleares é uma ideia de barbárie bastante derradeira.

Para já, conta-se que desde que chegaram a Buner houve punições por ouvir música, rapazes recrutados à força e êxodo internacional.

É por isso que não estou a ver Nicolas Wild a fazer uma BD em Buner, como fez no Afeganistão, em dois volumes - "Kaboul Disco", 2005-2006. Em Buner as coisas não estão para "steak au poivre" nem piscina.

O primeiro volume de "Kaboul Disco" é sobre como Nicolas conseguiu não ser raptado. O segundo volume é sobre como conseguiu não se tornar opiómano. Juntos são uma sátira sobre aquilo em que o Afeganistão se tornou, com a empenhada ajuda de internacionais como Nicolas.

Chegam porque não têm um cêntimo, ou têm duas ex-mulheres, ou até as melhores intenções. Criam BD's para recrutar soldados afegãos e criam ateliers de bordadeiras. Constroem as pontes que as tropas estrangeiras precisam, ou precisam de dar em contrapartida. Formam burocratas do Ministério do Interior. São informáticos, empreendedores, construtores, mercenários. E vão cruzando as noites, com as outras espécies internacionais, soldados, humanitários, jornalistas.

Milhares e milhares de civis foram parar ao Afeganistão assim - era um risco bem pago. E continua a ser.

Uma das grandes cenas de "Kaboul Disco" é quando Nicolas anuncia ao seu jovem e "trendy" patrão que vai voltar a França. Isso passa-se no restaurante mais "trendy" de Cabul, que na banda desenhada se chama Joie de Vivre, mas na realidade é L'Atmosphère. O patrão pede para ir à casa de banho e vê ao espelho os anos da sua juventude passados ali, a ajudar a propaganda do governo Karzai, enquanto o Afeganistão se afunda. Depois volta a sorrir para junto de Nicolas e a vida continua.

Karzai já confirmou. Recandidata-se a presidente em Agosto.



"A Analogia do Olho", de JCJ Vanderheyden



"Atrás do vulcão e três pinturas semi-amestradas", de Gil Heitor Cortesão

Agenda

Inauguram

Contemporaneidade De Nuno Calvet.

Porto. Centro Português de Fotografia - Cadeia da Relação do Porto. Campo Mártires da Pátria. Tel.: 222076310. Até 24/05. 3ª a 6ª das 10h às 18h. Sáb., Dom. e Feriados das 15h às 19h. Na Sala Joshua Benoliel. Inaugura 2/5 às 16h. Fotografia.

A Cidade das Aldeias De Mário João Mesquita.

Porto. Centro Português de Fotografia - Cadeia da Relação do Porto. Campo Mártires da Pátria. Tel.: 222076310. Até 28/06. 3ª a 6ª das 10h às 18h. Sáb., Dom. e Feriados das 15h às 19h. Na Sala Aurélio da Paz dos Reis. Inaugura 2/5 às 16h. Fotografia.

Crash De Sara Franco.

Lisboa. Galeria Bernardo Marques. Rua Dom Pedro V, 81. Tel.: 914206519. Até 27/06. 2ª a Sáb. das 11h às 19h. Inaugura 7/5 às 19h. Pintura.

Continuam

Dexter Sinister - Extended Caption (DDDG)

Porto. Culturgest. Avenida dos Aliados, 104 - Edifício da CGD. Tel.: 222098116. Até 27/06. 2ª a Sáb. das 10h às 18h (última admissão às 17h45). Objectos, Fotografia, Outros.

EDP Novos Artistas

De António Bolota, Bruno Cidra, Gabriel Abrantes, Gonçalo Sena, Hernani Gil, Margarida Paiva, Mauro Cerqueira, Nuno Rodrigues de Sousa. Lisboa. Museu da Electricidade. Avenida Brasília - Edifício Central Tejo. Tel.: 210028120. Até 10/05. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Fotografia, Instalação, Vídeo, Escultura, Desenho, Pintura.

Bethan Huws: Fountain

Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. Tel.: 228565500. Até 17/05. 3ª a 6ª das 10h às 17h (última admissão às 16h30). Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h (última admissão às 18h30). Escultura, Instalação, Performance, Outros.

Guy Tillim - Avenida Patrice Lumumba

Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. Tel.: 228565500. Até 17/05. 3ª a 6ª das 10h às 17h (última admissão às 16h30). Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h (última admissão às 18h30). Fotografia.

José Pedro Croft

Lisboa. Galeria Filomena Soares. Rua da Manutenção, 80. T. 218624122. Até 9/5. 3ª a sáb. das 10h às 20h. Escultura, Desenho.

Peter Kogler

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 31/05. 6ª das 10h às 22h. 2ª a 5ª. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Instalação, Outros.

Opções & Futuros: Obras da Coleção da Fundação PLMJ

De Adriana Molter, Bruno Pacheco, Carlos Bunga, Joana Pimentel, João Maria Gusmão + Pedro Paiva, Pedro Barateiro, Ricardo Jacinto, Ricardo Valentim, Rita Sobral Campos, Rodrigo Oliveira. Lisboa. Museu da Cidade de Lisboa. Campo Grande, 245. Tel.: 217513200. Até 21/06. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Pavilhão Branco e Pavilhão Preto.

Desenho, Pintura, Outros.

BES PHOTO 2008

De André Gomes, Edgar Martins, Luís Palma.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Praça do Império - Centro Cultural de Belém. Tel.: 213612878. Até 17/05. 6ª das 10h às 22h. 2ª a 5ª. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Fotografia.

Heimo Zobernig

Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão. Rua Dr. Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 24/05. 3ª a Dom. das 10h às 18h. Bilhetes: 4€ (c/ descontos).

Pintura, Vídeo, Instalação, Escultura, Outros.

Na Clareira - Pinturas Recentes

De Pedro Calapez. Porto. Galeria Presença. R. Miguel Bombarda, 570. Tel.: 226060188. Até 30/05. 2ª a 6ª das 10h às 19h30. Sáb. das 15h às 19h30. Pintura.

Obras Sobre Papel

De João Queiroz.

Gaivotas. Centro Cultural Vila Flor. Avenida D. Afonso Henriques, 701. Tel.: 253424700. Até 14/06. 3ª a Sáb. das 10h às 19h. Dom. e Feriados das 14h às 19h.

Desenho, Pintura.

Atrás do vulcão e três pinturas semi-amestradas

De Gil Heitor Cortesão. Lisboa. Galeria Pedro Cera. Rua do Patrocínio, 67E.

T. 218162032. Até 30/5. 3ª a Sáb. das 11h às 13h30 e das 14h30 às 19h30.

Pintura.

A Analogia do Olho De JCJ Vanderheyden.

Lisboa. Culturgest. Rua Arco do Cego - Edifício da CGD. Tel.: 217905155. Até 10/05. 2ª a 6ª das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Sáb., Dom. e Feriados das 14h às 20h (última admissão às 19h30). Bilhetes: 2€. Pintura, Fotografia.

fnac
www.fnac.pt

festalivro '09

16 / ABRIL > 6 / MAIO

23 / 04 a 29 / 04

30 / 04 a 06 / 05

erepúsculo
Luz e Escuridão
STEPHENIE MEYER

-40%

-20%

fnac
www.fnac.pt

FESTA DO LIVRO FNAC'09:
ENCONTROS COM ESCRITORES, LANÇAMENTOS,
DEBATES E LIVROS COM DESCONTOS ATÉ 40%.

Preços e ofertas válidas na Fnac durante o período de Feira de 16 de Abril a 6 de Maio de 2009, salvo ruptura de stocks ou erro tipográfico.

Cinema



“Singularidades de uma Rapariga Loira”: personagens de XIX na Lisboa de XXI

Estreiam

Pequeno filme sobre o dinheiro

Um filme sobre a dificuldade de trabalhar, de ganhar dinheiro, de ter dinheiro. Sobre o que fazer com o dinheiro que se tem, e sobretudo com o que se não tem. **Luís Miguel Oliveira**

Singularidades de uma Rapariga Loira

De Manoel de Oliveira, com Catarina Wallenstein, Leonor Silveira, Rogério Samora, Ricardo Trêpa. M/12

★★★★★

Lisboa: Medeia Nimas: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 15h45, 17h45, 19h45,

21h45; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h30, 18h40, 22h, 23h40;

Porto: Medeia Cidade do Porto: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h05, 15h35, 17h30, 19h30, 21h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 16h20, 18h10, 20h, 21h50, 23h40;

Como que a provar que não é por se chegar aos cem anos que deixa de haver coisas novas para fazer, Manoel de Oliveira reservou uma estreia para o filme do seu centenário (estava em plena rodagem quando a efeméride se perfez): atirar-se a uma adaptação de Eça de Queiroz, filmando o conto homónimo do escritor lisboeta. Divertiu-se bastante com a ironia de Eça, assim como o filme, ele próprio, “diverte”. Divertiu-se o suficiente, em todo o caso, para fazer sua a ironia de Eça, e para a transformar numa ironia que por vezes parece quase auto-referencial e levar em conta o conhecimento que o espectador tem (ou devia ter) da sua obra. Por exemplo: aquelas cenas e aqueles planos das janelas (tudo fabuloso), em falsos campos/contracampo de 180º (porque na verdade, e a acreditar nos “raccords” de olhar, há uma ligeira diagonal, é um frontalidade vista, digamos, um pouco de lado - ironia, ironia), lembram irremediavelmente certas cenas e certos planos do “Amor de Perdição”, o filme onde Oliveira adaptou o “outro” escritor do século XIX português. Assim como, apenas meio a brincar, se podia resumir o essencial da intriga de “Singularidades de uma Rapariga Loura” como um “Aniki Bobó” entre adultos da baixa lisboeta - o Carilhos desse filme queria comprar a boneca que viu na montra para a oferecer à namorada, o Macário (Ricardo Trêpa) deste filme quer, no fundo, comprar a boneca (Catarina Wallenstein ou, salvo seja, a sua personagem, Luísa) que viu na janela para a oferecer a si próprio como sua namorada. Ironia, ironia.

E mais ironia ainda, que neste filme é interminável (e por falar em “interminável”: são apenas 64 minutos, coisa para dar que pensar aos “humoristas” e outros engraçados que andam há anos a fazer a mesma piada com a duração dos filmes de Oliveira - isto, claro, partindo do pressuposto que eles pensam). “Singularidades” podia ser apresentado como uma peça “pedagógica” de introdução ao método, ou aos métodos de Oliveira. Começa na adaptação propriamente dita, na maneira como Oliveira transpõe os códigos, as preocupações e, muito importante, a linguagem da boa sociedade lisboeta de XIX para uma Lisboa aparentemente contemporânea. Mas só “aparentemente”, e só como ambíguíssimo “efeito de real” (nas

cenas de exteriores, ou no ruído em “off” do trânsito). Porque depois, dentro desta Lisboa assim sinalizada, as personagens vivem numa “bolsa”, num prolongamento da ordem e das ordens de outros tempos. Algo de suficientemente credível se pensarmos que tais “bolsas” existem na realidade, pelo menos suficientemente credível para que “in extremis” fique em suspenso o mergulho no total artificialismo, trocado por algo ao mesmo tempo mais simples e mais complexo: digamos que um curto-circuito no naturalismo e na sua facilidade de reconhecimento. Para um efeito, digamos outra vez mas não pela última, irónico (personagens de XIX na Lisboa de XXI), mas mais do que isso para isolar o que de facto interessa a Oliveira: o “teatro social” (e quando escrevemos isto ocorre-nos outro par para este filme, “A Carta” e a transposição do drama de Madame de La Fayette para um mundo com automóveis, a Expo 98 e Pedro Abrunhosa).

“Pedagógico”, ainda, pela forma exemplar, e jubilatória, como Oliveira múltipla (e se for caso disso trava, inflecte) as vacilações do registo dramático. Dos planos do comboio com Trêpa e Leonor Silveira, que em absoluta e solene gravidade lançam os “flash-backs” em que a história é contada, ao insidioso humor que depois percorre a narração propriamente dita (tão desconcertante é aquela pequena dança de alegria de Trêpa como a personagem do Tio, que Diogo Dória, actor bem versado na arte e nos modos oliveirianos, equilibra sempre na fronteira entre seriedade e irrisão - e com um porte e um recorte que, se for disparate paciência, até nos lembra António Silva). Mas também todos aqueles momentos digressivos, “didáticos”, que aparecem em tantos filmes de Oliveira (quem não se lembra da lição sobre a guitarra portuguesa em “A Caixa”?...) e que têm ocasião de nascer a partir de uma visita de Trêpa às instalações do Círculo Eça de Queiroz... Um pequeno “abismo”, tratando-se de um filme adaptado de Eça, mas não é o único se pensarmos que há ocasião para uma leitura de Alberto Caeiro (por Luís Miguel Cintra, em nome próprio, mais um curto-circuito aplicado na relação entre real e representação...), e que o canto do “Guardador de Rebanhos” (o XXXII) lido por Cintra (“existir claramente / e saber fazê-lo sem pensar nisso”) parece estar a falar de Oliveira, e mais ainda que se podem notar rimas com o poema em certos diálogos (“clara e fresca” é como Macário define Luísa, mas não é a única possível rima).

“Singularidades” revê um tema favorito de Oliveira (a paixão, íamos a escrever com maiúscula e se calhar ficava bem) em chave irónica e alusiva (ah aquele leque que tanto cativa Macário, menos por Macário ser um feticista do que por o leque ser a imagem do irrepresentável, do “obsceno” em sentido talvez mais etimológico do que moral). Mas também é um filme, e talvez mais do que qualquer outro de Oliveira, sobre um “problema económico” (por alguma razão se fala tanto nos “euros” que Oliveira, em efeito realista que soa sempre a anacronismo, insistiu em actualizar). Sobre a dificuldade de trabalhar, de ganhar dinheiro, de ter dinheiro. Sobre o que fazer com o dinheiro que se tem, e sobretudo com o que se não tem. Sobre uma “moral materialista”, sobre o trabalho e a cleptomania, a honradez e o arrivismo. Resistimos à tentação de dizer que Oliveira, no que seria a sua suprema ironia, constrói aqui um discurso sibilo sobre o estado do cinema - português? - mas lá que a ideia nos passa pela cabeça passa. De qualquer modo ninguém sai a rir de um filme de Oliveira. Quando ele resolve apagar as luzes não há nada que mitigue a escuridão. Num derradeiro golpe de rins, “Singularidades” converte-se no “L’Argent” de Oliveira, e o plano final encerra a pobre Luísa num negrume tão denso, tão desesperado e tão misterioso como aquele a que Bresson votava o protagonista do seu “L’Argent”.

Casamentos e Infidelidades Married Life

De Ira Sachs, com Chris Cooper, Annabel Kershaw, Pierce Brosnan. M/12

★★★★★

Lisboa: Medeia Saldanha Residence: Sala 8: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 15h40, 17h45, 19h40, 21h40, 00h10; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h20, 18h55, 21h50, 00h10;

Porto: ZON Lusomundo Norte Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h10, 17h30, 19h50, 22h20, 00h50;

Há qualquer coisa de intrigante no que o americano Ira Sachs, oriundo da cena indie-Sundance, quer fazer com esta sua terceira longa: uma subversão por dentro do território do filme negro americano do pós-II Guerra Mundial, usando-o como pretexto para uma exploração da natureza dos sentimentos e do amor que prefere navegar de tom em tom sem nunca se fixar. Estamos em 1949 e um executivo bem na vida quer abandonar a mulher que ama e com quem está casado há décadas para ir viver com uma jovem bem mais nova que também ama - é um ponto de partida que Sachs desenvolve primeiro como comédia americana dos anos 1950 (com a entrada em cena do melhor amigo do executivo, um sedutor por natureza) e que depois transforma em melodrama romântico e aspirante a filme negro antes de regressar à primeira forma, mas sem nunca nos conseguir convencer que essa flutuação deliberada é mais do

Informações: 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cad.pt - www.culturgest.pt
Bilhetes à venda: Culturgest, Worten, Frac, Blixx, Lidos Viagens, Alcoa, Livrarias/Balhos (diferes Parque e C.C. Gládio do Porto), C.C. Dolce Vita, Megafone e www.ticketlinesupport. Reservas: Teletel: 707 294 234



Augustin Dumay

Camerata Metropolitana

Orquestra Metropolitana de Lisboa Concerto comentado por Alexandre Delgado

direcção musical e violino Augustin Dumay

Programa Anton Webern Langsamer Satz Claude Debussy Clair de Lune, Beau Soir, En Bateau, La Fille aux Cheveux de Lin (transcr. para orquestra) Maurice Ravel Tzigane Benjamin Britten Simple Symphony

MÚSICA DOM 10 MAIO • 11h00 • Grande Auditório • €2,5 • M6

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

METROPOLITANA

Culturgest

Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Kenneth Anger
na Cinemateca



Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39 Lisboa.
Tel. 213596200

Segunda 04

À Beira do Abismo
The Big Sleep
De Howard Hawks 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Filhas, Esposas e uma Mãe
Musume Tsuma Haha
De Mikio Naruse 19h - Sala Félix Ribeiro

Na Sombra e no Silêncio
To Kill a Mockingbird
De Robert Mulligan 19h30 - Sala Luís de Pina

Fireworks + Inauguration
of the Pleasure Dome
+ Invocation of my Demon
Brother + Lucifer Rising
+ Ich Will!
De Kenneth Anger 21h30 - Sala Félix Ribeiro

À Queda do Império Romano
The Fall of the Roman Empire
De Anthony Mann 22h - Sala Luís de Pina

Terça, 05

Cinco Anos Depois
One-Eyed Jacks
De Marlon Brando 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Bandidos em Orgosolo
Bandidos a Orgosolo
De Vittorio De Seta 19h - Sala Félix Ribeiro

À Deriva
Nagareru
De Mikio Naruse 19h30 - Sala Luís de Pina

A Floresta Esmeralda
The Emerald Forest
De John Boorman 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Pele de Bandido
Pelle di bandito
De Piero Livì 22h - Sala Luís de Pina

Quarta, 06

Um João Ninguém
Meet John Doe
De Frank Capra 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Anzukko
De Mikio Naruse 19h - Sala Félix Ribeiro

Heroes Of TeleMark
Killer of Sheep
De Charles Burnett 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Toda a Família Trabalha
Hataraku Ikka
De Mikio Naruse 22h - Sala Luís de Pina

Mai ~ 09 o são luiz noutros palcos

ONDE VAMOS MORAR

DE JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES
COM SÉRGIO GODINHO
ARTISTAS UNIDOS
ANDREIA BENTO
CECILIA HENRIQUES
PEDRO CARMO
PEDRO GIL
PEDRO LACERDA
SILVIA FILIPE



PORTIMÃO

2 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL
UISEU

8 E 9 MAI ~ TEATRO VIRIATO
SINTRA

15 MAI ~ CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL
TORRES NOVAS

16 MAI ~ TEATRO VIRGÍNIA
COIMBRA

19 MAI ~ TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE
VILA REAL

22 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL
GUARDA

29 MAI ~ TEATRO MUNICIPAL
ALMADA

30 E 31 MAI ~ FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA

a reposição é uma co-produção do São Luiz Teatro Municipal e dos Artistas Unidos M/12



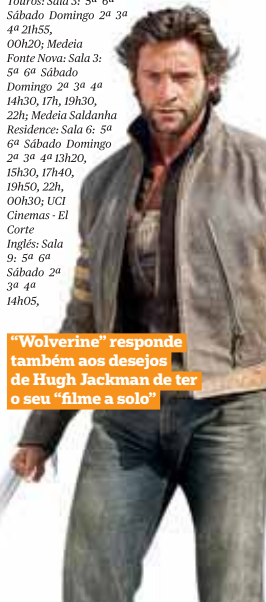
que uma afectação estilística para dar a volta ao texto. É pena que assim seja, porque o elenco de primeira água cria as suas personagens com inteligência e pontaria, e a produção consegue camuflar espantosamente a modéstia do orçamento, e Sachs tem a espaços uma leveza de toque que tem tudo a ver com o que quer fazer. **Jorge Mourinha**

X-Men Origens: Wolverine
De Gavin Hood,
com Hugh Jackman, Danny Huston,
Liev Schreiber. M/12

☆☆☆☆☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 5: 5ª 16h10, 18h40, 21h40, 00h15 6ª Sábado 13h20, 16h10, 18h40, 21h40, 00h15 Domingo 13h20, 16h10, 18h40, 21h40 2ª 3ª 4ª 16h10, 18h40, 21h40; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h30, 21h40, 00h10; CinemaCity Alegro Alfragide: Cinemax: 5ª 2ª 3ª 4ª 13h55, 16h30, 18h40, 21h30, 23h40 6ª Sábado Domingo 11h45, 13h55, 16h30, 18h40, 21h30, 23h40; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h50, 24h; CinemaCity Beloura Shopping: Cinemax: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h25, 16h45, 18h55, 21h30, 23h40 6ª Sábado Domingo 12h10, 14h25, 16h45, 18h55, 21h30, 23h40; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h55, 00h05; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 2: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h30, 18h50, 21h30, 24h 6ª Sábado Domingo 11h45, 14h10, 16h30, 18h50, 21h30, 24h; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h55, 00h20; Medeia Fonte Nova: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h; Medeia Saldanha Residence: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 9: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h05,

"Wolverine" responde também aos desejos de Hugh Jackman de ter o seu "filme a solo"



16h30, 19h, 21h35, 00h10 Domingo 11h30, 14h05, 16h30, 19h, 21h35, 00h10; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h05, 15h30, 18h, 21h20, 24h; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h30, 21h20, 23h50 6ª Domingo 11h, 13h20, 15h50, 18h30, 21h20, 23h50; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h30, 18h20, 21h10, 24h; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h20, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h30, 21h30 6ª Sábado 15h30, 18h30, 21h30, 00h30; ZON Lusomundo Odéias Parque: 5ª 15h40, 18h25, 21h25, 24h 6ª Sábado 13h, 15h40, 18h25, 21h25, 24h Domingo 13h, 15h40, 18h25, 21h25, 24h; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h45, 18h30, 21h20, 00h15; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h30, 21h, 23h45; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h30, 21h30, 24h; Castelo Lopes - C. C. Junho: Sala 1: 5ª 15h40, 18h20, 21h30, 00h10 6ª Sábado 13h, 15h40, 18h20, 21h30, 00h10 Domingo 13h, 15h40, 18h20, 21h30 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h20, 21h30; Castelo Lopes - Fórum Barreiro: Sala 4: 5ª 15h50, 18h30, 21h30, 24h 6ª Sábado 13h, 15h50, 18h30, 21h30, 24h Domingo 13h, 15h50, 18h30, 21h30 2ª 3ª 4ª 15h50, 18h30, 21h30; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h30, 21h30, 24h 6ª Sábado Domingo 13h, 15h30, 18h30, 21h30, 24h; UCI Freeparts: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h55, 21h45 6ª 15h40, 18h55, 21h45, 00h25 Domingo 13h20, 15h40, 18h55, 21h45; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h, 18h30, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 18h40, 21h20, 24h;

Porto: Arrábida 20: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h, 21h, 24h; Medeia Cidade do Porto: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h40, 22h; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h45, 21h30, 00h10; ZON Lusomundo Ferrara Plaza: 5ª 6ª Sábado 15h40, 18h20, 21h30, 00h10 Domingo 2ª 3ª 4ª 15h40, 18h20, 21h30; ZON Lusomundo GaiasShopping: 5ª 6ª Sábado 13h30, 16h10, 18h40, 21h20, 00h10 Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h40, 21h20; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª 6ª Sábado 13h30, 16h05, 18h40, 21h30, 00h30 Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h05, 18h40, 21h30; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h30, 21h30, 00h20; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h40, 21h40, 00h30; Castelo Lopes - 8ª Avenida: Sala 1: 5ª 15h30, 18h30, 21h30, 24h 6ª Sábado 13h, 15h30, 18h30, 21h30, 24h Domingo 13h, 15h30, 18h30, 21h30 2ª 3ª 4ª 15h30, 18h30, 21h30; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h20;

Descoberta que está a "fórmula" para fazer "reboot" a franchises gastou ou que embateram em bocos sem saída, "X-Men Origens: Wolverine" →



mayra andrade "Stória, Stória..."
DIGRESSÃO NACIONAL JUNHO 2009

04 | PORTO
CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL
Reserva: 213 414 514

06 | PORTALEGRE
CENTRO ARTES E ESPECTÁCULOS
Reserva: 213 414 514

07 | LISBOA
CENTRO CULTURAL DE BULHÃ
Reserva: 213 414 514

09 | AVEIRO
C. CULTURAL E DE CONGRESSOS
Reserva: 213 414 514

10 | COIMBRA
TEATRO MUNICIPAL DE COIMBRA
Reserva: 213 414 514

12 | CALDAS DA RAINHA
C. CULTURAL DA COMENDADORA
Reserva: 213 414 514

13 | FARO
TEATRO DO PALÁCIO
Reserva: 213 414 514

DANÇA

SOMBROS

PHILIPPE DECOUFLÉ
COMPANHIA DCA

15.16MAIO
GRANDE AUDITÓRIO 21H M/12

UMA VIAGEM AO MUNDO DE FANTASIA DE PHILIPPE DECOUFLÉ É SIMULTANAMENTE UMA HOMENAGEM AO CINEMA MUDO.

CCB

DESCONTO CARTÃO AMIGO CCB

THEATRE NATIONAL DE CHARENTAIS GRAND THEATRE DE L'AGGLOMERATION THEATRE DE NANTES LA COMEDIE - THEATRE NATIONAL DE LA NORMANDE THEATRE NATIONAL DE L'ILE DE FRANCE THEATRE NATIONAL DE L'OCCEANIE THEATRE NATIONAL DE L'AUVERGNE THEATRE NATIONAL DE L'ILE DE FRANCE THEATRE NATIONAL DE L'OCCEANIE THEATRE NATIONAL DE L'AUVERGNE THEATRE NATIONAL DE L'ILE DE FRANCE THEATRE NATIONAL DE L'OCCEANIE THEATRE NATIONAL DE L'AUVERGNE

WWW.CCB.PT

CCB

DIAS DE MAIO 7.14.21.28 QUINTAS DE JAZZ

CONCERTOS DE JAZZ
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
NA CAFETERIA QUADRANTE
M/12 ENTRADA LIVRE

MAIO A SETEMBRO '09
WWW.CCB.PT

+ INFO
www.ccb.pt

Cinema

Filme



Três anos depois da estreia do seu último filme, "Marie Antoinette", a argumentista e realizadora **Sofia Coppola** anunciou a sua quarta longa-metragem. Chama-se "Somewhere" e, à semelhança de "Lost in Translation", o filme com que ganhou o Oscar de

Melhor Argumento Original em 2004, também será maioritariamente rodado num hotel. Chateau Marmont, em Los Angeles, foi o hotel que Sofia escolheu como cenário do filme. É conhecido por ter sido e continuar a ser o refúgio de algumas celebridades problemáticas, como Britney Spears e Jim Morrison, e será o refúgio

da principal personagem do filme, um actor que mantém uma vida de excessos até que a visita inesperada da filha de 11 anos o leva a pensar a sua vida. Stephen Dorff ("Blade") e Elle Fanning ("The Curious Case of Benjamin Button"), irmã mais nova de Dakota Fanning, estão já confirmados como protagonistas, no papel de pai e filha.

Coffee-break

Cézanne no México



Bárbara Reis

Em 1910, mal chegou a Paris, Diego Rivera teve um choque. Parou à porta da galeria de arte de Ambroise Vollard, na Rue Laffitte, e ficou a olhar para o quadro que estava na montra. Era um Cézanne e Rivera, acabado de sair do México e ainda um jovem pintor pouco viajado, nunca tinha visto nada assim.

O que se passou a seguir pode não ser verdade - as mentiras de Diego Rivera são mundialmente conhecidas - mas está na belíssima biografia "Diego & Frida", de Le Clézio, último Nobel da Literatura, e contada pelo próprio: "Comecei a olhar o quadro pelas onze horas da manhã. Ao meio-dia, Vollard saiu para ir almoçar, fechando a porta da galeria. Quando voltou, cerca de uma hora mais tarde, ao encontrar-me ainda mergulhado na contemplação do quadro, Vollard lançou-me um olhar feroz. Do seu escritório vigiava-me, olhava-me de tempos a tempos. Estava tão mal vestido que ele devia pensar que eu era um ladrão. Depois, de repente, Vollard levantou-se, pegou noutra Cézanne no meio da sua loja, e colocou-a na montra no lugar do primeiro. Passado um instante substituiu a segunda tela por uma terceira. Depois trouxe, sucessivamente, três outras Cézannes. Agora a noite caía. Vollard acendeu as lâmpadas na montra e colocou lá outro Cézanne. Finalmente, veio à soleira da porta e gritou: "Tenha paciência, já não tenho mais!".

Diego, que tinha 24 anos, contou ainda que (escreve Le Clézio), "voltando para casa às duas horas e meia da manhã, foi acometido de febre e de delírio, devidos, ao mesmo tempo, ao frio das ruas de Paris e ao choque provocado pelos quadros de Cézanne".

Quinze horas a olhar para seis Cézannes, sem intervalo para almoço, lanche ou jantar, é uma excentricidade típica de Rivera, o ogre gigante devorador de mulheres, comunista amigo de capitalistas (Nelson Rockefeller), com pais judeus e amigo de anti-semitas (Henry Ford). É uma loucura à escala dos seus murais monumentais e uma voracidade igual à que o fez ficar 19 horas a ver e ouvir a fábrica de carros de Ford em Detroit (deslumbrado pela acumulação "das massas de ferro" e de "música à espera de um génio") ou a pintar murais durante 18 horas seguidas sem descer do andaime.

Quinze horas a olhar para seis Cézannes, sem intervalo para almoço, lanche ou jantar, é uma excentricidade típica de Rivera

Esta primeira ida a Paris - antes da Frida Kahlo, antes da revolução mexicana e antes de todas as tragédias que se seguiram (a ele, a ela e aos dois) - mudou a sua vida e fez com que nos anos seguintes Rivera introduzisse as ideias pós-impressionistas de Cézanne na sua pintura.

Vollard, que tinha 44 anos no dia em que conheceu Rivera, já era um galerista famoso e respeitado por acreditar em artistas desconhecidos e desprezados, pintores como Picasso, Gauguin, Van Gogh e Cézanne.

Eram os dois grandes e gordos, Vollard com ar "grosseiro" e "olhos caídos", Rivera com "mãos de sapo" e corpo de "elefante" (palavras de Frida), e olhos excessivamente afastados. Um ficou célebre pela fórmula de "comprar baixo e vender alto", andava de motorista e morreu sem herdeiros; o outro foi um guerrilheiro da arte que achava a pintura abstracta uma parvoice burguesa, teve quatro mulheres e seis filhos. Um mudou a forma como o mundo via a arte; o outro mudou o modo como os mexicanos se vêem a eles próprios e como o mundo olha para o México. Vollard morreu num desastre de automóvel no Verão de 1939, aos 73 anos, Rivera com um cancro em 1959, aos 70. Não sei se chegaram a conversar naquela maratona à porta da galeria da Rue Laffitte. Mas perante tudo isto esse é um pormenor irrelevante.

breis@publico.pt

← funciona ao mesmo tempo como convenção e subversão: pega no franchise dos X-Men da Marvel e faz grande plano para o líder evidente, o misterioso Wolverine, ao mesmo tempo que, numa "prequela" aos acontecimentos dos três filmes centrais, conta a origem da personagem, respondendo a uma série de dúvidas e perguntas que haviam ficado no ar. Obviamente, não é por acaso que este "Wolverine" responde também aos desejos de Hugh Jackman de ter o seu "filme a solo" - o actor australiano é, aliás, um dos produtores - e que quer prolongar a seriedade que os filmes originais de Bryan Singer trouxeram à cultura "pulp/pop" da BD. O problema é que as ambições mitológicas do guião, com o confronto fraternal entre Logan/Wolverine e o seu irmão Victor a propulsião a intriga como verso e reverso da medalha (ou, se quisermos, Bem e Mal), nunca são sustentadas por um filme que nunca pára o suficiente para as justificar nem injecta um mínimo de convicção ou frescura nos lugares-comuns em que aposta abertamente. "Wolverine" deixa-se ver enquanto aventura de super-herói, mas também não traz nenhum motivo de interesse para ir ao cinema em vez de esperar pela passagem na televisão ao domingo à tarde. E convenha-se que é um desperdício de talento para Jackman, Liev Schreiber e Danny Huston, que são todos francamente melhores que isto. J. M.

Continuam

Um Amor de Perdição
De Mário Barroso,
com Tomás Alves, Catarina Wallenstein, Virgílio Castelo, Ana Moreira. M/O

★★★★☆

Lisboa: Castello Lopes - Loures Shopping: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h10, 00h20; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 3: 5ª 2ª 3ª 4ª 13h35, 17h45, 19h30 6ª Sábado Domingo 11h50, 13h35, 17h45, 19h30; Medeia Monumental: Sala 4 - Cine Teatro: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h, 16h45, 18h30, 20h15, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 22h05, 23h55; Castello Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 22h, 00h15, ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h05, 23h20;

Porto: Medeia Cine Estádio do Teatro Campo Alegre: Cine Estádio: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 18h30, 22h; ZON Lusomundo Mar Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h10, 17h20, 19h20, 21h50, 24h;

Se mais provas não houvesse (e até tem havido), "Um Amor de Perdição" é o exemplo ideal de que é possível fazer cinema para o grande público em Portugal sem tombar no audiovisual formatado para televisão, pegar numa obra clássica da literatura portuguesa e adaptá-la para os



"Um Amor de Perdição"

nosso dia sem a trair nem a esventrar, e conseguir no processo um ótimo filme de "produção média", sem ser populista nem elitista, como não é hábito fazer-se por cá. Mário Barroso já o tinha conseguido ao primeiro ensaio, "O Milagre Segundo Salomé" (2004), mas sobe a fasquia com esta adaptação livre do "Amor de Perdição" de Camilo inteligentemente transformada em apaixonado melodrama adolescente dobrado de meta-comentário do próprio romance (usado como artifício no interior da própria história), sem perder nada do romantismo quase operático original, sublinhado pela sumptuosa partitura de Bernardo Sassetti. Dito isto, o grande trunfo de "Um Amor de Perdição", que é a sua modéstia discreta, joga um pouco contra si próprio - há momentos em que seria preciso um rasgo qualquer para levar o filme um pouco mais longe e, sobretudo, a intensidade de Tomás Alves não encontra eco nem na Teresa de Ana Moreira (praticamente ausente do filme) nem na Mariana demasiado apagada de Catarina Wallenstein. Mas que isso não impeça "Um Amor de Perdição" de encontrar o público que merece. **J. M.**

The International

- A Organização

The International

De Tom Tykwer, com Remy Auberson, Clive Owen, Naomi Watts. M/12

☆☆☆☆☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 3: 5ª 6ª 18h30, 21h10, 23h50 6ª Sábado 13h10, 16h, 18h30, 21h10, 23h50 Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h30, 21h10; Castelo Lopes - Lauros Shopping: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h, 21h, 23h30; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 9: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h, 16h20, 18h40, 21h35, 23h50 6ª Sábado Domingo 11h35, 14h, 16h20, 18h40, 21h35, 23h50; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 4: 5ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h15, 18h45, 21h40, 23h55 6ª Sábado Domingo 11h40, 13h50, 16h15, 18h45, 21h40, 23h55; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 1: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h, 16h20, 19h05, 21h35, 23h55 6ª Sábado Domingo 11h30, 14h, 16h20, 19h05, 21h35, 23h55; Medeia Saldanha Residence: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h50, 00h20; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 12: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h10, 22h, 00h30 Domingo 11h30, 14h15, 16h45, 19h10, 22h, 00h30; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h30, 21h10, 23h50; ZON Lusomundo CascaShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 16h, 18h30, 21h50, 00h25; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h20, 17h55, 21h05, 24h; ZON Lusomundo Odvelas Parque: 5ª 15h50, 18h35, 21h40, 00h15 6ª Sábado 12h55, 15h50, 18h35, 21h40, 00h15 Domingo 12h55, 15h50, 18h35, 21h40 2ª 3ª 4ª 15h50, 18h35,

As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
Almoço de 15 de Agosto	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Um Amor de Perdição	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Casamentos e Infidelidades	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Isto é Inglaterra	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Mulher Sem Cabeça	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
A Organização	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Sinais de Futuro	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Um Segredo Muito Nosso	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
Singularidades de uma Rapariga Loura	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆
X-Men Origens: Wolverine	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆	☆☆☆☆☆

21h40; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h35, 18h15, 21h25, 00h10; ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h45, 18h20, 21h45, 00h25; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h25, 18h10, 21h15, 23h50; Castelo Lopes - Fórum Barreiro: Sala 1: 5ª 6ª Sábado 21h20, 23h50 Domingo 2ª 3ª 4ª 21h20; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h, 21h, 23h45; UCI Freeport: Sala 2: 5ª 2ª 3ª 15h40, 18h50, 21h45 6ª 15h40, 18h50, 21h45, 00h10 Sábado 13h30, 15h40, 18h50, 21h45, 00h10 Domingo 13h30, 15h40, 18h50, 21h45; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h45, 18h25, 21h35, 00h15; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h25, 21h10, 23h50;

Porto: Arrábida 20: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h55, 16h25, 19h, 21h35, 00h15 3ª 4ª 16h25, 19h, 21h35, 00h15, Medeia Cidade do Porto: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h30, 21h30; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h15, 22h, 00h30; ZON Lusomundo NortShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 17h, 21h, 24h; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h30, 18h20, 21h10, 23h50; ZON Lusomundo Fórum Aveiro: 5ª 6ª Sábado 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30 Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h50, 21h40;

Ir ver um novo filme do alemão Tom Tykwer, realizador do mau "Corre Lola Corre" e do péssimo "O

Perfume", faz tremer de susto qualquer espectador timorato: de semelhantes credenciais só se espera o pior. Talvez por isso, "A Organização", que não inventa coisíssima nenhuma, resulta visível, amarrado como está a um cerrado programa de fazer reverter variações sobre "teorias da conspiração", para falar do capitalismo selvagem e seus maldéficos. Não se pense, no entanto, que escapamos aos mais óbvios clichés narrativos ou a uma

direção de actores certinha, mas sem rasgos de maior. Claro que há a "famosa" sequência do Museu Guggenheim (para que não nos acusem de comparações descabidas, não falamos de Hitchcock, nem de "Intriga Internacional"), só que a montanha acabou por parir um rato: o relativo virtuosismo conseguido não possui qualquer função no resto do filme, morno, bem-comportado, mas inócuo. **Mário Jorge Torres**

SKYFEST



WORLD MUSIC, JAZZ & BLUES

DE 14 A 17 MAIO



M/12

DIA 14 | QUINTA

**EDSON CORDEIRO
COM THE KLAZZ BROTHERS**
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



M/12

DIA 15 | SEXTA

NNEKA
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



M/18

DIA 16 | SÁBADO

DYNAMICS
ARENA LOUNGE (ENTRADA LIVRE)



M/12

DIA 17 | DOMINGO

LILA DOWNS
AUDITÓRIO DOS OCEANOS



RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT / SAIBA MAIS EM WWW.UAU.PT

"A Organização": bem comportado, mas inócuo

O comboio português



Pedro Costa, João Pedro Rodrigues, J
estão de partida para o Festival de Cannes. Levam na l
uma chave mágica, um detido em prisão

Jeanne Balibar por
Pedro Costa: "Ne
Change Rien"
(Quinzena dos
Realizadores)



Pedro Costa vem filmando uma atriz francesa, Jeanne Balibar, a metamorfosear-se em cantora ("Ne Change Rien"). João Pedro Rodrigues declara guerra com os sentimentos, João Nicolau abre as portas da fantasia, João Salaviza extasia-se ao sol com gladiadores no subúrbio português, Mónica Baptista apanhou o Expresso do Oriente. E o Festival de Cannes (de 13 a 24 de Maio) está à vista deles, que para ali levam, respectivamente, "Ne Change Rien" (Quinzena dos Realizadores),

"Morrer como um Homem" (Un Certain Regard), "Canção de amor e saúde" (Quinzena dos Realizadores), "Territórios" (Semana da Crítica), "Arena" (Competição de curtas)...

Para quem vai de comboio: Mónica Baptista apanhou boleia de um "atelier" europeu, o Ciné-Train, que actualiza uma prática revolucionária dos soviéticos, quando, nos anos 30, sob a égide de Aleksandr Medvedkin, as equipas de rodagem atravessavam o país de comboio para documentar os feitos do regime e dar voz ao povo; e assim a portuguesa deu voz a um russo e a um tchetcheno. De Moscovo a Vladivostok, já nas margens do Mar do Japão, viajando em terceira classe, "onde tudo é aberto, as pessoas convivem", onde tudo potencia "coincidências", eis que surgiu a Mónica a

primeira "personagem": um tchetcheno, "orador nato". O russo, mais novo, esse ocupava a cama de baixo no beliche onde dormia a realizadora. Não estava ali mesmo ao lado, estava ali mesmo em baixo.

Um e outro nunca chegaram a entrar em diálogo, mesmo quando estiveram lado a lado, a realizadora não os forçou, mas o que se passa em "Territórios" confronta, "sem acusações, sem culpabilizações", quem fez o serviço militar na fronteira entre a Geórgia e a Tchetchênia, o russo, alguém para quem a fronteira não é uma ideia, é a realidade, e o tchetcheno, "que é um saudosista da URSS, não quer fronteiras."

Filmado em três dias e três noites, em Setembro de 2008, completado a bordo no resto da viagem - 15 dias



Néon

PEDRO CUNHA

passa por Cannes

, João Salaviza, João Nicolau, Mónica Baptista
a bagagem uma actriz/cantora francesa, um travesti,
o domiciliária e o Expresso do Oriente. Vasco Câmara



A violência urbana em "Arena", de João Salaviza (competição de curtas-metragens)



ENRIQUE VIVES/RUBDO

"É um filme sobre a solidão, sobre uma personagem que luta desesperadamente para não estar só"
João Pedro Rodrigues, "Morrer como um Homem"



O último inverno na vida de um travesti: "Morrer como um Homem", de João Pedro Rodrigues (Un Certain Regard)



aventura explodiu mesmo no título): a primeira parte será uma crónica de costumes lisboeta, a segunda um filme de piratas, a bordo da "Vera Cruz", réplica de uma caravela do século XV... E assim continuará João Nicolau a filmar os malabarismos das suas personagens, às voltas com as suas escolhas éticas (épicas?) e morais.

Estado de guerra

E a longa de João Pedro Rodrigues, "Morrer como um Homem", é um filme de guerra. Ou seja, é assim que o realizador quer que seja visto: "Quería que este filme fosse visto como um filme de guerra, no sentido mais geral, um filme de guerra de sentimentos." Rodrigues confessa a sua inquietude perante o fantasma de estar sempre "a fazer a mesma coisa - embora ande sempre à volta das mesmas coisas", e por isso realça que "Morrer como um Homem", a história do último Inverno da vida de Tonia, uma veterana do espectáculo de travesti lisboeta, tem no centro uma personagem mais velha do que as personagens dos seus filmes anteriores, "O Fantasma" e "Odete". "É um filme sobre a solidão, sobre uma personagem que luta desesperadamente para não estar só", diz. Nota que é um "filme mais austero, praticamente sem música, uma espécie de regresso a 'O Fantasma'".

É como uma luta de gladiadores urbanos, "Arena", vigorosa curta-metragem de João Salaviza que ele considera, para todos os efeitos, a sua primeira obra, já que a sua experiência anterior, "Duas Pessoas", "foi um exercício escolar, muito académico", que realizou quando tinha 19 anos - tem hoje 25.

Centrando-se num rapaz que vive em prisão domiciliária, "Arena" (foi o único dos filmes portugueses em Cannes que o Ípsilon já viu), é um

extraordinário "híbrido" (a palavra é do realizador): vigoroso ao passar um sentimento de verdade, como se antes destes 17 minutos de ficção estivesse toda a pesquisa para fazer um documentário - e é verdade que o filme mistura actores com experiência em cinema e "miúdos de bairros problemáticos" com vidas que poderiam ser as do filme, "miúdos que sabem o que é aquela violência" - e, simultaneamente, deleitado pelo espectáculo da sensualidade dos corpos e pela sua coreografia. (Salaviza, 25 anos, diz-se admirador do cinema dos irmãos Dardenne, Pedro Costa e Abbas Kiarostami, mas não temos a certeza se isso pode ajudar a vislumbrar alguma coisa...)

Tudo se une na extraordinária sequência final, momento de comunhão sensual com o sol e de entrega do "gladiador" urbano que regressa à sua prisão depois da efémera liberdade. O que é diabolicamente preciso neste filme? A forma como coloca o espectador na bancada da arena que dá para o gueto - experiência física e experiência mental.



O tchetcheno e o russo... "Territórios", de Mónica Baptista (Semana da Crítica)

-, tal como no tempo dos clássicos e revolucionários comboios soviéticos, e com um polaco na câmara e um "sound designer" russo, eis "Territórios", documentário de 11 minutos...

E eis a chave da curta "Canção de amor e saúde" de João Nicolau: a história improvável de um rapaz, "que não estuda muito", que trabalha numa loja de chaves num centro comercial do Porto e que fica preso aos testes de amor sempre que uma rapariga lhe pede para copiar uma chave - fica preso e é sempre mal sucedido.

Até um dia aparecer Marta do Monte, que estuda Belas Artes, está noutra degrau social mas tem uma grande chave, como as dos castelos, para copiar. Os dois experimentam a chave, e os dois vão parar a uma obra de arte do Museu de Serralves, "Double Exposure", de Dan Graham. "Uma reflexão sobre as artes plásticas, a arte contemporânea"...

Diz-nos João Nicolau que, não sendo essa personagem da família da personagem da sua curta anterior, "Rapace" (que era um jovem burguês de Telheiras, logo, uma projecção de si próprio), e tendo filmado numa cidade, o Porto, onde está "menos à vontade" do que em Lisboa, "Canção de amor e saúde" prolonga o empolgação fantasioso do seu cinema. E deixa-nos empolgados à espera da longa-metragem, que neste momento prepara, "A Espada e a Rosa" (para já

O empolgação fantasioso do cinema de João Nicolau: "Canção de amor e saúde" (Quinzena dos Realizadores)



orquestra gulbenkian

lawrence foster maestro

mai'09

07 21h00 + 08 19h00
grande auditório

obras de:
hindemith, beethoven



temporada
gulbenkian
de música 08' 09

venda de bilhetes:
www.musica.gulbenkian.pt

coro e orquestra gulbenkian

coro infantil da academia de música de santa cecília

lawrence foster maestro

alexandra mendes violino

stephanie friede soprano

mai'09

14 21h00 + 15 19h00
grande auditório

obras de:
block, beethoven, waxman*

(*1ª audição em Portugal)



yundi li piano

mai'09

16 19h00, grande auditório

obras de:
chopin, schumann, liszt, j. wang



mai'09

04 19h00
grande auditório
quarteto casals
alexei volodin piano
obras de:
chostakovitch

05 19h00
auditório dois
joão bettencourt da câmara piano
obras de:
liszt, chopin, brahms

11 19h00
auditório dois
étienne lamaison clarinete
otto pereira violino
maria balbi violino
maia kouznetsova viola
jeremy lake violoncelo
obras de:
brahms, osvaldo golijov



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Música

apresentação ANTENA 2

Photo: J. Wang